



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RAQUEL DA SILVA NASCIMENTO

A MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ÂMBITO DAS BIBLIOTECAS DIGITAIS

FORTALEZA

2019

RAQUEL DA SILVA NASCIMENTO

A MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ÂMBITO DAS BIBLIOTECAS DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação. Linha de Pesquisa: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Lidia Eugenia Cavalcante.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N198m Nascimento, Raquel da Silva.

A mediação da leitura no âmbito das bibliotecas digitais / Raquel da Silva Nascimento. – 2019.
123 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profª. Dra. Lidia Eugenia Cavalcante.

1. Bibliotecas digitais. 2. Mediação de leitura. 3. Práticas de leitura. 4. Ambientes digitais. I. Título.

CDD 020

RAQUEL DA SILVA NASCIMENTO

A MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ÂMBITO DAS BIBLIOTECAS DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação. Linha de Pesquisa: Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento.

Aprovada em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Lidia Eugenia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Martha Suzana Cabral Nunes
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus, que me guia.

Aos meus pais, Ludmary e José Carlos, e à
minha tia Ludmila, que me apoiam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que com seu amor me concedeu a benção desta conquista, me dando forças e me amparando quando eu precisava. Este trabalho foi confiado a Ele e a Nossa Senhora, que cuidou de todos os detalhes.

À minha família, meus pais, Ludmary e José Carlos, espero honrá-los todos os dias. Vocês são as pessoas que estão mais perto e mais conhecem meu coração, por estarem sempre comigo compartilho com vocês essa vitória. À minha tia Ludmila, que fez tanto por mim e desde o início da minha caminhada acadêmica me encorajou a ter determinação e gratidão.

À minha orientadora Lidia Eugenia Cavalcante, por ser uma inspiração no modo atencioso, inteligente e generoso em ensinar. Agradeço pela compreensão humana das minhas dificuldades e por conduzir minha escrita ao melhor que eu poderia fazer no momento. Sua orientação, durante esses dois anos de mestrado, me fez evoluir mesmo quando eu não acreditava em minha própria capacidade.

À banca examinadora, professor Jefferson Veras Nunes e professora Martha Suzana Cabral Nunes pelas considerações feitas em relação a este trabalho, seus olhares foram essenciais para aprimorar este conteúdo. Agradeço também às professoras Maria Giovanna Guedes Farias e Maria Cleide Rodrigues Bernardino por gentilmente concordarem em serem membros suplentes da minha banca.

Aos professores e alunos da Casa de Cultura Francesa/UFC, por me ouvirem e me acolherem na realização desta pesquisa. Agradeço à professora e coordenadora Ana Cláudia Barbosa Giraud, ao professor Robson José Feitosa de Oliveira e aos participantes das oficinas, a disponibilidade e atenção que me deram foi fundamental para a prática deste estudo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFC, pelo comprometimento e competência em transmitir conhecimentos e incentivar aprendizados. À secretária Veruska Maciel, pela solicitude em nos esclarecer dúvidas, ajudando-nos de forma paciente e carinhosa.

Aos colegas do mestrado por serem uma fonte de admiração pelo desenvolvimento de suas pesquisas. À minha turma, Ana Isabel, Escobar, Juliana, Mayara, Nayeli, Rafaela, Robson, Silvana e Thiago, por dividirem comigo ansiedades, expectativas e alegrias nessa caminhada e por me fazerem sentir bem depois de uma boa conversa. À minha brilhante amiga,

Ana Pricila, que torceu e me ajudou desde o processo de seleção do mestrado; e ao meu amigo Reubher, que me entendeu tão bem desde o primeiro dia em que nos conhecemos. Meus amigos, agradeço pelos sábios conselhos, por escutarem meus desabafos e pelos momentos de distração. Vocês são como anjos em minha vida.

Aos participantes do grupo de pesquisa de Mediação da Informação pela dedicação ao aprendizado, pela troca de experiências e conhecimentos. Agradeço também o apoio e a solicitude oferecidos na realização desta pesquisa.

Aos que trabalham na Biblioteca Central Campus do Pici (BCCP), em especial aos meus colegas da Seção de Atendimento ao Usuário, Ana Cristina, Anderson, Fernando, Luana e Wesleyne, à diretora da BCCP, Isabela Nascimento, e ao diretor da Biblioteca Universitária Francisco Jonatan Soares. Fazer parte dessa equipe foi um presente de Deus e uma felicidade. Agradeço a acolhida, o apoio e os ensinamentos.

À agência de financiamento de pesquisa CAPES pela concessão de bolsa durante o período de agosto/2018 a janeiro/2019, o que muito auxiliou na construção desta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Enfim, à vida das pessoas que de alguma forma contribuíram na elaboração dessa dissertação, minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a leitura e as práticas de leitura realizadas por meio dos acervos de bibliotecas digitais, observando as relações entre a leitura, os sujeitos e o conhecimento a partir do acesso on-line a obras de valor histórico e cultural mediados por esses ambientes digitais. Propomo-nos a utilizar como material para a pesquisa empírica da mediação de acervos digitais, o dossiê “França no Brasil”, concebido mediante parceria entre as bibliotecas nacionais do Brasil e da França, no qual os documentos retratam a história, relações e influências entre as culturas brasileira e francesa, disponibilizando aos usuários importantes acervos que trazem a relação entre esses dois países. Os acervos digitais permitem alcance abrangente a obras raras, frágeis ou em risco, que talvez não tenham a alternativa de acesso físico, de forma remota e instantânea. Na dinâmica entre o leitor e a leitura se vê a mediação e as complexidades que a envolvem. Desse modo, a identificamos como processo dinâmico e transformador junto às interpretações e reflexões dos sujeitos. Ligado às bibliotecas, se reconhece as relações com a leitura em uma trajetória que envolve aspectos sociais, culturais e educacionais, bem como os impactos e transformações ocasionados pelas tecnologias digitais. Vislumbrou-se investigar a relevância da mediação da leitura para a apropriação e a disseminação de informações e conhecimentos, a fim de melhor compreender como a leitura ocorre na conjuntura social, cultural e tecnológica das bibliotecas digitais por parte dos leitores. Buscamos esclarecer essas inquietações por meio de metodologia de cunho qualitativo, de nível descritivo ao perceber e retratar o objeto; e exploratório ao desenvolver conceitos relacionados ao fenômeno estudado. Das técnicas para coleta de dados, optou-se por almejar maior profundidade pela realização de oficinas discursivas, incorporando também outros instrumentos como grupos focais e a aplicação de questionários nas ações de aproximação dos leitores participantes às obras disponíveis nas bibliotecas nacionais digitais do Brasil e da França. O estudo traçou a mediação da leitura no âmbito digital, entendendo que este é um processo que envolve diversidade de elementos e contextos, para além do uso de instrumentos técnicos. Dessa forma, compreendemos a relevância de considerar olhares subjetivos, sociais e culturais na construção de sentidos atribuídos pelos sujeitos nas aproximações com objetos e meios.

Palavras-chave: Bibliotecas digitais. Mediação de leitura. Práticas de leitura. Ambientes digitais.

ABSTRACT

This research addresses reading and reading practices carried out through the collections of digital libraries, observing the relationships among reading, users and knowledge from online access to works of historical and cultural value mediated by these digital environments. We propose to use as a resource for the empirical research of mediation of digital collections, the dossier “França no Brasil”, conceived through a partnership between the national libraries of Brazil and France, in which the documents portray the history, relationships and influences between Brazilian and French cultures, making important collections available to users that picture the relationship between these two countries. Digital collections allow a comprehensive reach to works which are considered rare, fragile or are at risk and may not have the alternative of physical access, remotely and instantly. In the dynamics between the reader and the reading, we can see mediation and the complexities that surround them. In this way, we identified it as a dynamic and transforming process with the interpretations and reflections of the subjects. Linked to libraries, the relationship with reading is recognized in a path that involves social, cultural and educational aspects, as well as the impacts and transformations caused by digital technologies. The aim was to investigate the relevance of reading mediation for the appropriation and dissemination of information and knowledge, in order to better understand how reading occurs in the social, cultural and technological context of digital libraries by readers. We seek to clarify these concerns through a qualitative methodology, at a descriptive level when perceiving and portraying the object; and exploratory in developing concepts related to the studied phenomenon. Of the techniques for data collection, it was decided to aim for greater depth by conducting discursive workshops, also incorporating other instruments such as a focus groups and the application of questionnaires in the actions of approaching participating readers to works available in the national digital libraries of Brazil and France. The study traced the mediation of reading in the digital environment, understanding that this is a process that involves diversity of elements and contexts, in addition to the use of technical instruments. In this way, we understand the relevance of considering subjective, social and cultural views in the construction of meanings attributed by the subjects when approaching objects and means.

Keywords: Digital libraries. Reading mediation. Reading practices. Digital environments.

RESUMÉ

Cette recherche s'adresse à la lecture et les pratiques de lecture menées à travers les collections des bibliothèques numériques, en observant les relations entre la lecture, les sujets et les connaissances basées sur l'accès en ligne à des œuvres de valeur historique et culturelle médiatisées par ces environnements numériques. Nous proposons d'utiliser comme matériau pour la recherche empirique de médiation des collections numériques, le dossier «França no Brasil», conçu à travers un partenariat entre les bibliothèques nationales du Brésil et de la France, dans lequel les documents retracent l'histoire, les relations et les influences entre les cultures brésilienne et française, mettant à la disposition des utilisateurs d'importantes collections qui apportent la relation entre ces deux pays. Les collections numériques permettent une portée complète des œuvres rares, fragiles ou à risque, qui peuvent ne pas avoir l'alternative d'accès physique, à distance et instantanément. Dans la dynamique entre le lecteur et la lecture, la médiation et les complexités qui l'entourent se voient. Ainsi, nous l'avons identifié comme un processus dynamique et transformateur avec les interprétations et les réflexions des sujets. Connecté aux bibliothèques, le rapport à la lecture est reconnu dans une trajectoire qui implique les aspects sociaux, culturels et éducatifs, ainsi que les impacts et transformations provoqués par les technologies numériques. Il a été envisagé d'étudier la pertinence de la médiation en lecture pour l'appropriation et la diffusion d'informations et de connaissances, afin de mieux comprendre comment la lecture se déroule dans le contexte social, culturel et technologique des bibliothèques numériques par les lecteurs. Nous cherchons à clarifier ces préoccupations à travers une méthodologie qualitative, à un niveau descriptif lors de la perception et de la représentation de l'objet; et exploratoire dans le développement de concepts liés au phénomène étudié. Parmi les techniques de collecte de données, il a été décidé de viser une plus grande profondeur en conduisant des ateliers discursifs, incorporant également d'autres instruments tels que des groupes de discussion et l'application de questionnaires dans les actions d'approche des lecteurs participants aux œuvres disponibles dans les bibliothèques numériques nationales du Brésil et de la France. L'étude a retracé la médiation de la lecture dans la sphère numérique, en comprenant qu'il s'agit d'un processus qui implique une diversité d'éléments et de contextes, en plus de l'utilisation d'instruments techniques. De cette façon, nous comprenons la pertinence de considérer les points de vue subjectifs, sociaux et culturels dans la construction des significations attribuées par les sujets lors de l'approche des objets et des moyens.

Mots-clés: Bibliothèques numériques. Médiation en lecture. Pratiques de lecture. Environnements numériques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Novo prédio da Biblioteca Nacional [1910?].	67
Figura 2	–	Tela inicial BNDigital.	71
Figura 3	–	Seções do site “França no Brasil”.	73
Figura 4	–	Documento disponibilizado na coleção “França no Brasil”.	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Referencial teórico na pesquisa bibliográfica.....	78
Quadro 2	– Objeto de estudo.....	80
Quadro 3	– Aplicações metodológicas.....	81
Quadro 4	– Questões da coleta de dados relacionadas à temática da pesquisa.....	91
Quadro 5	– Análise (A) da questão “Você se considera um leitor? Por quê?”.....	93
Quadro 6	– Análise (B) da questão “Você se considera um leitor? Por quê?”.....	93
Quadro 7	– Análise (A) da questão “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?”.....	94
Quadro 8	– Análise (B) da questão “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?”.....	95
Quadro 9	– Análise (C) da questão “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?”.....	96
Quadro 10	– Análise (A) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”.....	100
Quadro 11	– Análise (B) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”.....	101
Quadro 12	– Análise (C) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”.....	101
Quadro 13	– Análise (D) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”.....	102
Quadro 14	– Análise (E) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”.....	102

Quadro 15	–	Análise (A) da questão “Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”	103
Quadro 16	–	Análise (B) da questão “Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”	103
Quadro 17	–	Análise (C) da questão “Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”	104
Quadro 18	–	Análise (A) dos comentários realizados na seção do questionário com perguntas em escala Likert.....	106
Quadro 19	–	Análise (B) dos comentários realizados na seção do questionário com perguntas em escala Likert.....	106

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	LEITURA: CONSTRUÇÃO E MOVIMENTO.....	20
2.1	Relações entre o leitor e a leitura.....	25
2.2	Dos suportes tradicionais aos suportes digitais.....	29
2.3	Práticas de leitura em ambientes digitais.....	34
3	LEITURA, MEMÓRIA E MÚLTIPLAS MEDIAÇÕES.....	39
3.1	Preservação da memória e fontes de informação em ambientes digitais	44
3.2	A mediação e seus contextos.....	49
3.2.1	A mediação da memória e da leitura na era digital.....	53
4	BIBLIOTECAS DIGITAIS: CONCEITOS, TRAJETÓRIAS E ACERVOS.....	56
4.1	Instituições de memória e seus acervos digitais.....	61
4.2	A Biblioteca Nacional do Brasil.....	65
4.2.1	A Biblioteca Nacional Digital (BNDigital).....	68
4.2.2	O dossiê “França no Brasil”.....	71
5	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	77
5.1	Técnicas e instrumentos de coleta de dados	82
5.2	Cenário da pesquisa.....	85
5.3	Coleta de dados.....	87
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	89
6.1	Entendimentos sobre a leitura.....	92
6.2	Contextos de mediações.....	98
6.3	Informação e biblioteca digital.....	104

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	112
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	120
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DA OFICINA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA EM BIBLIOTECAS DIGITAIS.....	121

1 INTRODUÇÃO

Tratar da leitura como tema de pesquisa é se deparar com extensa bibliografia, de caráter interdisciplinar, que perpassa variadas áreas do conhecimento. Tendo em vista os interesses de investigação deste estudo, discorreremos sobre conceitos de leitura que não se restringem à fisicalidade dos documentos, mas à interpretação, vivências e saberes dos indivíduos, de suas memórias, produzidos ao longo da história e disponibilizados em ambientes virtuais como formas de acesso ao conhecimento. Situada no campo da Ciência da Informação, esta pesquisa aborda especialmente a leitura e as práticas de leitura realizadas por meio dos acervos de bibliotecas digitais, de caráter histórico e cultural.

Neste estudo, observa-se as relações entre a leitura, os sujeitos e o conhecimento, no descobrimento e contato com obras de valor histórico e cultural disponíveis no espaço mediado por bibliotecas digitais, a partir do acesso à Biblioteca Nacional Digital do Brasil (BNDigital) e à coleção “França no Brasil”. Na perspectiva adotada, os textos se entrelaçam aos contextos históricos, sociais, culturais ou tecnológicos dos leitores, envolvendo a compreensão que se tem do mundo.

Sendo os indivíduos que dão significado e sentido à leitura, procura-se entender as influências das tecnologias digitais aplicadas aos papéis da biblioteca para com os usuários, em relação ao que é dado a ler. Se por um lado, ler é uma experiência íntima, pessoal e única; por outro, é prática de interação entre os sujeitos e com o mundo. Outrossim, integrado às experiências e dinâmicas presentes no cotidiano, inspiram novas ideias, opiniões e produzem novos conhecimentos.

Atualmente, é notável a evolução das tecnologias digitais em diferentes aspectos do desenvolvimento das sociedades. Os desdobramentos das tecnologias de informação e comunicação reverberam em diferentes âmbitos: social, político, econômico, educacional, cultural e outros. O crescimento informacional, aliado às tecnologias, acarreta um fluxo maior, intenso e rápido de produção e disseminação do conhecimento, cujas transformações trazem consigo avanços importantes para o desenvolvimento humano.

As tecnologias digitais são, atualmente, parte essencial no consumo, produção, compartilhamento, armazenamento, busca e uso da informação, ampliando possibilidades, permitindo inovações e motivando novas pesquisas em diferentes campos do conhecimento. Assim, presenciamos mudanças significativas da leitura entre o tradicional e o digital.

Os documentos, além do suporte físico, são gradualmente transportados para ambientes digitais por indivíduos e instituições, permitindo o acesso de forma remota e instantânea. Os suportes tradicionais e os digitais convivem lado a lado, enquanto os indivíduos se adaptam aos seus modos de interação. Vale ressaltar que é preciso certo domínio ao utilizar eficazmente as tecnologias digitais para sua conveniência, o que no âmbito da leitura estimula práticas referentes à aprendizagem e ao acesso.

Percebendo que os sujeitos e os objetos informacionais não se encontram isolados, mas se inserem, interagem e se entrelaçam em diversos elementos da realidade em que vivem, a assimilação de um e do outro não acontece de maneira direta, múltiplos aspectos fazem parte desse processo, o qual entendemos como mediação. Um mediador de leitura assume papel ativo de ser um colaborador e um incentivador, ao acompanhar e promover a aproximação entre essas duas partes, de forma implícita ou explícita.

Algumas das primeiras pesquisas que sondavam a comunidade de usuários, frequentadores das bibliotecas, se voltavam para a leitura. Com isso, começou a se destacar o compromisso social, cultural e educacional para com o público. Essa nova visão para as bibliotecas centrava-se então nos usuários e atentava-se em criar um espaço aberto e democrático em concordância com a comunidade atendida.

Tradicionalmente responsáveis pela guarda, organização e preservação dos documentos, as bibliotecas são lugares privilegiados para o fomento à leitura. Porém, à medida que as dinâmicas da sociedade se transformam, se torna necessário acompanhar as demandas dos sujeitos. Com o desenvolvimento das tecnologias, as bibliotecas digitais surgem com a intenção de melhor atender aos usuários, sendo fonte rica de informação, possibilitando ampla oportunidade de acesso.

Os acervos digitais permitem alcance abrangente a obras raras, frágeis ou em risco, que talvez não tenham a alternativa de acesso físico, devido à necessidade de salvaguarda. No Brasil, a BNDigital foi oficialmente inaugurada em 2006 com o objetivo de digitalizar materiais que compõem o patrimônio e a memória cultural do país, seguindo determinados critérios e disponibilizando de maneira democrática o acesso a esses documentos. Dentre seus propósitos estão preservar e disseminar a informação, alcançando um público diversificado ao proporcionar conteúdos históricos e culturais. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2019a)

Nesse cenário, observa-se o fomento à construção social de saberes, ao aprendizado e às práticas de leitura, independente do acesso. Assim, neste estudo, considera-se importante discorrer sobre os conceitos e práticas de leitura em bibliotecas digitais como temática principal. Com isso, vislumbra-se a leitura em sua forma tradicional por um lado; e as transformações que ocorrem diante das tecnologias digitais assim como a importância do papel dos leitores nesse processo.

Na dinâmica entre o leitor e a leitura se vê a mediação e as complexidades que a envolvem. Assim, a identificamos como processo dinâmico e transformador junto às interpretações e reflexões dos sujeitos. Ligadas às bibliotecas, são reconhecidas as relações que existem com leitura em uma trajetória que envolve aspectos sociais, culturais e educacionais, bem como os impactos e transformações ocasionados pelas tecnologias digitais.

Diante do exposto, vislumbra-se investigar a relevância da mediação da leitura para a apropriação e a disseminação da informação e do conhecimento a fim de compreender como a leitura se desenrola na conjuntura social, cultural e tecnológica das bibliotecas digitais por parte dos leitores. Assim se apresenta a **questão-problema** desta pesquisa: *Como se dá a mediação da leitura de obras históricas e culturais em bibliotecas digitais para apropriação da informação pelo leitor?* Para desvendar essa problemática nos concentramos em analisar uma coleção exposta na Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), como meio de delimitar o objeto de estudo empírico.

No dossiê intitulado “França no Brasil” uma série de documentos retrata histórias, relações e influências entre as culturas brasileira e francesa. Isso leva os indivíduos a se aprofundarem sobre o tema reunindo documentos como imagens, manuscritos, livros e cartas no formato digital. Esse dossiê é uma coleção concebida mediante parceria entre as bibliotecas nacionais do Brasil e da França.

Conhecendo os objetos de leitura, as características dos documentos e explorando suas possibilidades de produção, acesso, uso e disseminação de conhecimentos, apontamos alguns desdobramentos derivados da questão-problema, são eles: *quais as mudanças ocorridas entre a leitura tradicional e a leitura digital?; o que/quem atua como intermediário entre o leitor e a leitura nas bibliotecas digitais?; A mediação da leitura dessas obras pode contribuir no desenvolvimento de conhecimentos, na preservação da memória cultural e no ensino-aprendizagem?*

Buscamos esclarecer essas inquietações através de metodologia de cunho qualitativo, para entender a subjetividade e os contextos do que suscita a leitura em ambiente digitais. Nossa pesquisa terá nível descritivo ao perceber e retratar o objeto, e exploratório ao desenvolver conceitos relacionados ao fenômeno estudado (GIL, 1987).

Das técnicas para coleta de dados optou-se por almejar maior profundidade mediante a realização de oficinas discursivas, tendo a vantagem de incorporar também outros métodos como grupos focais e questionários nas ações de aproximação dos leitores participantes às obras disponíveis a partir do acesso à biblioteca BNDigital. Na abordagem colaborativa das oficinas, buscou-se promover a interação da coleção “França no Brasil” com alunos e professores, isto é, pessoas que julgamos interessadas no estudo da língua francesa e envolvidas com a Casa de Cultura Francesa (CCF) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A CCF/UFC oferece cursos promovendo o ensino de língua francesa e se destaca por desempenhar a função de difundir a cultura francófona para a comunidade que atende (CASA..., 2019). Com a técnica da oficina aplicada à prática da leitura em uma biblioteca digital, não só há a abertura de um espaço para diálogos, visibilidade, trocas e construção de sentidos, mas igualmente permite atos de sensibilização, reflexão e transformação.

A **justificativa** da escolha por esse tema de pesquisa parte da relação pessoal da autora com a leitura e da estima por obras que levam a conhecer mais sobre determinadas culturas, além da experiência como aluna da CCF/UFC. Da formação na área da Biblioteconomia demonstra-se a atenção pelo espaço das bibliotecas e dá-se continuidade aos assuntos leitura e tecnologia digital, estudados em virtude do trabalho de monografia na graduação, porém considerados sob outro viés.

Na Ciência da Informação, nota-se que o assunto da mediação se encontra cada vez mais relevante como objeto de estudo. Junto a investigação de conceitos de leitura e de tecnologias digitais de informação e comunicação, ansiamos reforçar a sua característica interdisciplinar com outras áreas.

Ao contribuir para o entendimento dessa temática no atual contexto tecnológico, informacional e social, esta pesquisa tem a intenção de revelar a importância e possibilidades relacionadas à leitura, partindo do acesso a obras históricas e culturais disponíveis em bibliotecas digitais, assim entevendo o desenvolvimento de conhecimentos, aprendizagens e valorização do patrimônio documental digital.

A partir do que foi exposto, no que concerne à temática e indagações da pesquisa, tem-se como **objetivo geral** compreender a mediação da leitura de obras históricas e culturais a partir do acesso ao dossiê "França no Brasil" através da BNDigital, no que tange ao desenvolvimento de conhecimentos, aprendizagens e valorização do patrimônio documental digital.

Complementar a esse objetivo, elaborou-se os seguintes **objetivos específicos**:

- a. Refletir sobre mudanças na forma como o leitor interage com a leitura em suportes tradicionais e digitais;
- b. Verificar como se dá a relação entre o leitor e a leitura em meios digitais;
- c. Explorar os contextos socioculturais, informacionais e de memória que suscitam a mediação da leitura em ambientes digitais;
- d. Analisar a disseminação do conhecimento e a preservação da memória cultural a partir do acesso às obras históricas disponíveis no dossiê "França no Brasil";
- e. Verificar a construção social da leitura e de suas práticas inerentes ao acesso a conteúdos digitais no dossiê "França no Brasil".

Dessa forma, almejando alcançar tais objetivos, os capítulos que se seguem estão assim apresentados: no capítulo 2 aborda-se modos de ler e diálogos entre o leitor e a leitura. Vemos conceitos de leitura que perpassam a compreensão e a interpretação para além das palavras, mas ligadas aos meios sociais e culturais, em processos de transformação e construção de conhecimentos. Nas mudanças entre suportes tradicionais e digitais de leitura percebemos diferentes facetas nas relações entre técnicas e práticas, com formas cada vez mais fluidas, plurais e complexas, o que influencia o ato de ler e as experiências de leitura pelos sujeitos.

No capítulo 3 propomos discussões que envolvem aproximações entre os conceitos de leitura, mediação e memória para a Ciência da Informação. Dos significados que a memória e a leitura adquirem em contextos sociais, exploramos como são perpetuados meios de registros, salvaguarda, difusão e compartilhamento, apontando assim a dinâmica da mediação de leitura, compreendendo aspectos informacionais e culturais. Ainda nesse capítulo, observamos as bibliotecas como lugares de memória e as novas possibilidades que as tecnologias digitais trazem a esse cenário.

Já no capítulo 4, dedicamo-nos em analisar a constituição das bibliotecas digitais e seus percursos conceituais, alinhados ao desenvolvimento das tecnologias digitais na sociedade. Dessa maneira, relacionando-os à leitura e informação no ambiente virtual, abordamos questões

referentes à preservação e ao acesso a acervos de memória e patrimônios culturais documentais. Nesse momento, traçamos o histórico da Biblioteca Nacional do Brasil, a consolidação da Biblioteca Nacional Digital e apresentamos o dossiê “França no Brasil”, objetos de destaque em nosso estudo sobre mediação de leitura em bibliotecas digitais.

Em seguida, no capítulo 5, descrevemos a metodologia da pesquisa, bem como perspectivas teóricas e instrumentos adotados para coleta de dados. Orientando-nos por vieses qualitativos, descritivos e exploratórios, efetuamos primeiro uma pesquisa de caráter bibliográfico apontando o referencial teórico estudado. Também demonstramos as expectativas quanto à realização de oficinas discursivas, englobando técnicas de grupo focal e questionário, para obter e gerar informações referentes à mediação de leitura, para isso utilizando do acesso à BNDigital e ao dossiê “França no Brasil” nessa atividade de investigação.

Isso posto, preparamo-nos para as práticas de coleta e análise, com o intuito de esclarecer a questão-problema, compreendendo os objetivos do presente trabalho. Relatamos no capítulo 6 como se deu a coleta com o planejamento e realização das oficinas e a organização dos dados produzidos para a análise. Na interpretação e análise dos dados, voltamos nosso olhar ao referencial teórico apresentado na pesquisa, relacionando conceitos com as realidades observadas nas práticas do estudo empírico.

Em conclusão, buscamos conceber os aspectos subjetivos e culturais da leitura em meio às transformações que se desdobram com a evolução das tecnologias digitais. Nesse cenário, considerar a mediação da leitura como um fenômeno complexo possibilita que a nossa compreensão se expanda quanto às práticas e construções sociais que envolvem a leitura integrada ao cotidiano, histórias de vida e aprendizados. No âmbito das bibliotecas digitais, tornou-se mais claro para nós que, através de iniciativas de digitalização e disponibilidade do documento em meio virtual, é favorecida a elevação dos potenciais de preservação da informação e acesso ao conhecimento por meio da popularização de patrimônios documentais digitais.

2 LEITURA: CONSTRUÇÃO E MOVIMENTO

A leitura como tema de estudo, tem sido abordada ao longo dos anos por diversas áreas e múltiplos enfoques. Como exemplo, pode estar associada à fisicalidade dos suportes de escrita, analisada sob a ótica da linguística, das linguagens, da representação, da literatura, da comunicação ou das ações culturais entre grupo e pessoas. Assim, ao vislumbrar os estudos oriundos das mais diferentes abordagens, percebe-se a leitura e o leitor de forma dinâmica, sempre em construção e em movimento, cujas possibilidades vão além da escrita e do suporte.

Em princípio, partimos da análise da leitura sugerida por Jouve (2002, p. 13) que interroga “sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê (ou se pode ler)”. Pensando sobre isso, vemos surgir diferentes facetas nos modos de ler por parte dos indivíduos, que podem se manifestar em linguagens diversas, na individualidade e no coletivo. Distinguimos leituras na escrita, nas imagens, em pessoas, no papel, na tela; ou identificamos abordagens de caráter profundo ou superficial, dependendo do seu propósito.

Assim, a existência de um texto ganha sentido no diálogo com o leitor, associando-se à realidade em que ele vive e ao seu “repertório” pessoal, como afirma Scholes (c1991, p.25) “a leitura é sempre o esforço conjugado de compreender e de incorporar”. O que é lido e apreendido, seria oportunizado pelo conjunto de competências, conhecimentos e contextos que cercam o leitor. A leitura, então, nasce da compreensão e da interpretação feitas pelo leitor, apelando tanto para a afetividade quanto para a cognição e assim observar e entender o que o cerca.

Podemos afirmar que “a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções” (JOUVE, 2002, p.17). Essas características se referem à dinâmica do ato de ler que se conecta a múltiplos elementos. Alguns são os processos mentais e a subjetividade dos indivíduos, o meio social e cultural em que estão inseridos e as tecnologias que dão suporte à leitura.

Ler não se restringe a um ato mecânico, automático de pura descodificação da palavra. O ato de ler é um processo bem mais abrangente e complexo. É um processo de compreensão, de inteligência de mundo; envolve uma característica essencial e singular ao homem, distinguindo-o dos outros animais: a sua capacidade simbólica, a sua capacidade de interagir com o outro pela mediação da palavra. (BRANDÃO, 1994, p. 85).

Como humanos, somos constituídos de experiências, memórias e emoções pessoais, mas também integrados a um ambiente que dita influências, ordenações e estímulos compartilhados em uma comunidade. A leitura é construída no cotidiano do leitor e, logo se realiza sob esses fatores. Dificilmente, duas pessoas terão a mesma vivência e, portanto, a mesma experiência de leitura. Na propagação desta, porém observamos a capacidade de inspirar e reinventar o que está em volta.

Kleiman (1999, p. 13) afirma que “o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”, assim, é na concentração de conhecimentos diversos acumulados pelos indivíduos que se viabiliza a construção de sentidos das leituras pelos leitores. Nessa acepção, Lajolo (1997, p. 106-107) contribui ao explicar sobre a dinâmica entre os leitores e os significados dos textos.

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu.

Chartier (1994, p. 13) reafirma essa ideia ao dizer que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos”. Dessa forma, se torna igualmente uma atividade composta de manifestações sociais e símbolos culturais. A amplitude da realidade em que os sujeitos vivem se envolve nesse processo tanto quanto a sua mente e o que está em seu íntimo.

Desse modo, entendemos o fenômeno da leitura acompanhada por elementos que fazem parte da sociedade e da cultura. Na expressão e disseminação de opiniões, valores, costumes, vemos o potencial da leitura em desenvolver o pensamento crítico, a criatividade e o conhecimento dos sujeitos.

Silva (1988, p. 22), relaciona a atividade de leitura e escrita a um bem cultural humano, revelando a importância do registro do conhecimento e o poder dos indivíduos ao “ler os dados da realidade, analisá-los, transformá-los e registrá-los a seu próprio benefício cultural e histórico.”

Com isso, observamos a capacidade transformadora da leitura. Muito além de uma prática solitária, no contato com um novo texto, inicia-se um movimento que continua em outras leituras e para outros sujeitos. O que se lê não se esgota ao término de uma obra lida, mas

alimenta um ciclo de produção, transmissão e trocas de novas informações e ideias. Dessa forma, "a leitura introduz, portanto, uma 'arte' que não é passividade" (CERTEAU, 2014, p. 49).

Refletindo sobre o que diz Certeau (2014) acerca da leitura como parte da cultura, o ato de ler é comparado à ação de caçar. Na sua apropriação pelos sujeitos, os elementos que envolvem essa dinâmica são abrangentes, relacionando-se a aspectos da sociedade. Compreende-se assim, que a busca pela leitura e pela arte seria uma forma de distinção entre os indivíduos.

Pensando a leitura em sua relevância para o crescimento pessoal ou coletivo, esta passa a pertencer ao imaginário do leitor como objeto valioso capaz de transformar a realidade. O aprendizado através da leitura como meio de obter informação, seriam formas de desenvolver pensamentos e práticas, evoluindo conhecimentos e posições.

Como vivemos em uma sociedade letrada, ou seja, baseada na escrita e na leitura (SOARES, 2002), esta se relaciona ao progresso com as produções textuais científicas, econômicas, políticas, literárias etc. A leitura, então, tem um papel fundamental em como percebemos a realidade, nos situamos nela e desenvolvemos comportamentos e técnicas para viver.

A leitura é uma forma de se obter conhecimentos para a produção do saber elaborado e também uma maneira de interação social com o mundo, o que significa dizer que ao lermos, abrimos fronteiras, alargamos horizontes, ampliamos os diálogos e alcançamos lugares e pessoas distantes. A leitura é, assim, uma prática social de uso da linguagem. (HOPPE; COSTA-HÜBES, 2013, p.3)

Sendo um meio reconhecido de buscar informações, conhecimentos e saberes, a leitura não permanece apenas na esfera individual, além disso, abrange as interações sociais no ambiente em que se inserem os sujeitos. Dessa forma, a leitura alcança novas perspectivas, atinge outros campos e se desenvolve através do diálogo, podendo-se dizer assim que "a leitura é um ato social, entre dois sujeitos - leitor e autor - que interagem entre si" (KLEIMAN, 1999, p. 10).

Na perspectiva da Ciência da Informação, somos motivados a refletir sobre a leitura e seus contextos quando pensamos sobre os processos informacionais que nos envolvem. Com isso, observamos que leitura e informação se encontram estreitamente relacionadas e, portanto, "Ela, leitura, deve ser considerada como parte intrínseca do processo de apropriação da

informação.” (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2007, p. 9). No entendimento e na mediação dos objetos informacionais com os sujeitos, enxergamos nos repertórios de leitura de cada pessoa a capacidade de gerar novos e únicos conhecimentos.

Na aproximação dos leitores com os livros observamos interpretações plurais, que surgem da diversidade de vivências e competências dos sujeitos com as intenções que as informações foram registradas. Construindo conhecimentos a partir do compartilhamento e apropriação de leituras, a liberdade e autonomia do leitor transparecem no rompimento de obstáculos e mudanças de estruturas.

Do mesmo modo, consideramos que a leitura é fluida, não se estabelece como algo imutável, mas se movimenta em diferentes esferas e se adapta a várias situações e leitores. Soma experiências e se converte em algo único.

[...] a leitura não tem lugar [...] O mesmo se dá com o leitor: seu lugar não é *aqui* ou *lá*, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo tanto um como outro misturando-os, associando textos adormecidos mas que ele desperta e habita, não sendo nunca o seu proprietário. (CERTEAU, 2014, p. 246, grifo do autor)

Paulo Freire (2006) chama a atenção para a “leitura de mundo”, formada não simplesmente pelas palavras e ação de decifrar símbolos de linguagem, mas sim constituída da leitura que fazemos do que está em nossa volta. Esse tipo de leitura se inicia desde o nascimento. Antes de entender a escrita, somos capazes de ler os elementos do ambiente que nos cerca e realizar leituras a partir disso.

A leitura de mundo é sustentada por nossas percepções sensoriais, visão, audição, olfato, paladar e tato. Da apreensão daquilo que se lê, são feitas associações, por exemplo, do que é seguro ou perigoso, do que traz conforto, agitação ou paz, do que é familiar ou estranho. Por outro lado, a leitura da palavra se dá no aprendizado da leitura formal de textos, da alfabetização. Como vimos, ela está presente na estrutura e desenvolvimento de uma sociedade letrada e acontece no movimento de transitar entre os espaços sociais ou culturais, sendo a base da evolução intelectual de uma comunidade.

Na contribuição de Freire (2006) se estabelecem perfis de leitura em um mesmo ciclo que se complementam. A princípio, na leitura de mundo se formam compreensões do que está ao redor e que irão projetar-se em recursos para a realização de uma posterior leitura da palavra. Uma dá continuidade à outra na relação entre realidade e linguagem, entre contexto e

texto. Observar o mundo sobre um novo ponto de vista, um novo entendimento, vai assim se traduzindo e se expandindo em mais leituras.

[...] ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2006, p. 11)

Nessa dinâmica, podemos perceber que a leitura se desprende do seu lugar original, pois esta não se trata de algo fixo e imutável, mas é dotada de natureza fluida. No encontro e na sucessão de diferentes leituras advêm transformações, ideias, percepções e conhecimentos.

Figurando nas trocas que ocorrem entre a linguagem e a realidade, reiteramos que o ato de ler se integra como parte do cotidiano da sociedade. Dessa forma, não há ruptura entre esses cenários, mas uma aproximação em que compreendemos o fenômeno da leitura a qual envolve uma percepção crítica, interpretação e reescrita do que é lido.

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2006, p. 21)

A experiência libertadora da leitura nasce então do que é criado nas lacunas além do que é apresentado ou mostrado aos sujeitos. É um exercício de imaginação que mescla a busca por informação, contextos sociais e emoções envolvidas. Recordamos que ler não é uma atividade passiva, pelo contrário, suscita dinamicidade que atua em conjunto com as palavras e as pessoas.

Nesse aspecto, Jouve (2002, p. 107) salienta que "A leitura é, portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação e de preenchimento". O texto adquire noções livres da realidade e nos espaços "vazios" entre o objeto de leitura e o leitor há a criação de entendimentos que nascem da subjetividade e refletem no meio em que vivem os sujeitos-leitores.

Destacando o lado humano e social no curso da concepção do que é leitura, percebemos os sujeitos como essenciais na construção de significados e na interpretação

decorrente do que se lê. Os contextos em que se inserem, então, influenciam na leitura e contribuem na variedade, diversidade e complexidade em que se estende.

A escrita e a leitura podem ser representadas e compreendidas de várias formas, como em textos e imagens, variando em linguagens e expressões culturais que conversam com a percepção do mundo, experiências e competências de cada um. “Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem” (MARTINS, 2009, p. 30).

Dessa forma, a prática da leitura se entrelaça aos movimentos da própria sociedade e cultura. Em relação ao leitor, nesse processo, observa-se que “[...] o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos.” (MARTINS, 2009, p. 81). Sempre fazendo conexões entre a mente e o íntimo dos sujeitos e o que se registra nos objetos informacionais a leitura não se esgota.

Um novo leitor pode constantemente extrair novas informações. De forma figurativa, podemos dizer que se plantam sementes que irão florescer em outros campos, em outras esferas. Atribui-se continuidade ao ciclo em que a leitura foi ponderada e apreendida, percebendo-se que ela é formada, ao mesmo tempo, de vieses emocionais, cognitivos e críticos.

Observando conceitos até aqui abordados, compreendemos a leitura em seu sentido plural e complexo, além da decodificação de signos, mas também como processo dinâmico de perceber o mundo e aprender com ele, respeitando a diversidade de contextos e realidades dos sujeitos.

2.1 Relações entre o leitor e a leitura

No entendimento da leitura, associado às percepções dos sujeitos, constatamos que ela se dá no diálogo entre autor e leitor. O sentido do texto desperta quando o leitor opera suas interpretações. Nas interações que ocorrem nesse processo, vislumbramos uma prática social, agregando contextos em que os sujeitos estão envolvidos, suas vivências e conjunturas culturais. Na autonomia proporcionada pela leitura, a formação do sujeito como leitor atua na compreensão do mundo e das palavras, tendo o potencial de transformar a realidade.

A formação do leitor é aprendida ao longo da vida. Ainda na infância, vemos que os estímulos relacionados à leitura podem agir com grande influência na construção de leitores. Esse incentivo vem de diversas esferas, seja ela familiar, escolar ou por meio da biblioteca. Essa construção é individual e torna-se diversa em cada leitor, “quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapem” (CERTEAU, 2014, p. 242).

Jouve (2002) ainda analisa que o impacto da leitura está ligado ao leitor e o que ele encontra nela, o que possibilita sua perpetuidade. Os temas apresentados e transmitidos nas obras literárias, artísticas ou científicas se conectam com as emoções, entendimentos ou uso que se faz delas, em uma correlação que reconhece o cotidiano nas leituras.

Como vimos, uma leitura pode ser transmitida e percebida de várias formas ao leitor. O conteúdo de uma obra é significativo quando é possível compreendê-lo e isso acontece por meio das aprendizagens e competências atribuídas aos sujeitos, “a relação da leitura com um texto depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido.” (CHARTIER, 1999, p. 152)

Em uma sociedade que faz uso da palavra escrita e das informações em suas interações e negociações com os indivíduos e contextos sociais, culturais, econômicos e outros, as práticas de leitura se relacionam em como os leitores lidam com as dinâmicas do cotidiano dessa sociedade e qual a relevância da leitura para eles.

Observamos, então, que a leitura ultrapassa os livros enquanto suportes de escrita, pois podemos ler objetos, lugares, situações e pessoas, por exemplo. O leitor irá desvendar a mensagem transmitida, decifrar conteúdos e com isso desenvolver seus próprios sentidos. Nessa dinâmica, o fluxo é contínuo e parte de ambas as direções, da subjetividade parte o entendimento do mundo exterior e do que desvendamos na realidade ao redor, causa uma reflexão que é interiorizada, provocando, assim, transformações no meio e nos sujeitos.

é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 2006, p. 19-20)

Como explanado por Manguel (2006), esse processo não tem começo nem fim, é a compreensão ou o início de uma compreensão, comparando-se à função essencial da respiração para os indivíduos, algo indispensável para a vida. Incluindo assim não só a leitura da palavra, mas a leitura que fazemos do nosso ambiente desde que nascemos. A leitura adquire, dessa forma, valores que se refletem nas práticas do cotidiano, no compartilhar de conhecimentos e influenciam as relações sociais.

Quando falamos da produção de informação e conhecimento a partir da leitura, trazemos à tona ações como interpretação, apropriação e disseminação. Há complexidade nessa dinâmica e contextos assim como há complexidade nos sujeitos e suas experiências, cognição e sentimentos. Nesse cenário, a transmissão de conhecimentos e o entendimento pelo outro não acontece de forma igual, mas se criam possibilidades para sua construção, considerando realidades e individualidades.

Nessa perspectiva, Manguel (2006, p. 201) faz referência à infinitude da leitura e como o leitor absorve e é absorvido por um livro, tornando-se uma coisa só: “somos o que lemos”. Passamos a carregar um texto conosco organizando em nosso íntimo partes das nossas leituras. Com isso, na troca de ideias e diálogos entre os indivíduos, as leituras podem ganhar novos potenciais de compartilhamento e mediação.

Manguel (2006), evoca ainda a memória ao falar de leitura, sendo os livros uma forma de registro intelectual humano, de um povo ou comunidade, e apresenta desse modo, pontos de vista, crenças e histórias de vida de indivíduos que pertencem a um meio social. Por essa razão, há o reconhecimento com realidades e sentimentos que fazem parte da condição humana.

Toda sociedade, nas suas diferentes etapas evolutivas, produz uma memória cultural e que a leitura vem a ser um dos instrumentos para conhecimento e transformação dessa memória, isto é, das ideias, instrumentos e técnicas produzidos e conservados pelo homem. Por isso mesmo, o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura. (SILVA, 1988, p. 22)

Quando lemos, “é como se uma memória tivesse subitamente sido resgatada de um lugar no fundo de nós mesmos” (MANGUEL, 2006, p. 340). Tais informações, conhecimentos e memórias, quando compartilhados, provocam uma conversa entre o leitor e outro, mesclando

e produzindo novas compreensões que vão além do aprendizado formal ou da “leitura da palavra”, assim também criando laços na identificação de algo em comum.

Destacamos que na leitura de mundo, nas descobertas da infância, no aprendizado com os círculos sociais, tais como a família e a escola, se estabelecem influências na formação dos sujeitos. Essa fase inicial é muito importante no fomento de um aprendizado mais amplo e no interesse de buscar leituras mais profundas.

Um aprendizado fundamentado em valores que favorecem o pensamento crítico, a criatividade, a autonomia, a liberdade e o aprender ao longo da vida motivam competências que irão acompanhar o leitor na construção de conhecimentos através de práticas sociais leitoras. “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele.” (MARTINS, 2009, p. 15). Assim, o que abrange o contexto pessoal nas primeiras leituras são valiosas para o suporte e continuidade da leitura no desenvolvimento dos sujeitos.

Aprendendo a ler o mundo à nossa volta, uma das vantagens que a leitura proporciona é a habilidade de se mover melhor nele. Na apropriação da informação e do conhecimento, a partir de diferentes leituras, nos são dadas ferramentas para entender a realidade, inspirar comportamentos e orientação para tomadas de decisão e resolução de problemas. Com isso, não só aprendemos com o ato de ler, mas com as práticas leitoras no meio social em que se pode induzir transformações, ideias e ações.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam - aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 2009, p. 17)

Desse modo, vemos que ao adquirir conhecimentos através da leitura estão envolvidos diversos elementos e contextos, como afirmado por Burke (2003, p. 161) “[...] a aquisição do conhecimento depende não só da possibilidade de acesso a acervos de informação, mas também da inteligência, pressupostos e práticas individuais.” Para o leitor implicam competências, experiências, subjetividade e cognição.

Nas práticas sociais de leitura, os leitores dialogam com o meio social, cultural, histórico, atuando de forma ativa na relação com o mundo e com os outros indivíduos. Complementar a isso, se encontram as oportunidades que abrangem os métodos de registro, organização e o acesso às informações, assim como as possibilidades de obtenção para quem as busca.

2.2 A leitura: dos suportes tradicionais aos suportes digitais

Na seção precedente, discutimos a liberdade do leitor, sua capacidade de ler o mundo, palavras e linguagens, de inferir sentidos à leitura e de transmitir seus conhecimentos, além do potencial de gerar transformações no meio. Abordando sobre o principal objeto de leitura: o livro. Lembramos que este se encontra suscetível a ordenações diversas, como exposto por Chartier (1994, p. 8): “O livro sempre visou instaurar uma ordem; fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação”.

Na história da leitura, muitas vezes, vemos os artifícios dos leitores em subverter tais ordenações impostas e constatamos o poder de se apropriar do que é lido, produzindo e atualizando significados diante dos contextos sociais e culturais. Por outro lado, perceber as limitações que circundam os suportes de leitura também é importante para entender este fenômeno e as práticas leitoras que ocorrem em sociedade.

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidade físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. (CHARTIER, 1994, p. 8)

A leitura se manifesta de diferentes formas. Na escrita, os materiais utilizados ao longo do tempo já se diversificaram desde as tábuas de argila, passando por pergaminhos feitos de matéria-prima animal, do papel de origem vegetal ao mais recente, às telas dos equipamentos eletrônicos. Ademais, além da fisicalidade dos registros de informação, a leitura pode ser transmitida de forma oral, cercada também dos contextos variáveis que compõem a realidade.

No contato com a leitura, o entendimento nasce da capacidade de decifrar e interpretar o que é lido, de desvendar as intenções passadas pelo texto, de dominar técnicas e práticas. Através das competências e vivências do leitor se constroem conhecimentos a serem compartilhados da mesma forma em outros processos de leitura. Como vimos, esse ciclo é mutável, acompanhando as mudanças presenciadas na realidade e adquirindo características próprias e especiais de determinados períodos.

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77)

As mudanças que impactam os modos de ler são revoluções que redefinem e reinventam as práticas de leitura no meio social. Como exemplo, da leitura em voz alta que convidava à participação do outro, para a leitura silenciosa, percebemos o ato de ler se tornando algo mais íntimo e independente.

Outro evento de grande importância foi a invenção da imprensa por Gutenberg no século XV. Em um momento de crescente alfabetização da população, de efervescência política e cultural na Europa, a invenção permitia a impressão de livros de forma mais rápida e econômica, o que contribuiu ainda mais na difusão das obras e no aumento do número de leitores.

Burke (2003, p. 161) aborda uma revolução mencionada no século XVIII que trata do deslocamento da concentração dos sujeitos em leituras intensivas, aprofundadas e reverentes, para leituras extensivas, amplas. Dessa forma, dissolvia-se o caráter sagrado concedido aos livros no período medieval, época em que a instituição do clero concentrava sua produção e armazenamento.

A passagem entre esses dois tipos, em grande parte, relaciona-se com o progresso e multiplicação dos objetos de leitura que acontece intensamente. A ampliação do acesso à informação ao alcance dos indivíduos, de certa forma, transfere para as leituras um perfil mais veloz e fluído, que considera maiores quantidades de textos lidos. Esta situação traça paralelos com o que observamos nas discussões da leitura no meio digital na atualidade.

Do reverente ao superficial, é inegável o poder da leitura por meio dos livros. “O livro provou ser uma das tecnologias mais úteis, versáteis e duradouras da história” (LYONS, 2011, p. 7). Seja manuscrito ou impresso, o uso dos livros atende a diversos propósitos no desenvolvimento cultural da humanidade, como no registro das informações e conhecimentos e na aprendizagem.

Os diferentes formatos dos objetos de leitura acompanham e evoluem com as condições e práticas que são percebidas na sociedade. “Desde os primórdios, os leitores exigiram livros em formatos adaptados ao uso que pretendiam lhes dar.” (MANGUEL, 2006, p. 149). As tecnologias disponíveis se desenvolvem com a utilização que se faz delas, assim, no caso dos livros, vemos influências na adaptação do uso pelos sujeitos, em uma troca de qualidades que intervém nos modos de leitura.

Lyons (2011) apresenta pontos representativos da história do livro ao traçar um panorama da leitura em diversos períodos. Não só a invenção da imprensa causou importantes mudanças nessa trajetória, mas outras “revoluções” em determinadas épocas motivaram nos leitores diferentes formas de ler.

Uma das primeiras revoluções apontadas concerne ao próprio formato do livro, com a invenção da escrita pedras começaram a ser cunhadas e durante a Antiguidade foram criadas estruturas mais leves e rápidas como papiros e pergaminhos. Nesses suportes, enquanto eram formatados em rolos, necessitava-se que a leitura se desenrolasse de modo linear e contínuo. Com a introdução do códice, por volta dos séculos II e III, o livro passa por uma impactante transformação na sua aparência e, conseqüentemente, na sua usabilidade. Tornou-se assim “coleção de folhas individuais frouxamente unidas entre si [...] com páginas a serem viradas em vez de uma longa tira de material a ser desenrolada” (LYONS, 2011, p. 8), ganhando uma forma semelhante a que vemos até hoje.

Já no século XIX, destaca-se o processo de industrialização na produção dos livros, novas tecnologias estavam sendo implementadas aos métodos de impressão e fabricação do papel, assim como novas máquinas a auxiliarem nesse trabalho. Juntamente ao progresso dos meios de transporte esses fatores contribuíram em uma maior distribuição, comercialização e economia referente aos livros.

Atualmente, presenciamos de uma nova “revolução” com a inserção de tecnologias eletrônicas e digitais. "A revolução eletrônica, por fim, é a maior mudança desde o códice. Ela mudou a forma física do livro ao simplesmente remover o material de suporte tradicional: o papel" (LYONS, 2011, p. 10). Dessa forma, entram em debate questões sobre a fisicalidade dos suportes de registro do conhecimento.

O material em que se lê não se encontra mais em palavras registradas apenas em papel. Este ultrapassou os limites do objeto concreto para o objeto virtual ou digital, baseado em linguagem de programação e armazenamento on-line. Assim, notamos a propagação da leitura através de telas, sejam telas de computadores, celulares ou *e-readers*, acompanhando a popularização desses equipamentos eletrônicos.

Decorrendo desse cenário, questões sobre a fisicalidade do livro entram em debate ao se perceber diferenças no material e nas maneiras que se lê. Mudam-se as formas de produção, organização e armazenamento, conseqüentemente, também há mudanças nos comportamentos dos leitores e nas práticas de leituras. Através de uma tela, as informações ultrapassam os limites do concreto e do presencial, podendo adquirir alcance global e de acesso contínuo em plataformas digitais.

O impacto dos computadores muitas vezes é comparado ao da invenção da imprensa de Gutenberg - erroneamente, porque a imprensa nunca mudou a forma material do códice, ao passo que os computadores já decretaram uma completa transformação na maneira como transmitimos, consumimos e interagimos com os textos. A internet colocou ao alcance de nossas mãos uma quantidade de conhecimento sem precedentes, criando novas e excitantes possibilidades [...] (LYONS, 2011, p. 167)

Desse modo, dentre as revoluções concernentes ao mundo dos livros e da leitura, Lyons (2011) atribui notoriedade às transformações que presenciamos atualmente. Isso porque atingem amplamente tanto o objeto, quanto os processos e dinâmicas que o envolvem, inserindo-se em diversas esferas da sociedade.

Hoje, o contato com os textos pode acontecer por meio de materiais bibliográficos, manuscritos ou impressos, mas também pode ocorrer por meio de artefatos tecnológicos ligados a sistemas de computação e baseados em códigos binários. As características dos espaços virtuais ou digitais e a conectividade conferida pela internet revelam novos modos e oportunidades de interação com a leitura.

Uma dessas características, como apontado por Santaella (2010), se refere à mobilidade das dinâmicas, “tanto no sentido de portabilidade, quanto de acesso à informação e principalmente a mobilidade de pessoas mudam a relação entre a informação e o mundo.” (SANTAELLA, 2010, p. 69).

Observamos que, com a integração das tecnologias digitais ao cotidiano dos indivíduos, os fluxos de informação se apresentam mais velozes e intensos. Na internet, um grande volume de textos se encontra disponível superando fronteiras geográficas e temporais, considerando esses fatores, a leitura se torna fluida, flexível e variada.

Sobre essa situação, já na década de 1990, Chartier (1994, p. 91) faz elucubrações que compreenderiam o futuro dos livros e das bibliotecas, ao referir-se a uma “biblioteca sem paredes” remetendo a superação do encontro físico com as obras e na possibilidade de ter acesso a um acervo infinito através de uma tela, pois no espaço digital, os textos existem de forma imaterial.

Na organização dos registros, criam-se estratégias para reunir as informações sobre as obras em um único lugar, como na criação de catálogos e bibliografias. Com o uso dos suportes eletrônicos, a reunião não só das informações sobre os livros cresce exponencialmente, mas a capacidade de reunir os próprios livros se torna ilimitada.

Pelo mesmo meio, pode-se acessar uma grande quantidade e diversidade de leituras. Não só isso, tal acesso passa a ser contínuo e realizado à distância. Chartier (1994, p 91) atribui assim mais um significado à liberdade da leitura ao dizer que “os textos não são mais prisioneiros da sua materialidade original”. A disseminação da informação e do conhecimento é ampliada, possibilidades de acesso e transmissão potencializadas.

Além disso, atualizam-se os debates em relação à preservação e à conservação dos documentos. Obras em risco por ação da natureza, do tempo e do homem, obras raras e de material já fragilizado têm a oportunidade de serem preservadas em meio digital. De modo online, seu conteúdo ainda pode ser visto e conhecido, de forma simultânea, sendo protegido seu estado original mediante preservação.

Como vimos, os contextos sociais e culturais muito influenciam o surgimento, acolhimento e uso de novas tecnologias. Na história das “revoluções” do livro, ao modificar o suporte dos textos, mudam-se estruturas, assim como formas de utilizá-lo e entendê-lo. “Passando do códex à tela, o ‘mesmo’ texto não é mais o mesmo, e isso porque os novos dispositivos formais que o propõem a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão.” (CHARTIER, 1994, p. 92)

Assim, o impacto das tecnologias digitais transforma não só o objeto de leitura, mas também o próprio ato de ler e a apreensão das informações pelos leitores. A experiência de ler um livro físico não é a mesma de ler por uma tela de smartphone. Chartier (1994, p. 101) aponta que “essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.”

Ainda segundo Chartier (1994) as possibilidades trazidas à tona por essas tecnologias são abundantes e multifacetadas, a representação dos textos se transforma conferindo características de imaterialidade e liberdade. O que entendemos como limites textuais são redefinidos, avançando de um para outro de modo rápido, instantâneo e mais aberto a manipulação.

Sobre as influências da internet em nossa sociedade, Lévy (1993) se debruça em compreender as realidades e relações que envolvem os indivíduos e as tecnologias. Estamos diante de experiências inovadoras, “vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados” (LÉVY, 1993, p. 17).

Acompanhamos o desenvolvimento de tecnologias ainda desconhecidas quanto ao modo como devem ser lidadas e no que irão originar. No âmbito da leitura, as mudanças convergem para uma maior dinamicidade e fluidez na produção, organização e utilização dos registros de conhecimento. As práticas leitoras assim se adaptam e se reinventam à luz das necessidades e costumes presenciados no meio sociocultural, dessa forma, a seguir analisaremos tais práticas em ambientes digitais.

2.3 Práticas de leitura em ambientes digitais

Buscando compreender as atuais práticas de leitura diante das tecnologias digitais e dos contextos sociais e culturais que se apresentam, refletimos sobre os conceitos que abrangem tanto a leitura quanto os leitores nesses contextos. Das práticas de leitura e escrita em que se destaca o caráter social, além do aprendizado formal da linguagem, ainda percebemos o conceito de letramento.

Soares (2002, p. 144) descreve o letramento como “práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”. Dessa forma, tal conceito se volta às condições em que acontecem os processos de leitura.

A recepção dos sujeitos, assim como o meio que os cerca e sua cognição se desenvolve, ressaltam a atuação das práticas sociais de leitura e escrita sobre um estado ou condição dos participantes que se envolvem de modo ativo nas interações do letramento. Essa visão é adotada por Soares (2002, p. 145) ao declarar o letramento não como as próprias práticas, eventos, ou impactos, mas, para além disso, o estado ou condição em que é exercido.

Com isso, Soares (2002) distingue outro ponto a ser destacado, os efeitos das tecnologias sobre a leitura na sociedade. Observa-se que os instrumentos eletrônicos de informação e comunicação, bem como a internet, estão provocando e conduzindo a novas práticas de leitura e escrita, ou seja, contribuem ao estabelecer estados ou condições diferentes das práticas de leitura e escrita no papel.

Voltando às reflexões de Lévy (1993), esse autor expressa que a introdução de novas tecnologias em um meio social não é determinante na aplicação, utilização ou impactos resultantes que se faz delas. De outra forma, são condicionantes, as práticas se adaptam a partir da sua apropriação pelos indivíduos. No tocante à evolução das tecnologias relacionadas à leitura e à escrita, dois importantes elementos são apontados: o espaço de registro e seus métodos de produção, reprodução e difusão. (SOARES, 2002, p. 149)

As transformações concernentes a esses elementos atingem também a própria natureza do letramento. Isso porque percebemos mudanças no encontro do texto a ser lido, nas práticas e nas formas de se relacionar com ele. A experiência de leitura, assim como a cultura

leitora em rolos de pergaminhos, em códices, papel e em telas são muito diferentes, em grande parte isso se deve ao espaço que a leitura ocupa e se apresenta.

Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um "lugar" em que a escrita se inscreva/escreva, mas cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente. [...] Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador. [...] Há estreita relação entre o espaço físico e visual da escrita e as práticas de escrita e de leitura. [...] O espaço de escrita relaciona-se também com os gêneros e usos de escrita, condicionando as práticas de leitura e de escrita. [...] O espaço de escrita condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto. (SOARES, 2002, p. 149)

Desse modo, as tecnologias digitais nos revelam a tela, seja do computador, do smartphone ou outra, como um novo espaço de inscrição da leitura e escrita e também novas maneiras de ler. Assim, desenvolve-se o letramento no espaço digital, em que se reflete o estado ou condição dos sujeitos e suas práticas nesse meio, o qual potencializa o acesso às informações e construções do conhecimento.

O leitor, nesse contexto, adquire a tendência de adquirir junto com as tecnologias características de fluidez, rapidez e ubiquidade. Soares (2002) comenta da aproximação da leitura no meio digital com os processos mentais dos indivíduos. Os hipertextos seguem um movimento organizado em redes, conectando informações de modo similar aos fluxos de pensamentos.

Os hipertextos são, por conseguinte, descritos por sua “[...] *forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.*” (XAVIER, 2005, p. 171, grifo do autor). No entendimento de Xavier (2005), o hipertexto envolve novas formas de leitura e escrita para interpretação do mundo, mediando relações entre sujeitos e informação.

Esses textos, em ambientes digitais, não são constituídos apenas de palavras, mas compreendem leituras de imagens, sons, símbolos e outras linguagens, dispostos em redes e disponíveis virtualmente de forma simultânea. Segundo Soares (2002, p. 154), os hipertextos dão maior liberdade ao leitor no que se refere à construção de estruturas e sentidos, assumindo também papel de autor.

Santaella (2014), por sua vez, identifica tipos de leitores ao associar suas características mais pronunciadas ao desenvolvimento da leitura na sociedade. Traçando perfis

cognitivos para cada um, o primeiro a se destacar é o leitor *contemplativo*. Historicamente, esse leitor se vê presente a partir do século XVI, em que “tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis” (SANTAELLA, 2014, p. 30).

O leitor contemplativo se dedica a suportes estáveis que ele encontra de forma física, sejam livros, pinturas ou mapas, os quais ele lê de forma linear, porém relê várias vezes, refletindo e amadurecendo sobre novos pensamentos, conceitos e significações para as obras. A partir da leitura silenciosa feita de forma individual, Santaella (2014, p. 29) expõe que é uma “relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade”, assim os leitores se entregam e se demoram nas leituras.

Com o início da modernidade, passou a ser demandada velocidade diferente de leitura, acelerava-se o crescimento das cidades e da população, ressaltando características de efemeridade, grandeza e mudanças. As atitudes do leitor, nesse cenário, voltam-se para acompanhar essa velocidade e os estímulos diversos que passam a ser presentes no cotidiano, “é o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais, leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas.” (SANTAELLA, 2014, p. 30)

Dessa forma, a atenção do leitor do tipo *movente* não se situa em algo fixo, e sim mutável. As informações estampadas em jornais e fotografias se aproximam do que é presenciado no dia a dia, tendendo a uma duração curta, momentânea, os leitores assim partem em busca de outras novidades.

Ademais, com a evolução das tecnologias, Santaella (2014) aponta um outro tipo de leitor, o *imersivo*. Este surge de um novo modo de ler através das telas de computadores. Ao contrário dos textos impressos em livros e lidos em sequência, a leitura adquire qualidades de imaterialidade e fluidez. O leitor imersivo interage com as informações de modo instantâneo e conectado, tendo possibilidades múltiplas de acesso, organização, preservação ou disseminação; sendo necessário desenvolver competências para lidar com sua busca e uso.

Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que transitam entre textos, imagens, documentação, músicas, vídeo etc. (SANTAELLA, 2014, p. 31)

Santaella (2014) ainda afirma que o aparecimento de um tipo de leitor não suprime a existência do outro. A autora acredita que eles “coexistem, complementam-se e se completam.” (SANTAELLA, 2014, p. 31). Isso, porque variados tipos de suporte de leitura coexistem e, assim, cada leitor desenvolverá suas habilidades, experiências e maneiras de ler, por vezes apoiado pelo meio que se encontra e pelos outros sujeitos com os quais convive.

Tal situação se mostra mais aparente com a identificação de um novo tipo de leitor, reconhecido como leitor *ubíquo*. Para descrevê-lo Santaella (2014, p. 35) faz referência aos leitores apresentados anteriormente. Do movente, inserido em um panorama de aceleração e deslocamentos, são transmitidas as práticas de interação com diferentes linguagens e símbolos, em constante movimento. Igualmente, do leitor imersivo se percebe a capacidade de se envolver e adentrar de modo concentrado nas leituras.

O leitor *ubíquo* ocupa um lugar na sociedade participando de modo ativo na comunicação que acontece física ou presencialmente, seja em ambientes de casa, trabalho, escola e outros. Concomitantemente, há a possibilidade desse leitor colocar-se facilmente em outro ambiente, de natureza virtual ou digital, participando também de outras relações dialógicas. “O que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado” (SANTAELLA, 2014, p. 35)

Nesse sentido, o leitor adquire práticas combinadas com a realidade dos ambientes digitais. São marcantes as perspectivas de disponibilidade, compartilhamento, múltiplas tarefas e alcance global que estamos vivenciando atualmente, o que, como dinâmicas sociais influenciam os modos de ler e os próprios leitores.

No próximo capítulo, prosseguindo com as questões teóricas que orientam esta pesquisa, nos propomos a estudar o fenômeno da mediação entre o leitor e a leitura.

3 LEITURA, MEMÓRIA E MÚLTIPLAS MEDIAÇÕES

Os estudos sobre memória evocam interesses de vários campos de pesquisa, em especial para as ciências humanas e sociais. Para a Ciência da Informação, no qual destacamos a mediação, salienta-se que leitura, memória e informação podem trazer importantes aproximações teóricas. Neste capítulo, propomos diálogos sobre estas interações conceituais.

A partir dos temas abordados nesta pesquisa, como leitura e mediação, inspiradas por contextos sociais e culturais, julgamos importante esclarecer o que se entende sobre memória associada à preservação de obras históricas. Barreto (2006), ao relacionar leitura e memória, discorre sobre as significações criadas pelos sujeitos ao conviver em um meio social. Para isso, faz-se o uso de construções simbólicas e conjuntos de informações, compartilhando com a comunidade uma memória que é coletiva, social. Como vimos, os registros do conhecimento através da escrita influenciam e são transformados por seus contextos históricos, o que, portanto, irá provocar mudanças também na salvaguarda da memória de um povo.

No presente cenário de utilização das tecnologias digitais, testemunhamos o despertar e consolidação de transformações nas formas de lidar com a informação e a comunicação, “com o aparecimento das sociedades da informação é possível perceber outras grandes e significativas alterações nos suportes de memória, o que vai possibilitar novas formas de agir à distância, estabelecendo, assim, um novo paradigma cultural” (BARRETO, 2006, p. 25).

Das maneiras de gravar, reproduzir e acessar as memórias registradas, nota-se outras possibilidades que não se aplicam a materiais físicos. Com isso, dispostos em redes digitais, o alcance ultrapassa limitações espaciais e temporais, diminuindo distâncias entre indivíduos e objetos, até mesmo mudando a percepção dos conteúdos simbólicos. Da correspondência entre leitura e memória, Barreto (2006) destaca serem elementos de significação para os sujeitos. Na leitura, criam-se sentidos a partir do entendimento do “mundo” e da “palavra, cada leitor desenvolve tais significações através de suas competências, aprendizados e experiências de vida.

Barreto (2006) expõe também uma característica particular da memória: “enquanto acervo de lembranças [...] um processo que se faz no presente para atender às necessidades do

presente” (BARRETO, 2006, p. 27). Nesse ponto de vista, memória não é armazenamento ou guarda ou algo que existe apenas como antigo ou passado, mas sim algo a ser resgatado, com forte significado para o presente. Dessa forma, é possível a reconstrução do passado no presente.

No curso da memória, são revividas lembranças e vivências de um povo, vistas e interpretadas com o olhar posto na atualidade e realidade sociocultural de quem rememora. Assim, faz-se alusão ao vivido através do ato de evocação: “a memória é menos um mecanismo de recepção e armazenamento de experiências e mais um processo dinâmico e interativo” (BARRETO, 2006, p. 28). É nesse ato dinâmico, desencadeado pelas relações entre os indivíduos, pelo processo de comunicação, pelas trocas de saberes e experiências compartilhadas, acontecendo em um determinado ambiente social, cultural ou de aprendizado que buscamos entender o conceito de memória relacionado à atividade da leitura.

Como apresentado no capítulo anterior, a leitura, do mesmo modo, é um processo dinâmico e dialógico, sendo realizado entre os indivíduos e o “mundo”, ou seja, a realidade que cerca o leitor e as práticas que ele vivencia, conversando com o seu interior. Por outro lado, a leitura também possui aspecto íntimo ligado às maneiras de pensar de cada sujeito, à constituição de suas emoções, suas experiências e habilidades.

Da mesma forma, para compreensão da memória é preciso voltar o olhar para o entendimento do todo, posto que envolvem noções e relações múltiplas em que o leitor participa. "Estudar a memória no homem, então, não é estudar uma ‘função mnemônica’ isolada, mas é estudar os meios, os modos, os recursos criados coletivamente no processo de produção e apropriação da cultura." (SMOLKA, 2000, p. 186).

Ao distinguir o lugar integrante dos indivíduos nas práticas que permeiam as relações sociais e culturais, discute-se a ideia de apropriação, como visto na citação anterior de Smolka (2000). Este ato, sendo uma forma de agir e colaborar no processo de comunicação de informações e conhecimentos, inseridos em um meio.

Observamos também que os tipos de leitor estão intensamente relacionados ao meio e condições sociais e culturais em que a leitura se desenvolve. Nesse sentido, Barreto (2006, p. 173) declara que “ao mesmo tempo que a leitura singulariza, pluraliza”, isso porque percebemos

que tais perspectivas e fatores ao apontarem para os processos de leitura acontecendo no interior dos sujeitos e no ambiente em que eles se encontram influenciam um ao outro mutuamente. Dessa forma, criam-se conhecimentos próprios em cada leitor e perfis que o individualizam, ao mesmo tempo em que se desenvolvem características e comportamentos que os identificam em um grupo. Com isso, os leitores se reconhecem no outro e estabelecem diálogos em que compartilham informações e conhecimentos, produzindo laços sociais, culturais ou afetivos.

Ler confere troca de experiências com o outro e permite o estabelecimento de relações das mais variadas naturezas entre as pessoas. Ler é um ato relacional que permite que o leitor saia de uma condição de isolamento para uma condição de participação fundamentada na comunicação. (BARRETO, 2006, p.174)

A leitura então auxilia na formação de identidades. É um ato íntimo, subjetivo, que pode proporcionar a interação entre grupos de sujeitos, fazendo-os pensar criticamente sobre os contextos a que pertencem e os papéis que representam na sociedade. Entretanto, ela não acontece isoladamente, mas se torna parte de uma comunidade. É no reconhecimento entre um indivíduo e outro, nas relações entre eles e o mundo que se criam sentidos para a leitura. “A noção de pertencimento tem a ver com o enraizamento, com a herança e a produção de um acervo cultural em comum” (BARRETO, 2006, p. 174).

Smolka (2000) reforça o sentido de coletividade, associado ao entendimento sobre a memória. Abordando tanto a leitura quanto a memória, refletidas nas interações humanas em âmbito social, observamos o incentivo à participação dos sujeitos como fator impulsionador de transformações. Assim como a memória não está reservada e mantida inalterada em um momento particular da história, do mesmo modo, vemos que ela não se restringe a uma materialidade ou manifestação específica. Segundo Smolka (2000, p. 186), “são muitos os sentidos de memória, muitos os sentidos de lugares da memória”. Se vê necessário considerar os sentidos de memória que nascem no interior e são também exteriorizados.

Os conhecimentos são assim compartilhados e transmitidos entre os sujeitos ao longo do tempo. Não mantidos estáticos, sem alterações, mas revividos no presente, participando das mudanças que acontecem no meio em que vivemos. Uma leitura pode ser revisitada e a ela serem atribuídos novos significados, gerando releituras. Sob esse ângulo, comparamos os conceitos de memória e leitura. Barreto (2006, p. 177) expõe que há a “dimensão memorativa da leitura, pois ela articula-se com tempos passados, ressignificados

pela experiência cultural do presente”. Os suportes de leitura e escrita passam por transformações e também impactam as estruturas e comportamentos em um meio social. Nessa situação, apontam-se as dinâmicas da comunicação, dos diálogos e da cultura intercedendo na leitura.

Da relação dos sujeitos com o mundo, ou seja, do pessoal com o externo, concebemos a imagem da mediação como um processo. Vigotsky (2007) distingue essa relação salientando que há um “desenrolar” que ocorre direta e indiretamente. Outro ponto importante é que a mediação transcorre de modo que as influências dos contextos históricos, sociais e culturais são intrínsecas a este processo.

A mediação de forma direta é entendida quando se percebe a utilização de instrumentos físicos ou materiais para a realização de atividades, já a mediação de forma indireta recorre a signos, em uma percepção cognitiva dessa ação. "A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico [...] é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico." (VIGOTSKY, 2007, p. 52).

Vigotsky (2007) faz essa analogia entre instrumento e signo ao explicitar a “função mediadora que os caracteriza." (VIGOTSKY, 2007, p. 53), pois assim a mediação acontece através de um mediador, participando do processo não somente um objeto físico, como também artefatos culturais simbólicos ou os próprios indivíduos que participam das relações culturais em uma sociedade.

Seguindo esse pensamento, Vigotsky (2007, p. 58) disserta também sobre a “internalização de formas culturais de comportamento” e das “atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas”. Nesse sentido, se formam as características psicológicas dos indivíduos como participantes do meio em que vivem, evidenciando a mediação dos sujeitos com os objetos e com o mundo como uma relação complexa.

Referindo-se à mediação no âmbito da informação e considerando as implicações nas esferas sociais e culturais, Feitosa (2016) reforça o traço de complexidade que percebemos no processo de mediação. Quando em contato com uma nova informação ou um novo conhecimento, são os sujeitos que atribuem significados e constroem sentidos. Dessa maneira,

estão ativamente produzindo novos conhecimentos, incorporando-os às suas experiências, aprendizados e competências.

Ao destacar as múltiplas possibilidades da mediação, Feitosa (2016, p. 108) afirma que se trata de um “voo comunicativo em interação, em compartilhamentos”. Desse modo, a comunicação oportuniza as práticas de leitura, o ato de partilhar vivências e as trocas de conhecimentos. Ao evocar a ação de voo, imaginamos o caráter de liberdade da mediação, um conceito que se movimenta e interage em diversos contextos e com diferentes elementos.

Tratando da mediação de leitura, entrevemos as oportunidades que provocam as práticas de leitura. Da diversidade de elementos que envolvem dinâmicas de mediação, voltamos nosso olhar às variadas interações entre pessoas, instrumentos, informações, no qual, entre o leitor e a leitura, figura um mediador que presta auxílio à potencial conquista de saberes ou experiências.

Eu defino mediador como aquele indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação. E como intermediário de leitura, o mediador encontra-se em uma situação privilegiada, pois tem nas mãos a possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas. (BORTOLIN, 2007, sem paginação)

Araújo (2014) relembra como o conceito de mediação foi se modificando ao longo dos anos. Na área da Biblioteconomia, inicialmente, propagou-se a expressão da mediação como uma ponte a ligar as necessidades informacionais dos usuários com os materiais dos acervos. Entretanto, notamos a evolução dessa compreensão ao conferir aos bibliotecários papéis mais ativos e presentes na ação de mediação da leitura com os usuários, sendo eles mediadores e, também, partes envolvidas nesse processo, colaboradores na construção de novos conhecimentos.

Quando a mediação adentra no atual contexto das tecnologias digitais, observamos o surgimento de novas práticas que dialogam com a realidade em que ocorrem. Assim, consideramos que a leitura, a mediação e as tecnologias se interligam por meio da cultura e da memória, alimentando-se e produzindo sentidos com o que é visto no cotidiano.

Sobre a manifestação dessas novas práticas, que através da mediação com espaços virtuais ou digitais irão influenciar e transformar modos de lidar com as informações, Santaella (2010, p. 136) afirma que “não é por meio da criação de uma esfera separada que isso se dá,

mas pela abertura de modalidades diferenciais de práticas que se inserem à sua maneira na vida cotidiana, refletindo e condicionando novas formas de acesso à informação e ao conhecimento.”

Vimos, então, que as dimensões culturais e sociais permeiam os principais assuntos tratados nessa pesquisa, como a leitura, a memória, a mediação e as mudanças tecnológicas. Percebemos hoje a presença de ferramentas eletrônicas, que permitem acesso a espaços digitais on-line, o que causa novas experiências e vivências dos sujeitos participantes nos processos de mediação, tornando-se necessário compreender melhor as dinâmicas desse meio.

3.1 Preservação da memória e fontes de informação histórica

Analisando, primeiramente as relações entre leituras do mundo e da palavra, com a cultura, procuramos, nesse contexto, entender as relações com a memória, seja individual ou de um grupo social. Seja guardando, organizando ou comunicando informações, vê-se ligações com a história, em um movimento entre passado e presente.

Le Goff (2003, p. 13) se debruça sobre esses temas, explanando que “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.” Desse encontro ocorre então uma conversa, que não se situa em um momento fixo, mas flui constantemente em variadas direções. Nos muitos e diferentes encontros e conversas entre esses elementos, nascem novas interpretações, novos sentidos. Como vimos, os contextos sociais e culturais influenciam e são influenciados pelas práticas dos indivíduos no cotidiano e significações atribuídas por eles ao ambiente ao seu redor. Ao visitar o passado no presente, é apontado que se criam perspectivas de futuro.

O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. [...] Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência - ou melhor, uma vida -, que deixa de ser "definitivamente passado". À relação essencial presente-passado devemos, pois, acrescentar o horizonte do futuro. Ainda aqui os sentidos são múltiplos. (LE GOFF, 2003, p. 25)

Percebemos dessa reflexão de Le Goff (2003), que conservar o passado, através de registros da história ou objetos que remetem à memória, seria importante não somente para salvaguardar narrativas e fatos antigos. Visto que, como em um constante movimento, a

passagem do tempo oferece oportunidades de novas leituras e novos conhecimentos, que se perpetuam no hoje e no amanhã.

Le Goff (2003, p. 9) aponta que “desde a Antiguidade, a ciência histórica, reunindo documentos escritos e fazendo deles testemunhos, superou o limite do meio século ou do século abrangido pelos historiadores que dele foram testemunhas oculares e auriculares”. O registro das informações em suportes de escrita proporcionou sua duração ao longo de períodos históricos. A difusão oral da memória foi transfigurada em estruturas materiais, reunidas e mantidas em instituições como bibliotecas e arquivos.

Entretanto, sob a ótica de Derrida (2005), Platão, personalidade da Antiguidade Clássica, mostrou-se contrário a essa ideia. Ao estudar esse filósofo grego, Derrida (2005, p. 47) afirma que, para ele, "sob pretexto de suprir a memória, a escritura faz esquecer ainda mais; longe de ampliar o saber, ela o reduz." (DERRIDA, 2005, p. 47). Assim, criticando a atividade da escrita como um recurso externo para transcrição subjetiva de pensamentos e conhecimentos, pondera-se as transformações que isso traria à capacidade de raciocinar e refletir. Com uma atitude de suspeita, Platão demonstra que "[...] depositando, com efeito, sua confiança no escrito, é do fora, graças a marcas externas [...], e não do dentro e graças a si mesmos, que se rememorarão das coisas" (DERRIDA, 2005, p. 49). Segundo ele, tal situação não representa uma obtenção ou incursão pela memória. O auxílio da escrita promoveria um artifício que não condizia com a verdade que Platão acreditava.

De acordo com Derrida (2005), Platão concebe a memória como um exercício a ser realizado utilizando-se das próprias faculdades dos indivíduos. Reconhece que é algo finito, aceita os limites humanos, e nessa característica de finitude, encontra-se sua vida e beleza. Na visão de Platão, ao fazer uso de algo externo, a memória é destituída de sua natureza, sua existência se torna mecânica e artificial e os saberes humanos são sobrepostos.

O limite (entre o dentro e o fora, o vivo e o não-vivo) não separa simplesmente a fala e a escritura, mas a memória como desvelamento (re-)produzindo a presença e a rememoração como repetição do monumento: a verdade e seu signo, o ente e o tipo. (DERRIDA, 2005, p. 55)

Ainda para esse autor, “[...] a *mnéme*, em vez de estar presente a si em sua vida, como movimento da verdade, se deixa suplantar pelo arquivo, se deixa excluir por um signo de re-memoração ou de com-memoração.” (DERRIDA, 2005, p. 56, grifo do autor)

Voltando, mais uma vez, às explanações de Le Goff (2003) sobre memória, estipulamos uma compreensão de que “tal como o passado não é a história, mas seu objeto, também a memória não é a história, mas um de seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 2003, p. 49). A memória não é única ou estática, longe disso, está sujeita a transformações e múltiplas concepções quando criadas e revisitadas ao longo do tempo.

Algumas mudanças em destaque, ao se referirem à memória acompanhando o desenvolvimento das sociedades e povos, segundo Le Goff (2003), concernem na organização da memória coletiva oral sob cuidados dos homens-memória, sujeitos responsáveis por proteger e transmitir ensinamentos em uma comunidade. Com o aparecimento da escrita, a memória passa a ser registrada em suportes específicos e diversos em cada cultura, além de reunidos em instituições como bibliotecas, museus e arquivos.

Le Goff (2003, p. 462) salienta que: “Mas os desenvolvimentos da memória no século XX, sobretudo depois de 1950, constituem uma verdadeira revolução da memória, e a memória eletrônica não é senão um elemento, sem dúvida o mais espetacular”. Nesse sentido, a evolução das novas tecnologias digitais é mencionada pelo autor como a precisão na reprodução de imagens em fotografias e a alta velocidade, eficácia e armazenamento das memórias de computadores.

Entre os estudos da memória individual, alvo de interesse, por exemplo, nas áreas da Psicologia e da Filosofia, Bergson (2010) a vê como uma ação ou prática, de acessar no presente o passado, distinguindo duas formas de isso acontecer. A primeira “se fará na própria ação” (BERGSON, 2010, p. 84), função espontânea da nossa condição material. A segunda “implicará um trabalho de espírito” (BERGSON, 2010, p. 84), com isso relacionada às conversões e movimentos do passado contextualizado no presente.

Assim, percebemos a importância da memória na construção da nossa história e cultura. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 2003, p. 469). Do ponto de vista social, a memória nas práticas cotidianas difunde valores, crenças, aprendizados e conhecimentos acumulados coletivamente, aproximando os indivíduos em grupos que se reconhecem.

Le Goff (2003, p. 470) também revela o caráter de poder que pode ser atribuído à memória. O que é preservado e conservado faz parte de um processo de seleção do interesse ou julgamento de um grupo. Por isso, ele aconselha que o que se aprende com a evolução de experiências e conhecimentos da história e da memória, registrados ao longo do tempo, contribua para a liberdade dos indivíduos no presente e no futuro.

Outro aspecto a ser falado são os lugares de memória. Nora (1993, p. 21) explica que “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional [...]. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”. Dessa forma incorporando ao mesmo tempo sentidos materiais e simbólicos, a memória é difundida e preservada através desses lugares.

Monteiro, Carelli e Pickler (2008) evidenciam as bibliotecas como lugares de memória para a humanidade. Por meio da guarda de acervos diversos que registram informações históricas sobre os indivíduos e suas localidades, produz-se entendimentos de como viviam, suas relações sociais, culturais, econômicas, políticas, assim preservando a amplitude da memória coletiva desses povos além da memória pessoal de cada um.

Na busca por informações que remetem à história e à memória por meio dos registros humanos em documentos, esclarecemos alguns outros conceitos. No campo da Ciência da Informação, analisando a informação como objeto de estudo, Capurro (2003) estabeleceu três paradigmas bastante difundidos e significativos para a área: são eles o *físico*, o *cognitivo* e o *social*. No primeiro, o paradigma físico, “postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor” (CAPURRO, 2003, sem paginação). Destaca-se a materialidade da informação em um sentido objetivo e técnico. Tal racionalização do conceito de informação na época contribuiu para seu caráter de cientificidade.

O paradigma cognitivo, por sua vez, surge da observação de que o conhecimento não se encontra intrínseco aos registros em suportes de escrita. “A informação não é apenas a sua manifestação física, o registro material do conhecimento – é preciso ver, também, o que está na mente dos usuários.” (ARAÚJO, 2010, p.96). Esse paradigma se volta para conhecer a mente e os processos cognitivos dos usuários, em como eles adquirem e apreendem as informações.

Por último, o paradigma social transcende essa perspectiva individual e distanciada de contextos ao alcançar uma visão da informação como uma construção coletiva, com efeitos nas dinâmicas e práticas dos sujeitos. Capurro (2003, sem paginação) considera que “só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo.”

Para a área da Ciência da Informação no contexto francês, Nunes (2015) revela, no desenvolvimento dessa ciência, a relevância da ligação dos processos comunicacionais com os conceitos de informação, evidenciando seu caráter interdisciplinar. Dessa forma, os sentidos atribuídos à informação, perpassam concepções da aquisição de conhecimentos pelos sujeitos, considerando conjunturas cognitivas e sociais, no qual a informação adquire potencialidades transformadoras.

Reconhecemos esses conceitos ao considerar as atividades de pesquisa documental e bibliográfica e o que seriam fontes de informação. No âmbito da pesquisa histórica, Rodrigues (1978, p. 21) a define como “descoberta cuidadosa, exaustiva e diligente de novos fatos históricos, a busca crítica da documentação que prove a existência dos mesmos”. Nisso constatamos que os documentos dão embasamento às informações, permitindo que no ato da consulta surjam novas interpretações e novos conhecimentos.

Lara (2008, p. 18) ao realizar sua pesquisa, primeiramente diferencia fontes de documentos. Isso porque, segundo ela, "o historiador tem à sua disposição um número limitado de textos e, para fazer história, precisa inventar suas fontes" (LARA, 2008, p. 18). Esse ato significa que nas tentativas de se extrair informações e se interrogar sobre os registros, a pesquisa e o acesso às fontes são contemplados por transformações. Os documentos não estão simplesmente guardados isolados no mundo, mas sofrem interferências dos indivíduos e do ambiente tanto na sua produção quanto no seu uso.

Ao longo de suas vidas (individuais ou coletivas), homens e mulheres produziram textos diversos – do modo como achavam que deveriam ser escritos, por motivos e com fins os mais variados, que foram guardados ou descartados segundo critérios que faziam sentido para eles e, depois, para os profissionais responsáveis por sua preservação. [...] tais registros geralmente chamados de documentos por arquivistas e historiadores - constituem o universo no qual os historiadores escolhem suas fontes de informação sobre o passado." (LARA, 2008, p. 18)

Com a intenção de desvendar acontecimentos e realidades do passado, percebe-se que é necessário compreender não apenas o texto em si, ou o que está registrado, mas também os contextos ligados ao momento de sua criação “a leitura não deve buscar apenas o que foi escrito, mas também como foi escrito, por que foi escrito e como aquele texto circulou e foi guardado” (LARA, 2008, p. 22). Nos vínculos que existem entre esses elementos, na próxima seção iremos analisar o complexo processo de mediação da leitura, refletindo sobre seus diferentes contextos.

3.2 A Mediação e seus contextos

Abordamos o tema mediação sob a ótica de Vigotsky (2007), Araújo (2014) e Feitosa (2016), principalmente, verificando características que apontam a mediação em relação à cognição dos indivíduos e seus processos mentais, assim como a complexidade dessa dinâmica entre os sujeitos, os objetos e o mundo, aferindo a isso marcas culturais. Acentuamos que a compreensão e a aplicação do termo mediação passeiam em diversas áreas, apresentando distintos entendimentos vistos sob diferentes olhares. Ora sob forma específica, ora abrangente, formal ou informal, a utilização da mediação possui dimensões amplas. Dedicamo-nos a buscar relações com a leitura e na pesquisa por informações no atual cenário tecnológico digital.

Reunindo referências ao traçar um panorama histórico na percepção dos conceitos de mediação, Beleza (2009) esclarece a mediação no âmbito social. Primeiro, como uma ferramenta para solução de conflitos, enfatizava-se a satisfação de necessidades individuais ao se resolver problemas. Entretanto, segundo Beleza (2009), difunde-se também uma orientação transformadora, na qual se encara os conflitos de modo positivo. Assim, dá-se oportunidade de crescimento e empoderamento aos sujeitos, visando o bem-estar social.

Ainda outra direção se faz perceber, a universalista. Semelhante à anterior, encarando a mediação como mais do que um método mecanicista para solucionar conflitos, a via universalista, contudo, valoriza as relações sociais. “A orientação transformadora tem interesse na transformação moral dos indivíduos; a via universalista tem como objetivo estabelecer ligações entre as pessoas.” (BELEZA, 2009, p. 28)

No âmbito da educação, Silva (2011) vê a mediação como uma prática fundamentalmente social e educativa. No percurso da evolução de seus conceitos, ele a identifica "de técnica específica na resolução de conflitos, predominantemente racional, para um novo modo de regulação social, onde predomina a lógica comunicacional" (SILVA, 2011, p. 253).

Com isso, destacamos a interpretação da mediação como um processo que envolve as interações sociais, a comunicação entre os sujeitos visando um desenvolvimento tanto individual quanto coletivo. Silva (2011) percebe que, no contexto educativo, a mediação é favorável às possibilidades integradoras no decorrer da formação dos sujeitos. Assim, esse autor descreve que "a mediação se constitui como uma acção múltipla, com potencialidades (trans)formadoras, cujo objectivo é formar para a responsabilidade e cooperação, a partir da elevação da auto-estima e da autonomia." (SILVA, 2011, p. 257). A aprendizagem, associada às práticas que incluem a mediação, valoriza uma postura de reflexão. Já o seu carácter social repousa nas dinâmicas de interação e diálogos entre os participantes, considerando pluralidade de opiniões e diferentes pensamentos para construção de conhecimentos.

Discorrendo sobre a mediação no campo da Ciência da Informação e no da Comunicação, Davallon (2007) distingue alguns usos do termo na articulação entre elementos informacionais e comunicacionais. Um deles circunscreve o senso comum de elucidar conflitos, conciliando partes em desacordo. Outro, refere-se à "acção de servir de intermediário ou de ser o que serve de intermediário" (DAVALLON, 2007, p. 7). Nesse sentido, a mediação não apenas promove ligações, mas participa ela mesma do processo, criando algo e estimulando mudanças.

Ainda segundo Davallon (2007), analisa-se como a mediação transita entre entendimentos técnicos, vista como um instrumento ao se referir aos usos das tecnologias e entre entendimentos sociais, em que observando-se uma comunidade podemos perceber suas práticas e sentidos atribuídos. Assinala-se também a função do mediador, um ator social, no processo de mediação.

A noção de mediação parece, portanto, designar, neste caso, as operações – assim como os seus efeitos – de tecnicização do processo de comunicação (mediação técnica) e, ao mesmo tempo, da intervenção da dimensão subjectiva nas práticas de comunicação (mediação social). (DAVALLON, 2007, p. 10)

Como conclusão, Davallon (2007) expõe o uso da concepção de mediação como uma ação de transformação, atuando junto à realidade e aos meios de comunicação. Isso implica uma participação colaborativa dos sujeitos, em uma atitude que promova mudanças em conjunto mais do que o papel de intermediário entre as relações.

Feitosa (2016) apresenta o cerne da mediação baseado na cultura e assim inerente aos contextos em que se realiza. Pertencente a esses contextos, a mediação se desloca por entre as representações sociais e culturais, por entre signos e significados. Nessa dinâmica, as ligações não são unilaterais, mas múltiplas, sendo entendidas desse modo como um processo complexo.

Portanto, analisando as práticas que se desenvolvem pela mediação informacional e sociocultural, Feitosa (2016) indaga a influência da cultura presente nesses processos. “A cultura é o processo através do qual o homem cria o algo onde antes imperava o nada. Esse algo é toda complexidade de criações simbólicas, de sentidos e significados que damos às coisas e ao mundo” (FEITOSA, 2016, p. 100). Dessa forma, nos movimentos de produção, coleta, compartilhamento, usos da informação percebe-se também mesclas com a cultura, associando indivíduos, objetos e mundo por meio da mediação.

Na relação entre cultura e leitura, Feitosa (2019) alia a cultura e suas construções simbólicas, com o ato de ler e interpretar e, assim, produzindo compreensões sobre o mundo a nossa volta. “Cultura é um processo de leitura de mundo. Da mesma forma, a leitura é a decodificação dos sentidos que a cultura criou, transmitiu, ritualizou e foi assimilada pelos seres humanos” (FEITOSA, 2019, p. 61).

Ainda para Feitosa (2016, 2019), sendo a cultura o preenchimento de sentidos, de algo, sobre o vazio, o nada; é evidente ser pela cultura e através dela que passamos a conhecer, relacionar e transitar pelo mundo no que tange às ideias, informações e conhecimentos. Assim, também se torna um meio de ler e escrever sobre o ambiente, uma interpretação e atuação, em que esses fenômenos dialogam entre si, criando, entendendo e reproduzindo significados diversos.

Desse modo, evocando o ambiente digital e as transições informacionais, sociais e culturais provocadas pela internet, se diz que “a cultura da Internet é a cultura dos criadores da

Internet” (CASTELLS, 2003, p. 34). Os usuários da internet, ou seja, os participantes dessa rede, criam costumes e comportamentos próprios, assim como linguagens e modos de comunicação. Vemos com isso o surgimento de novas práticas, construídas através da cultura, com caráter coletivo e colaborativo.

No entendimento da cultura, a formação de estruturas simbólicas que amparam e dão sentido às relações, dos sujeitos com o mundo, com os objetos do mundo e entre si, não são criadas e retidas individualmente, mas dependem de organizações sociais, nas quais são transmitidos concepções, hábitos, modos de conduta. Nessa dinâmica, “a cultura é uma construção coletiva que transcende experiências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito” (CASTELLS, 2003, p. 34).

Mais uma vez, destacamos com Santaella (2010) a importância da comunicação para a cultura e da ligação entre um e outro. “[...] os processos culturais só funcionam culturalmente porque são processos de comunicação. Estes, por sua vez, só funcionam comunicacionalmente porque são processos sócio-culturais.” (SANTAELLA, 2010, p.12). Desse modo, tais elementos se encontram interligados entre si e aos contextos, no qual experimentam influências mútuas e contribuem em conjunto para novos entendimentos.

Considerando essas compreensões aplicadas à atual realidade das tecnologias digitais, Santaella (2010, p. 39) discorre sobre a cibercultura como “uma formação cultural com especificidades que são próprias do potencial informacional das conquistas computacionais”. Nesse meio, mudanças são percebidas nas formas de interagir e lidar com a informação, o que implica novos comportamentos, conhecimentos e aprendizagens dos indivíduos e grupos.

Ainda nessa perspectiva, Santaella (2010) menciona a característica híbrida com que a cibercultura se sustenta. Os equipamentos eletrônicos e ambientes digitais permitiram fluxos de informações que se movimentam além da materialidade, com isso a liberdade de leitura e acesso dos hipertextos, a velocidade com que se propaga e a combinação de diferentes formatos como texto, imagem, vídeos, conversam com diversas outras expressões culturais, a exemplo da oralidade, da escrita e das mídias.

Investigando os contextos em que ocorrem a mediação, além de procurar entender o que suscita esse processo, vimos aspectos diversos, como sociais, educacionais,

informativos, convergindo para fenômenos culturais do cotidiano. Interligando aos objetivos que pretendemos alcançar nesta pesquisa, ocupamo-nos da mediação e da leitura em práticas no ambiente digital.

3.2.1 A mediação da memória e da leitura na era digital

Observamos com os temas já abordados, leitura, memória, cultura e mediação, uma perspectiva integralizada, dinâmica e coletiva, na qual os elementos que fazem parte de determinados contextos estão em constante movimento de transformação e influência entre um e outro, como em um sistema complexo. Primeiramente, tratando das práticas de leitura, vimos que revoluções associadas aos suportes ou ferramentas do escrever e do ler causaram impactos nos modos de se relacionarem com a leitura, trazendo à tona características particulares que intervieram em gerações de novos leitores. Com a identificação dos tipos de memória, individual ou coletiva, tratamos de pensar sobre as condições que permeiam os registros, os acessos e as difusões dessas informações.

A cultura, então, tem relação muito intensa com essas noções, visto que permeia os entendimentos que os sujeitos fazem do mundo, estabelecendo ligações entre contextos e participantes, ao permitir criações de sentidos e dar significados às práticas e costumes. Nesse sentido, as tecnologias digitais a serem produzidas e consumidas na realidade do meio social se articulam igualmente a esses vínculos de interação, motivando e passando por transformações, em que, segundo Primo (2008, p. 61), “tudo interconecta-se: as pessoas, os espaços, as tecnologias”.

Dessa forma, os modos de se lidar com a informação são encarados aqui baseando-se nas relações entre os sujeitos e são inerentes à cultura, bem como as significações produzidas, os métodos para se registrar e compartilhar essas informações. Para Barreto (2005, p. 113) “Os homens, ao produzirem as teias de significações para si mesmos, empregam meios técnicos/suportes materiais para transmitir as formas simbólicas”. Assim, é percebido o papel de destaque dado à circulação social dos conteúdos informativos e simbólicos e aos suportes que viabilizam essa situação.

Posto que “a cultura tem caráter constitutivo e o homem dela participa e nela se realiza”, como advoga Barreto (2005, p. 115), das experiências vividas e compartilhadas, além dos aprendizados conquistados pelos sujeitos, atribuem-se sentidos ao mundo. Ou seja, pela comunicação das informações se desenvolvem interpretações individuais diversas originando novos sentidos e conhecimentos.

Nesse ponto de vista, Barreto (2005, p. 119) ao falar da memória, indica sua ação sobre um “tempo experienciado pela cultura”. Com isso, a memória não fica retida ao passado, mas reconstruída e vivenciada no presente, ganhando significados e sentidos renovados, ao mesmo tempo em que os próprios indivíduos ressignificam suas experiências. “A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e enlaçando-se em novas possibilidades existenciais” (BARRETO, 2005, p. 119).

Mencionando a leitura, no ambiente digital, vemos novas possibilidades referentes à inscrição de informações. Nesse espaço compartilhado de forma global, em que limitações temporais são ressignificadas, manifesta-se uma grandiosa quantidade de textos, vídeos ou imagens, que se organizam em redes de hipertextos e hiperlinks. Introduzindo-se nesse cenário, Coscarelli e Novais (2010, p. 36) afirmam que “o leitor é navegador de alto mar e não mais de águas rasas”.

Refletindo sobre a acentuada presença das tecnologias digitais na atual sociedade, expõem-se características que fazem alusão à velocidade dos fluxos informacionais, a amplitude do alcance no mundo e da difusão ubíqua da informação e da comunicação entre indivíduos que vivenciam esse contexto. Com isso, atenta-se em perceber novas expressões culturais ligadas a esse meio.

Antes da globalização, experimentava-se um tempo real, parte do mundo empírico, que fixava o sujeito ao seu meio social, perpetuando sua experiência por algumas gerações. Atualmente, experimenta-se o meio social por meio de outras experiências que não as locais. As alterações nos tempos sociais apontam para outros tipos de relações entre os sujeitos, outro tipo de cultura, a cibercultura, caracterizada pela rapidez e pela lógica utilitária, a qual exige da leitura o caráter da funcionalidade, da velocidade e da simultaneidade. (BARRETO, 2005, p. 118)

Desse modo, é necessário adquirir competências que ocupem e interajam no ambiente digital. Tendo as tecnologias tão presentes no cotidiano, essas práticas se desenvolvem sob a lente da cultura. Coscarelli e Novais (2010, p. 39) apontam a capacidade de

entender signos linguísticos próprios, assim como a habilidade de percorrer sequências de *links* e seus conteúdos.

Coscarelli e Novais (2010, p. 38) também reconhecem os aspectos subjetivos que intervêm no processo da leitura, “cada ato de leitura é carregado de atos particulares, pois cada leitor traz para sua leitura uma situação diferente, interesses diferentes, assim como tem um olhar diferenciado para o texto e tudo isso vai gerar um processamento diferenciado do texto”. Dessa forma, as interpretações feitas pelos leitores não se restringem às palavras, mas envolvem suas vivências, modos de ler e a cultura presente em seu meio social.

Contemplando o contexto do ambiente digital, no qual se disponibiliza as informações a serem acessadas por um diverso número de usuários, de diferentes localidades e estilos de vida, observamos o potencial de gerar novos conhecimentos a partir de documentos que preservam a história e a cultura da sociedade.

Cavalcante (2007, 2011) expõe esse potencial ao refletir sobre o fenômeno da patrimonialização combinado com o fenômeno digital e as novas possibilidades que essas tecnologias trouxeram para pensar a memória, a mediação, a salvaguarda e o acesso às informações. Posto esse cenário, pretendemos seguir, no capítulo seguinte, explorando as bibliotecas digitais, especificamente aquelas cujos acervos se voltam para a salvaguarda e disponibilização da memória e da história, e como seus acervos de obras históricas e culturais podem contribuir na disseminação de conhecimentos, o que pode ocorrer pela mediação.

4 BIBLIOTECAS DIGITAIS: CONCEITOS, ACERVOS E TRAJETÓRIAS

O surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) causou transformações importantes, não só nos suportes ou meios em que dados e informações são transmitidos. Inseridos no contexto social e cultural das sociedades, as tecnologias participam das relações dinâmicas e complexas entre sujeitos, objetos e ambiente, se integrando às práticas e à própria cultura.

Aquino (2004) esclarece essa situação ao apontar a decorrência de tais mudanças relativas a tecnologias digitais em ambientes de informação: “A passagem da cultura impressa para a cultura digital afetou não só os ambientes do papel, exigindo-lhes não só sua adequação aos novos formatos, mas impondo a aquisição de novas competências e habilidades para o desenvolvimento dos serviços informacionais.” (AQUINO, 2004, p. 9).

Assim, no que concerne ao âmbito das bibliotecas, se distingue na relação entre cultura e informação amplas possibilidades de comunicação, difusão e acesso. Adequando-se às tendências das tecnologias digitais, no qual a globalização, a rapidez e a ubiquidade são elementos principais, vemos surgir novos modos de conceber e lidar com as informações.

A velocidade do processamento de conteúdos, as facilidades de armazenamento, a presença de multimídias e telecomunicações possibilitam o acesso aos recursos informacionais em todo o mundo; logo a visão tradicional do ambiente no qual a informação impressa é estocada e mantida localmente se desestabiliza, à medida que a informação digital circula na rede em qualquer espaço e em tempo real. (AQUINO, 2004, p. 9)

No que tange ao desenvolvimento das tecnologias digitais, percebemos, paralelamente, o crescimento da Sociedade da Informação. Ou seja, uma sociedade que compreende a informação como elemento principal nas transações sociais, econômicas, políticas, culturais, educacionais, tendo papel de grande importância no cotidiano das pessoas e nos vínculos formados pelos indivíduos.

Nessa forte correlação entre sociedade da informação e tecnologias, Capurro e Hjørland (2007, p. 149) expõem que “o que torna a informação especialmente significativa na atualidade é sua natureza digital”. Além disso, nos modos de lidar com a informação, se vê ações cada vez mais rápidas, eficientes, acessíveis, com maiores quantidades e alcances decorrentes da globalização e da evolução da internet.

Na apreensão dos objetos informacionais pelos sujeitos, realizada através da mediação contextualizada aos meios sociais, culturais, históricos etc. em que se encontram, entendemos, a partir disso, a construção de conhecimentos tanto individuais como coletivos. Tratando da organização da informação e do conhecimento em meio digital proporcionado pela internet, Weinberger (2007, p. 125) diz que “não só as informações se tornaram entrelaçadas como o próprio entrelaçamento gera conhecimento”.

Dessa forma, no ambiente digital se intensificam o poder de participação e de intervenção dos usuários em produzir, estruturar e recuperar informações, ao mesmo tempo em que, nessa dinâmica complexa de diferentes nós e ligações, se constroem pelos usuários novos e diversos conhecimentos.

Capurro e Hjørland (2007), em estudo sobre o conceito de informação, identificaram como este continuamente se relaciona a noções sobre o conhecimento. Nas perspectivas recentes dos ambientes digitais, destaca-se a atitude de compartilhamento de informação em uma comunidade de usuários. Sobre isso, é dito que não apenas as informações conectam as pessoas, mas as interpretações que são feitas e compartilhadas, contribuindo na criação de vínculos entre os participantes.

Castells (2003) reitera que são as pessoas que fazem uso das tecnologias, adotando-as em seus cotidianos, que colaboram para as mudanças e renovações que provocam na sociedade. “os usuários são os principais produtores da tecnologia, adaptando-a a seus usos e valores e acabando por transformá-la.” (CASTELLS, 2003, p. 28). Desse modo, tendo como base a comunicação, a internet trouxe grandes transformações ao se incorporar às práticas, vivências e experiências em sociedade.

E como as bibliotecas e a leitura se firmam diante desse cenário de transformações tecnológicas? Na associação entre os dois conceitos, Manguel (2006) avalia a organização das categorias dos livros como algo restritivo que vai de encontro à liberdade da leitura, cabendo ao leitor, sujeito ativo e participante dos contextos que envolvem os processos de leitura, “resgatar o livro da categoria a que foi condenado” (MANGUEL, 2006, p. 227), para isso são acentuadas características de curiosidade e atenção dos leitores.

Weinberger (2007) relembra quando as estantes das bibliotecas passaram a se tornar abertas aos usuários e o potencial à educação e aprendizado que isso proporcionou a eles. A partir disso, observa-se uma reformulação das bibliotecas não apenas como depositárias ou guardiãs de livros e do conhecimento, embora, “o acesso às prateleiras não faria muito pela educação se o cidadão comum não pudesse encontrar um livro ou sequer soubesse quais livros estavam disponíveis” (WEINBERGER, 2007, p. 50).

Essa situação nos faz refletir sobre os recursos que incentivam e dão apoio ao acesso assim como o conhecimento dos usuários sobre isso. Da organização orientada às necessidades informacionais dos usuários, pelas formas como eles procuram e recuperam a informação, ao que contribui para a disseminação e compartilhamento, os sujeitos informacionais são encorajados a adquirir competências em lidar com esses sistemas.

Já sobre as bibliotecas digitais, Sayão (2008), ao esclarecer como são conceituadas nas áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, mostra que suas raízes remetem às bibliotecas tradicionais. Com isso, e sendo fiel à quinta lei da Biblioteconomia, concebida na década de 1930 por Ranganathan (2009), de que a biblioteca é um organismo em crescimento, o conceito de biblioteca digital ainda se desenvolve. Extrapolando a ideia de acervos transportados para o meio digital, redefine possibilidades de armazenamento, preservação, acesso e disseminação de informação.

As bibliotecas digitais incluem as funcionalidades das bibliotecas tradicionais, mas potencialmente vão além em escopo e significado. O ambiente da biblioteca digital é um espaço dinâmico, constituído de informações eletrônicas, com níveis diferenciados de granularidade, e serviços que possibilitam inúmeras configurações nas suas formas de disseminação e uma gama extraordinária de usos e reúsos para os seus estoques informacionais e para as representações correspondentes. (SAYÃO, 2008, p. 14)

Pela definição do verbete de biblioteca digital no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, esta “armazena documentos e informações em forma digital em sistema automatizados, geralmente em rede, que pode ser consultado a partir de terminais remotos” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 50), evidenciando seu caráter digital, sua disposição em redes e sua conexão com base em diversos pontos e instrumentos eletrônicos.

Complementando essa definição, Cunha (2008) aponta os potenciais de velocidade, capacidade e cobertura que abrangem a utilização da informação dentro do ambiente das

bibliotecas digitais. Para isso, constata-se a articulação entre as tradicionais formas de estruturar e adquirir informações com as possibilidades de leitura e acesso através da representação digital.

Outro ponto a ser levantado é a multiplicidade de noções agregadas ao que se entende por biblioteca digital. De maneira a diferenciar este tipo de biblioteca, das bibliotecas virtuais e eletrônicas, Tammaro e Salarelli (2008) caracterizam cada uma de suas qualidades. Inicialmente, as bibliotecas eletrônicas basicamente são explicadas pelo uso dos seus equipamentos de propriedades eletrônicas e não pelo uso dos seus dados.

Entre as bibliotecas virtuais e as digitais, as primeiras não existem materialmente, o processo de criação de coleções acontece no espaço virtual e, assim, suas operações se mantêm independentes de um espaço físico. Por outro lado, as bibliotecas digitais são vistas como um sistema a representar obras digitalizadas, ou seja, de maneira fiel apresentam no ambiente digital seus correspondentes materiais como livros, manuscritos, fotografias ou outros documentos que se encontram em acervos de instituições como bibliotecas ou museus dispersos pelo mundo. (TAMMARO; SALARELLI, 2008)

Assim, almeja-se a preservação e divulgação desses documentos através de um meio em comum, no qual os elementos essenciais são os conteúdos, os usuários e os serviços de acesso. Discorrendo sobre os usuários de bibliotecas digitais, Tammaro e Salarelli (2008) ainda destacam a dimensão social. Compreendemos que nessa dinâmica, não se encontram isolados do mundo os usuários, os conhecimentos obtidos por eles ou as fontes de informação disponíveis. É preciso observar a integração entre esses elementos, suas relações recíprocas e colaborativas, sendo parte de um fenômeno social complexo.

Diante da conjuntura exposta, Dodebei (2011, p. 40) assinala a década de 1990 como marco para a ambição de digitalizar documentos e torná-los disponíveis em bibliotecas digitais. Esse movimento teve crescimento vertiginoso. Contudo, outras questões são reveladas, sendo relacionadas, por exemplo, a formas de proteção, legibilidade, reprodução e conservação dos documentos em meio digital, inclusive dos objetos nascidos digitais, que não possuem seus materiais físicos análogos.

Voltamos, com isso, à atenção para o registro e preservação da memória. Na rapidez das tecnologias com que se acessa, comunica, interage, transmite e utiliza as informações no ciberespaço, logo, se acredita que as informações se fazem efêmeras, de modo que são acumuladas e, em seguida, sobrepostas e esquecidas. Visto isso, Dodebei (2011, p. 43) presume que “o volume de rastros de memória irá diminuir”.

Segundo Dodebei (2011), isso pode ser observado na impermanência das fontes no espaço digital, que aceleradamente se transformam em formatos, banco de dados e endereços eletrônicos nos quais as informações podem ser localizadas. Como um ambiente que está sempre passando por alterações e atualizações, ainda se estudam meios seguros para a salvaguarda das informações. Por outro lado, a grande quantidade e diversidade de fontes acessíveis projetam numerosos e contínuos caminhos de descobertas para novas fontes de informação e construção de memórias.

Dos documentos disponíveis por meio das tecnologias digitais de comunicação e informação e das memórias conservadas, através dos registros nesses documentos, se desdobram perspectivas que extrapolam noções de tempo e espaço, materialidade e imaterialidade. Inseridos em um contexto que é também social e cultural, são múltiplos e diversos os olhares com os quais se apreendem as informações e, assim, promovem fluxos de interação entre sujeitos, objetos, tecnologias e ambiente. Mudam-se as formas e suportes de leitura e escrita, mas é através da cultura que se atribuem sentidos e se desenvolvem as práticas cotidianas.

Aqui fica a idéia de que é possível preservar significados, independentemente dos objetos materiais que são sua referência, o que nos leva ao mundo virtual da informação, considerada um veículo numérico de aproximação entre objeto (significante), sujeito (significado), espaço tempo (contexto). Talvez tenha sido necessário criar o conceito de bem imaterial para que pudéssemos pensar em preservação da memória para além da materialidade. As políticas patrimoniais separam os registros em livros distintos para os bens tangíveis e os intangíveis, mas o processo de representação do bem patrimonial na contemporaneidade é o mesmo, quer dizer, o registro digital transforma o bem, “material ou imaterial”, em informação. (DODEBEI, 2011, p. 47)

A respeito da atividade de digitalização de acervos de bibliotecas, Cavalcante (2012) evidencia o abundante número de documentos a serem implementados em acervos digitais. Com isso, um desafio que se vislumbra é a de “determinar quais os documentos que devem ser prioritariamente digitalizados, devido às dificuldades de recursos humanos,

financeiros e tecnológicos” (CAVALCANTE, 2012, p. 338). Assim, é fundamental estabelecer critérios, por exemplo, priorizar a digitalização de obras de uma mesma coleção temática ou por assunto.

4.1 Instituições de memória e seus acervos digitais

Ao estudar os conceitos de memória, quando grupos sociais se apoiavam na oralidade ou os registros de informações tinham alcance reduzido, a memória dos indivíduos era limitada em relação ao acesso do que estava à disposição. Calvino (2008) expõe isso ao falar da extensão visível da memória, embasada em experiências diretas e reflexos culturais: “a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas” (CALVINO, 2008, p. 107). Contudo, na realidade atual, percebemos um aumento dessa extensão. O crescimento do volume de informações e estímulos visuais a que somos submetidos nos fazem buscar amparo em memórias no exterior de nossos processos mentais, dado que nossa competência não acompanha o ritmo veloz e capacidades de armazenamento possibilitadas pela evolução das tecnologias.

Dodebei (2011) vislumbra, então, a convivência com formas de memória que, por um lado, se desenvolvem através do modo oral para a construção de conhecimentos; e por outro, se caracterizam como auxiliares. Estas figuram na utilização de suportes em que são registradas as informações, os quais podem ter múltiplas representações como a escrita e a imagem, e mesmo espaços que reúnem tais conjuntos de conhecimentos como lugares ou instituições de memória.

Das experiências individuais e coletivas de memória, notamos como as tecnologias digitais, associadas ao cotidiano, práticas e comportamentos presentes na cultura, passam por transformações no que tange às interações entre técnicas e sociedade, na qual uma influencia a outra reciprocamente. Caso explicitado por Lévy (1999, p. 25) ao afirmar que “uma técnica é produzida dentro de uma cultura e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas”.

Outro tópico mencionado por Lévy (1999) trata da complexidade que envolve o ciberespaço, no qual sua estrutura permite as atuações e relações entre indivíduos, comunidades, instituições, informações e conhecimentos produzidos em conjunto ao criar e

recriar significados. Segundo ele, “o ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento” (LÉVY, 1999, p. 29). Nessa evolução, vemos a ampliação das tecnologias digitais tanto no alcance, acesso, quanto em dimensões cotidianas e nas ligações entre si.

Com as tecnologias do virtual, a acessibilidade adquiriu proporções inesperadas na medida em que o acesso passou a se dar não apenas a pessoas e lugares, mas, sobretudo, a gigantescos bancos de dados de informação, um acesso que é crescentemente facilitado por poderosos motores de busca, além de que os dispositivos digitais estão cada vez mais habilitados a esse acesso, enquanto o portador está em movimento ou deslocamento de um lugar a outro. Essa potencialização vem adquirindo tais proporções que outros nomes para a era da mobilidade são da era da conexão e também era do acesso. (SANTAELLA, 2010, p.112)

Na questão de simplificar e potencializar o acesso às informações, distinguimos iniciativas de digitalização de documentos, caracterizados como patrimônios histórico-cultural de vários locais e povos. Com isso, como dito por Santaella (2010), grande volume de informações está disponível de modo fácil a ser descoberto por efeito das tecnologias virtuais, ao mesmo tempo em que os usuários transitam por esse meio, estando fisicamente em diferentes lugares do mundo.

Cavalcante (2007) ainda destaca o caráter democrático do acesso a esse tipo de documentos históricos, via bibliotecas, museus ou arquivos digitais. Não apenas pesquisadores ou especialistas de variadas áreas da ciência podem entrar em contato e navegar pelos ambientes e instrumentos digitais a disposição, mas também usuários comuns, curiosos e interessados que encontram formas de acesso compreensíveis.

Nessa conjuntura, a preservação dos registros de informação se torna parte das possibilidades motivadas pelo desenvolvimento das tecnologias. O conhecimento e a memória salvaguardada em formatos materiais sofrem desgastes, de origem natural ou humana, em relação a sua propriedade física. Na imaterialidade dos meios digitais, apesar de outras preocupações referentes à preservação e integridade dos dados serem continuamente debatidas, consideramos outro potencial valioso, o de tornar público e coletivo o acesso a importantes acervos e conhecimentos da humanidade.

Acrescentando à discussão a diferenciação dos documentos entre seus suportes físicos e digitais, Cavalcante (2007) reflete sobre a representação desses documentos no meio

digital. Com o atual avanço das tecnologias, a digitalização permite uma representação com alta qualidade, fiel em vários aspectos ao material original. Entretanto, um não substitui o outro, cada um carrega seus próprios atributos informacionais e sentidos simbólicos. Com isso, demonstra-se que “são múltiplas as mudanças surgidas nas atuais formas de compreensão do que vem a ser caracterizado como patrimônio, quando o assunto é documento em meio digital” (CAVALCANTE, 2007, p. 155).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) se destaca globalmente em iniciativas que estimulam a conscientização de assuntos como a preservação, patrimônio e memória na era digital. O Programa Memória do Mundo é um exemplo. Trata-se de salvaguardar documentos que refletem o patrimônio cultural mundial que, muitas vezes, estão ameaçados de riscos de deterioração, destruição ou desaparecimento. (UNESCO, 2019, on-line).

Esse programa da UNESCO tem origem em 1992, devido à preocupação com a preservação documental. “Muitas coleções já se perderam para sempre, e muitas outras estão ameaçadas de extinção, mas, felizmente, alguns patrimônios documentais às vezes são redescobertos” (UNESCO, 2019, on-line). Para isso, decidiu-se adotar tecnologias que permitiam a reprodução dos documentos em outros suportes, como eletrônicos e digitais.

Com a participação de comitês de âmbitos nacionais, regionais e locais, o Programa Memória do Mundo delinea planejamentos e ações que abarquem objetivos em identificar, preservar, conscientizar e acessar documentos que são heranças culturais do passado para o presente e o futuro. A visão do programa contempla então “que o patrimônio documental mundial pertence a todos e deve ser completamente preservado e protegido por todos; além disso, com o devido reconhecimento e respeito por hábitos e práticas culturais, ele deve ser permanentemente acessível a todos” (UNESCO, 2019, on-line).

Assim sendo, a UNESCO constantemente apresenta propostas que consideram refletir sobre a situação da preservação de patrimônios, diante do atual contexto tecnológico, informacional e cultural. Tais reflexões dependem também do trabalho em conjunto, da estrutura em redes com representantes situados em diversos locais no mundo. Ademais, as bibliotecas, arquivos e museus adquirem papéis ativos na colaboração em assegurar a preservação e o acesso às informações de domínio público.

Na Declaração UNESCO/UBC Vancouver, divulgada em 2012, põe-se em evidência a importância que as tecnologias digitais adquiriram. Entretanto, “no presente, a informação digital está sendo perdida porque seu valor é subestimado, seja por causa da ausência de sistemas legais ou institucionais, seja porque faltam conhecimento, habilidade e/ou fomento para os que tem a custódia do acervo” (UNESCO, 2012, p. 1).

Nesse caso, chama-se atenção para os desafios que precisam ser superados no movimento para a preservação e acesso das informações em meio digital. Isso implica compreensão, colaboração e reconhecimento da relevância para diversas áreas, como para áreas científicas, culturais, sociais, educacionais e outras.

No Brasil, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), no entendimento das propostas da UNESCO, lança, em 2005, a Carta para Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital. Esse documento alerta para os desafios da preservação no meio digital e para a necessidade de serem criadas estratégias e políticas, normas e iniciativas para a promoção do conhecimento de maneira continuada.

Nessa Carta do CONARQ (2005) é identificado que as tecnologias digitais trouxeram maiores facilidades, capacidade e eficácia nos processos relacionados à informação arquivística, o que ocasionou grande dependência social desse tipo de documento. Por sua vez, os suportes digitais não estão imunes a riscos de degradação, obsolescência e fragilidade no armazenamento. Em vista disso, “a preservação de documentos arquivísticos tem por objetivo garantir autenticidade e a integridade da informação, enquanto o acesso depende de os documentos estarem em condição de serem utilizados e compreendidos” (CONARQ, 2005, p. 2). Desse modo, procura-se chamar atenção para essas questões visando comprometimento com a disponibilidade contínua e democrática da informação e a permanência do patrimônio em meio digital.

Isto posto, Cavalcante (2007) aponta inquietudes que envolvem a visibilidade de aspectos sociais e culturais pertinentes às discussões sobre políticas públicas para a preservação, salvaguarda e acesso a patrimônios documentais digitais. Assim, ao cuidar e proteger memórias registradas em diferentes lugares e épocas, também deve ser respeitada a diversidade de culturas, línguas e identidades que se apresentam.

A salvaguarda, acesso e difusão da memória social em meio digital representam grande possibilidade de democratização da informação, assunto amplamente discutido em meios acadêmicos e sociais. É um processo que não inclui apenas a estocagem, mas toda a dinâmica de produção do conhecimento, partilha e transmissão. Trata-se, pois de evocar, além do discurso, a ação. É um trabalho de investimento, poderíamos dizer de *sacralização* e *legitimidade* (CAVALCANTE, 2007, p. 167, grifo do autor)

Como visto, o patrimônio cultural de um povo é formado por seus registros do conhecimento - uma construção em conjunto de informação, documentos e memórias de âmbitos coletivo e pessoal, que perpassam tempo e espaço. Na utilização das tecnologias digitais para preservação e acesso, novas significações, sentidos e valores são atribuídos, o que tem influência em diferentes esferas da sociedade. As instituições de memória reúnem tais documentos e figuram como lugares propícios para o armazenamento, circulação e disseminação da informação.

4.2 A Biblioteca Nacional do Brasil

Interligando a questão da preservação documental e do acesso ao patrimônio com a trajetória das bibliotecas nacionais, observamos essas instituições como principais representantes no que tange ao depósito, guarda, organização, conservação e salvaguarda das obras de um país, bem como a democratização do acesso pelos usuários por meio virtual. Agregando à produção intelectual de um povo, o que reflete fatores sociais, culturais, históricos etc., as bibliotecas nacionais também adquirem papel central de articular redes e interações entre pessoas, meios e outras bibliotecas.

Ao traçar um histórico sobre as bibliotecas nacionais, Grings e Dodebei (2015) primeiramente remontam à Antiguidade ao trazer grandes bibliotecas que se firmavam como guardiãs do conhecimento e do saber. Na era moderna, com os Estados-Nação europeus, as bibliotecas se originam dos ricos acervos reais, tornando-se símbolo de poder e de identidade das nações, com o papel de preservar e difundir a memória cultural dos países. A partir do século XX, eventos científicos como o Congresso da IFLA, em 1952, o Colóquio de Viena, em 1958 e a Conferência Geral da Unesco, em 1970, buscavam estabelecer conceitos, tarefas e funções referentes às atribuições das bibliotecas nacionais, entre eles o título de depositária legal das publicações de um país.

Assim, identifica-se na história do desenvolvimento conceitual das bibliotecas nacionais, fase inicial que se preocupava com o armazenamento dos documentos e, posteriormente, com a cooperação global com outras instituições para melhor atender ao público até que “chegamos à biblioteca como centro nacional de informações bibliográficas com todas as implicações desta responsabilidade – basicamente, captar, preservar e prover acesso aos materiais nela depositados.” (GRINGS; DODEBEI, 2015, on-line).

Ao pesquisar sobre a origem da Biblioteca Nacional Brasileira, deparamo-nos com o Guia da Biblioteca Nacional, criado na ocasião do sesquicentenário da biblioteca que, dentre outros, detalha um histórico da biblioteca, bibliotecários, administração, atividades e acervo entre os anos de 1810 e 1960. Assim, identificamos os eventos que envolveram sua fundação e seu desenvolvimento ao longo desses anos.

Inicialmente, com a intenção de substituir a Real Biblioteca da Ajuda, destruída em 1755 por um desastre natural, o rei de Portugal D. José I reuniu um rico acervo, incorporando também obras da livraria do Colégio de Todos os Santos e do Infantado, o que veio a se tornar o berço da Biblioteca Nacional. Isso porque essa coleção foi trazida ao Brasil pela família real e sua corte quando, para evitar a invasão de Portugal por tropas napoleônicas, percorreram viagem para o Rio de Janeiro (BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL, 1960).

Chegava assim, o Iluminismo em caixotes aos trópicos. Vieram a Ciência e a Filosofia. A Real Biblioteca possuía não só um rico acervo de livros e manuscritos, que cobriam diferentes áreas do conhecimento – deste a religião, passando pelos clássicos, e chegando aos historiadores portugueses – como coleções preciosas de iconografia, compostas de estampas de escolas europeias. (ANDRADE, 2009, p. 21)

Portanto, mais do que um conjunto de documentos preciosos e diversos, vislumbramos, com a travessia desse acervo, a origem de uma biblioteca moldada em conhecimentos coletivos, memória e cultura. Como relatado no Guia da Biblioteca Nacional (BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL, 1960), com fundação em 1810, esta primeiramente esteve localizada no Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo. Apenas aproximadamente 4 anos depois teve sua abertura ao público, possibilitando o acesso a um acervo de mais de 60.000 itens.

Outro marco que destacamos, remete à época da Independência do país e às circunstâncias que estabeleceram a Biblioteca Nacional no Brasil. “Com o retorno dos Bragança

à Europa, aqui ficou a Real Biblioteca do Rio de Janeiro, que passou a ser propriedade do Estado pelo tratado de 29 de agosto de 1825, feito entre Portugal e Brasil” (BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL, 1960, p. 12).

A instituição então evolui em relação ao aumento do acervo e de importância para a sociedade. Com isso, a biblioteca foi transferida de local mais duas vezes para adaptar-se à ampliação e assegurar melhor acomodação e cuidado com as obras. A primeira, por volta de 1858, e a segunda já no período de comemoração do centenário da Biblioteca, em 1910. Esse é um momento em que o Rio de Janeiro, como capital do país, passava por modernizações, nisso, a Biblioteca Nacional figurou “não só uma construção monumental a enriquecer arquitetonicamente a nova avenida da Capital Brasileira, [...]; as instalações correspondiam a todas as exigências técnicas do tempo, para a sua alta função de cultura” (BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL, 1960, p. 15)

Figura 1 – Novo prédio da Biblioteca Nacional [1910?]



Fonte: Acervo BNDigital. FERREZ ([1910?]).

Ao falar do desenvolvimento institucional da Biblioteca Nacional, Andrade (2009) aponta as funções adquiridas pela biblioteca no que concerne à preservação e divulgação dos documentos, o que a coloca como representante nacional frente a outras bibliotecas. Um dos fatores é sua posição como beneficiária da Lei do Depósito Legal, tornando-se responsável pela guarda das publicações produzidas no país.

A Biblioteca Nacional é um lugar de memória nacional. É o lugar onde se dá o armazenamento da escrita produzida em tempos e localidades diversas e desempenha, apesar de todo o avanço tecnológico, o papel de guardião do conhecimento, não no sentido de guardar para si o patrimônio material e imaterial produzido por homens e mulheres do passado, mas, de através dele, possibilitar estudos e investigações sobre tantas experiências passadas, presentes, de alguma forma, em seu acervo. (ANDRADE, 2009, p. 26)

Desse modo, relaciona-se a proteção da memória e patrimônio documental à atuação em armazenar, organizar e preservar as informações de caráter histórico e cultural que observamos na Biblioteca Nacional. Portella (2010) acrescenta ainda uma dimensão dialógica no qual a biblioteca “mais do que o dispositivo de segurança da memória, é o lugar onde os tempos se encontram e, juntos, são capazes de promover a rememoração, a ocorrência e a premonição” (PORTELLA, 2010, p. 255).

Assim, por meio do acesso e encontro da leitura e da memória surgem possibilidades de criações, transformações, de práticas e conhecimentos que alimentam as vivências na cultura. Acompanhando as tendências da sociedade referentes aos modos de lidar com a informação, percebemos a necessidade de fazer uso das tecnologias ao ocupar espaços digitais, favorecendo a preservação e diálogos com os usuários.

4.2.1 A Biblioteca Nacional Digital (BNDigital)

Vimos que as bibliotecas nacionais incorporam, dentre seus propósitos, compromissos com atividades de guarda e salvaguarda de documentos que representam o patrimônio histórico e memória de um país. Além disso, outra atribuição se faz importante: a responsabilidade de difundir esses documentos, proporcionando acesso democrático ao conhecimento. A crescente inclusão das bibliotecas em meio digital renovou possibilidades referentes a essas concepções, permitindo novas composições de valores e atuações.

Apresentando um relato de experiências e trajetórias da Biblioteca Nacional Digital, como meio de disseminação e acesso à informação e cultura no ambiente da internet, Martins (2016) expõe fases de crescimento desse programa, desde momentos que precederam sua consolidação assim como perspectivas futuras.

Em 2001, a Biblioteca Nacional se propôs a dar início a projetos de digitalização de obras do acervo com certos recortes temáticos ou cronológico, contando com o apoio de

outras instituições. Ao mesmo tempo, instituíam-se normas, padrões, condições de infraestrutura, de tecnologias e de gestão da informação a serem aplicados no tratamento do acervo digital (MARTINS, 2016).

A fim de ir ao encontro do desejo de padronizar e integrar, organizando um trabalho em conjunto, a Biblioteca Nacional Digital foi lançada oficialmente em 2006, “concebida de forma ampla como um ambiente onde estão integradas todas as coleções digitalizadas, promovendo o acesso aos projetos nacionais e internacionais desenvolvidos em conjunto com diversas instituições” (PORTELLA, 2010, p. 258). Dessa forma, a BNDigital evoluiu de um projeto, com característica temporária, para um programa, de abrangência ampla e contínua.

Como missão, a BNDigital objetiva “preservar a memória cultural e proporcionar o amplo acesso às informações contidas em seu acervo” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2019b, on-line). Dois propósitos tradicionais que combinados com as potencialidades do meio digital ainda se desdobram em objetivos que incluem “ser fonte de excelência para informação e pesquisa; ser veículo disseminador [...]; proporcionar conteúdo atualizado [...]; alcançar públicos cada vez maiores [...]; ajudar instituições parceiras na preservação e acesso à memória documental brasileira; [...]” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2019b, on-line), dentre outros.

A leitura, logo, ganha novos contextos. No digital, a diversidade de indivíduos combina interações coletivas, onde a disponibilização das informações na internet permite acessos concomitantes, contínuos, em qualquer hora e lugar. Aumenta-se a rapidez, o alcance e a flexibilidade com o qual utilizamos as tecnologias, dessa forma originam-se práticas e relações complexas. O leitor segue múltiplos caminhos no ciberespaço, criando redes próprias e obtendo autonomia em ir ao encontro de seus interesses e necessidades de conhecimento.

Para o desenvolvimento de suas coleções a serem disponibilizadas na Biblioteca Nacional Digital, tem-se em mente objetivos de salvaguarda e difusão, contribuindo com atividades nos âmbitos sociais e culturais, e tendo foco em abrangências desde o nível local até o internacional. Dessa forma, adota-se uma política que destaca,

considerar o valor histórico ou memorial, a importância e a raridade de obras específicas, assim como a relevância de coleções, na sua totalidade ou em parte, selecionadas de forma a reunir uma massa crítica de informação, um volume mínimo

de conteúdos que permita a contextualização e o inter-relacionamento das obras que compõem a BNDigital. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2019a, on-line).

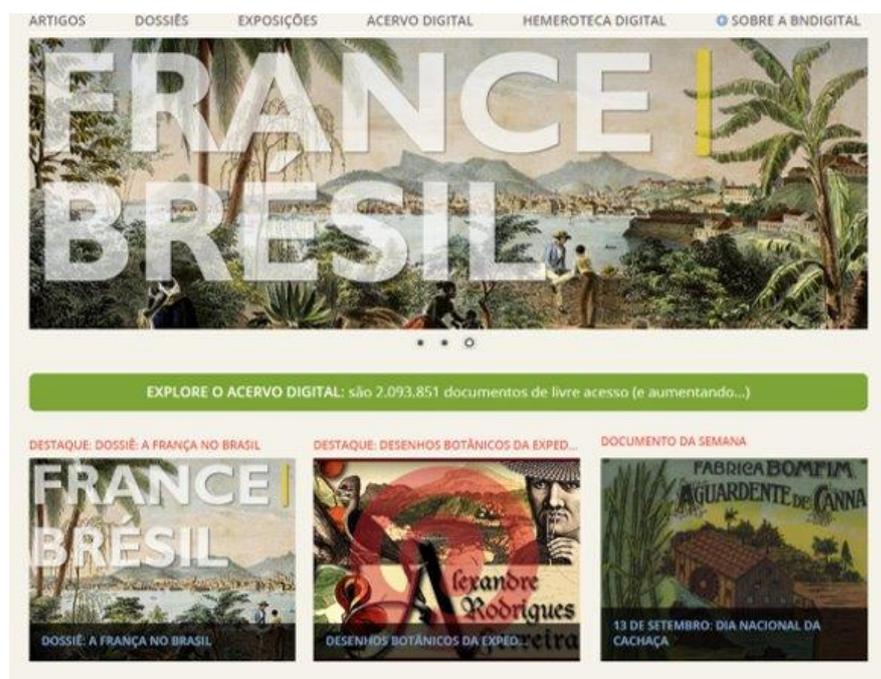
Nesse processo de seleção estão envolvidos critérios que incluem avaliar questões de raridade, fragilidade dos documentos, domínio público, demanda dos usuários, além de parcerias e colaborações com outras instituições (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2019a). Estabelecer tais estratégias e ações é importante para o crescimento e reconhecimento da biblioteca a qual, em 2007, foi convidada a participar de uma iniciativa junto a *Library of Congress* e a UNESCO (MARTINS, 2016).

Trata-se da constituição da Biblioteca Digital Mundial, na qual a Biblioteca Nacional atua como membro fundador e no conselho consultivo (MARTINS, 2016). A missão da Biblioteca Digital Mundial (2019) tem como essência a disponibilização de fontes advindas de diferentes países e culturas ao redor do mundo, de modo gratuito e multilíngue. Assim, participar dessa iniciativa ofereceu oportunidade para a BNDigital estreitar laços e conhecer melhor o trabalho de outras instituições internacionais.

Conquistando desenvolvimento de projetos e fortalecimento de parcerias com instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, a BNDigital amplia seu acervo digital disponibilizando ao público os conteúdos e documentos históricos relativos à memória cultural do país, desse modo marcando presença como relevante e grandiosa biblioteca digital.

Atualmente, o acervo digital reúne mais de 2 milhões de documentos, sendo constituído por livros, manuscritos, fotografias, gravuras e outros, que podem ser acessados por meio do portal on-line da BNDigital (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2019c). No intuito de organizar e promover a disseminação da informação, atenta-se em “apresentar o acervo digital ao grande público de maneira que se fizesse sentido para ele, para que o usuário se enxergasse no acervo, para que este fizesse parte de seu cotidiano” (MARTINS, 2016, p. 165).

Figura 2 – Tela inicial BNDigital



Fonte: Print de detalhe da tela. FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (2019c).

Nesse cenário de influências e construções culturais, os usuários são guiados a explorar os documentos através de seções como exposições, artigos e dossiês temáticos, os quais são acompanhados de textos explicativos que oferecem contexto e aprofundam os temas expostos. Este trabalho se propõe a investigar possibilidades de construção e mediação da leitura utilizando como recorte um desses dossiês, a ser apresentado a seguir.

4.2.2 O dossiê “França no Brasil”

Como vimos, as tecnologias digitais conceberam novos suportes para a memória cultural assim como novas possibilidades de preservação documental, promovendo alcance maior em aproximar-se dos indivíduos, superando barreiras materiais, de lugar e de tempo. Os variados contextos que envolvem a leitura permitem a construção de sentidos que damos ao mundo, em uma dinâmica na qual a mediação da informação com a cultura e com a comunicação entre sujeitos, objetos, instrumentos e espaços aplica-se à produção de novas significações, práticas, aprendizados e conhecimentos.

Em meio ao acervo de memória e patrimônio documental da BNDigital são apresentadas coleções temáticas, organizadas de modo a compor dossiês. Estes oferecem, a

partir da reunião de documentos diversos sobre determinado tema, assunto ou acontecimento, proporcionando aos leitores um passeio pela história e cultura representadas ali, colocados à disposição on-line para os usuários verem, explorarem e pesquisarem tais registros do conhecimento.

Em uma das doze coleções documentais selecionadas e agrupadas em dossiês temáticos se encontra a coleção “França no Brasil”, a qual nos concentramos em estudar nesta pesquisa buscando perceber a disseminação do conhecimento em bibliotecas digitais assim como a construção de leituras e práticas de informação por meio do acesso aos seus conteúdos.

Ao discorrer sobre a evolução da BNDigital ao longo dos anos de sua idealização, Martins (2016) explica razões e condições da criação do dossiê citado. Em 2009, em decorrência de comemorações e manifestações artísticas e culturais referentes ao Ano da França no Brasil, se deu uma parceria entre a Biblioteca Nacional Digital do Brasil e a Biblioteca Nacional Digital da França para a formação de um projeto em conjunto.

Tal projeto culminou na elaboração de um portal bilíngue para hospedar os documentos digitais das duas instituições, importantes para a trajetória em comum entre esses dois países (MARTINS, 2016). Em espírito de colaboração, especialistas elegeram, organizaram e deram embasamento teórico à documentação relativa ao tema, criando um percurso abrangente e rico em história, cultura e memória.

Atualmente, a coleção se encontra sob domínio editado pela Biblioteca Nacional da França. Exposto na BNDigital como um dossiê temático. Quando acessado, somos redirecionados ao site “França-Brasil” (<https://heritage.bnf.fr/france-bresil/homepage>). No texto de apresentação do projeto, observamos a intenção de contar por meio de documentos, tais como manuscritos, livros, fotografias, mapas, por exemplo, a história das interações, relações e influências entre esses dois países, que passam pelos saberes e cotidianos que compõem a cultura franco-brasileira (BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, 2018a).

Figura 3 – Seções do site “França no Brasil”



Fonte: Print de detalhe da tela. BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA (2018h).

Desse modo, o projeto, despertando o interesse dos usuários ao promover a disponibilização de valiosos documentos, está em constante crescimento e atualização. A mais recente foi em 2018, quando passou a integrar a coleção Patrimônios Compartilhados, que por sua vez, trata de uma coleção criada pela Biblioteca Nacional da França em 2017. Essa coleção reúne, mediante parcerias entre a Biblioteca Nacional da França e diferentes bibliotecas no mundo, documentos que representam herança cultural em comum entre a França e outros países (BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, 2018a, 2018b).

Martins (2016), ao refletir sobre o futuro da BNDigital, considera as características dinâmicas do ambiente digital e aponta que “os desafios que hoje vislumbramos para o futuro no campo da digitalização de acervos podem ser sintetizados em dois conceitos: integração e compartilhamento” (MARTINS, 2016, p. 167). Dessa maneira, o autor pensa em propostas técnicas que assegurem o armazenamento e disponibilização dos acervos em meio digital. Entretanto, além disso, Martins (2016) reforça que é necessário implantar políticas compartilhadas para a digitalização, preservação e acesso desses documentos tão importantes do ponto de vista patrimonial, histórico e cultural.

O que vemos no dossiê França no Brasil é o empenho em não apenas tornar disponível as obras em meio digital, mas também propor contextualizações às informações ali encontradas, promovendo o acesso a saberes, memória e imaginários sociais e culturais. Nos documentos dessa coleção, percebemos diversas perspectivas e interpretações de dois diferentes povos. Explorando o acervo, podemos entender movimentos literários, artísticos e científicos e reconhecer personalidades célebres como o pintor Debret, o botânico Saint-Hilaire, o escritor Victor Hugo e o antropólogo Lévi-Strauss (BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, 2018a, 2018c). Assim, pela mediação dessas obras se comunica e se aprimora conhecimentos em um processo de transformações e trocas culturais.

Logo em momento inicial, na apresentação do conteúdo do portal, abrange-se a disponibilização tanto em língua portuguesa quanto em língua francesa, o que ajuda a compor um ambiente de encontro entre ambas as culturas. Tal vínculo é então revelado através de múltiplos documentos históricos, de diversas temáticas e formatos, provenientes de parcerias entre a Biblioteca Nacional do Brasil e instituições francesas e assim organizado em determinadas seções.

Figura 4 – Documento disponibilizado na coleção “França no Brasil”



Fonte: Acervo BNDigital. LIÉGEARD (1888).

Dentre essa coleção, que agregam cerca de 2000 documentos bem como textos elaborados por especialistas a fim de atribuir contexto aos conteúdos expostos, somos levados a percorrer a rica trajetória da relação entre Brasil e França iniciando-se nos chamados “momentos chave”, compreendendo os movimentos de colonização no século XVI até atividades que se desdobraram no século XX. (BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, 2018a, 2018d)

Em outra seção, denominada “correntes transatlânticas”, são expostos manuscritos, cartas, relatos e ilustrações produzidas no intercâmbio de ideias, transportadas por indivíduos em variadas missões, como de caráter religioso ou científico. Dessas viagens, podemos conhecer a circulação de informações que marcaram as primeiras vivências entre esses dois países. (BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, 2018e)

Pois, dessa circulação de ideias e experiências culturais desdobra-se mais duas seções, uma que trata da literatura e outra que trata da “arte, ciência e técnicas”. Nos

desenvolvimentos intelectuais e imaginários, vemos a construção de expressões, identidades e saberes, o que acrescenta camadas de sentidos, ligações e diversidades às convergências e trocas de conhecimentos. (BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA, 2018f, 2018g)

Mediante a seleção desse conjunto de documentos o que se apresenta não são apenas letras ou imagens, mas um potencial de conhecimento e encantamento com o que se encontra compreendido nessas informações que abrangem oportunidades promissoras em meio digital. Diante do que foi apresentado, percebemos que os esforços na digitalização de documentos patrimoniais e nas ações que buscam aproximar os usuários com o acervo refletem os importantes tópicos de preservação das obras e promoção do acesso presentes na missão das bibliotecas.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nos capítulos anteriores, buscamos apresentar embasamento teórico à temática principal desta pesquisa, que visa compreender conceitos e práticas de mediação de leitura em bibliotecas digitais. Neste momento, apresentamos o percurso metodológico aplicado, guiando reflexões e entendimentos na relação entre teorias, pesquisa bibliográfica, documental, sujeitos e objeto de estudo. Assim, pela combinação de métodos, abordagens e instrumentos, fundamentada no referencial exibido, esperamos atingir o objetivo geral de compreender a mediação da leitura de obras históricas e culturais a partir do acesso ao dossiê "França no Brasil" através da BNDigital, no que tange ao desenvolvimento de conhecimentos, aprendizagens e valorização do patrimônio documental digital.

Assim, como destaca Severino (2007, p. 100),

Não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da ciência. Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada. É que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, é sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real.

A correlação entre teorias e metodologias é essencial para a construção do saber científico. Na investigação de uma parte da realidade, neste caso visando esclarecer a questão da mediação da leitura de obras históricas e culturais em bibliotecas digitais para apropriação da informação pelo leitor, lembramos que, identificado uma problemática, “estamos querendo exatamente saber por que tais fatos estão ocorrendo dessa maneira. Por isso não basta *ver*, é necessário *olhar* [...]” (SEVERINO, 2007, p. 102, grifo do autor).

Para nos orientarmos em alcançar os objetivos propostos compreendendo as temáticas incluídas nesta pesquisa, optamos pela utilização de métodos qualitativos, pois segundo Richardson (2012, p. 79), “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.” Dessa forma, procuramos perceber dinâmicas próprias de certo grupo ao utilizar tecnologias digitais em atividades com essências sociais, educacionais e culturais.

O público o qual aspiramos analisar nos processos de mediação e acesso ao dossiê “França no Brasil” é formado por estudantes, professores e/ou outros interessados na língua francesa que possuem alguma forma de elo com a Casa de Cultura Francesa da Universidade Federal do Ceará, uma instituição que promove o ensino da língua e difusão da cultura francesa para a comunidade que atende. Dito isso, evidenciamos o caráter descritivo da pesquisa em retratar uma população, fenômeno ou relações e "levantar opiniões, atitudes e crenças" (GIL, 1989, p. 45). Também com esse recorte, trazemos à tona um nível exploratório em que temos como finalidade "desenvolver, esclarece e modificar conceitos e ideias". (GIL, 1989, p. 44).

Como primeira etapa, apoiando a busca por informações que tratem dos conceitos a serem estudados e aplicados no período de coleta e interpretação dos dados obtidos na pesquisa, o levantamento bibliográfico é utilizado como recurso metodológico, posto que “[...] é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência.” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 41).

Na estruturação de teorias e reflexões veiculadas e debatidas em meio científico, Bentes Pinto e Cavalcante (2015, p. 15) asseveram que “sem essa etapa da pesquisa, é impossível conhecer o estado da arte dos temas que motivaram a escolha do objeto de estudo”. Na disposição da pesquisa bibliográfica no quadro abaixo, esperamos tornar claro o que está sendo investigado e quem são os autores os quais nos baseamos.

Quadro 1 – Referencial teórico na pesquisa bibliográfica

Tema principal	Subtemas	Autores
Leitura	Concepções Práticas	Jouve (2002); Brandão (1994); Chartier (1994); Silva (1988); Certeau (2014); Soares (2002); Hoppe; Costa-Hübes (2013); Freire (2006); Martins (2009)
	Relações leitor, leitura e mundo	Kleiman (1999); Lajolo (1997); Certeau (2014); Chartier (1999); Manguel (2006); Silva (1988); Martins (2009); Burke (2003)
	Suportes de registro da leitura	Chartier (1994, 1999); Burke (2003); Lyons (2011); Santaella

	Leitura em ambiente digital	(2010, 2014); Lévy (1993); Soares (2002); Xavier (2005)
Mediação	Leitura e memória: conceitos e relações	Barreto (2006); Smolka (2000)
	Mediação: múltiplos entendimentos	Vigotsky (2007); Feitosa (2016); Araújo (2014); Santaella (2010)
	Preservação da memória Fontes de informação histórica	Le Goff (2003); Derrida (2005); Bergson (2010); Nora (1993); Monteiro, Carelli e Pickler (2008); Capurro (2003); Lara (2008)
	Contextos mediacionais Mediação na era digital	Beleza (2009); Silva (2011); Davallon (2007); Feitosa (2016, 2019); Castells (2003); Santaella (2010); Barreto (2005, 2006); Coscarelli e Novais (2010); Cavalcante (2007, 2011)
Bibliotecas digitais	A informação no meio digital	Capurro e Hjørland (2007); Weinberger (2007); Castells (2003); Dodebei (2011); Santaella (2010)
	Conceitos biblioteca digital	Sayão (2008); Cunha e Cavalcanti (2008); Cunha (2008); Tammaro e Salarelli (2008)
	Acervos digitais Preservação e acesso	Cavalcante (2007, 2012); Unesco (2012, 2019); CONARQ (2005)
	Bibliotecas nacionais Bibliotecas digitais	Grings e Dodebei (2015); Andrade (2009); Portella (2010); Martins (2016); Biblioteca Nacional do Brasil (1960); Fundação Biblioteca Nacional (2019a, 2019b, 2019c); Biblioteca Nacional da França (2018a, 2018b, 2018c, 2018d, 2018e, 2018f, 2018g)

Fonte: elaborado pela autora.

Com isso, na apresentação dos temas, subtemas e autores consultados, visualizamos ligações com as questões e desdobramentos surgidos da problemática, passando por períodos históricos e contemporâneos e ainda pautando práticas em campo.

Portanto, na proposta desta pesquisa, no quadro a seguir, visamos explicitar o objeto estudado, assim como o caminho a ser percorrido para sua elucidação, mostrando um resumo dos pontos desenvolvidos na presente investigação da mediação de leitura em uma biblioteca digital:

Quadro 2 – Objeto de estudo

Questão Problema	Objetivo geral	Material	Público-alvo	Abordagem da pesquisa
Como se dá a mediação da leitura de obras históricas e culturais em bibliotecas digitais para apropriação da informação pelo leitor?	Compreender a mediação da leitura de obras históricas e culturais a partir do acesso ao dossiê "França no Brasil" através da BNDigital no que tange ao desenvolvimento de conhecimentos, aprendizagens e valorização do patrimônio documental digital.	Dossiê "França no Brasil"	Estudantes, professores, ou outros interessados na língua francesa que possuem envolvimento com a Casa de Cultura Francesa / UFC	Qualitativa Descritiva-Exploratória

Fonte: elaborado pela autora.

Dado o que foi apresentado, e em vista das concepções de leitura, mediação e bibliotecas digitais, pretendemos explorar práticas de mediação de leitura com os participantes, ressaltando o caráter social e cultural da pesquisa, dessa forma voltando nosso olhar para o cotidiano, modos de se comunicar e de lidar com as informações. Assim, como estratégia, adotamos a pesquisa-ação, definida por Thiollent (2011, p. 20),

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Dessa maneira, partindo da problemática da mediação de leitura em bibliotecas digitais, o que envolve apropriação da informação pelos leitores, consideramos propício que os dados a serem coletados se fundamentem em uma pesquisa que observe na prática a leitura e desenvolvimento de conhecimentos pelos sujeitos, de modo a oportunizar uma construção de saberes em conjunto. "A pesquisa-ação é uma investigação na qual há uma co-produção de conhecimentos entre os participantes e os pesquisadores por meio de processos comunicativos colaborativos [...]" (GREENWOOD; LEVIN, 2006, p. 102)

Nesse sentido Thiollent (2011, p. 22) explicita na pesquisa-ação que “os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Com a colaboração do pesquisador, tendo em vista uma produção de dados em conjunto, propomos esclarecer a situação que se apresenta em nosso objeto de estudo, o que tem relação com os conceitos e práticas de leitura, assim como a preservação da informação e o acesso pelos leitores através do meio digital.

Na compreensão do que concerne a pesquisa-ação, Barbier (2007, p. 119) destaca que “toda pesquisa-ação é singular e define-se por uma situação precisa concernente a um lugar, a pessoas, a um tempo, a práticas e a valores sociais e à esperança de uma mudança possível”. Entendemos, com isso, a relevância dos contextos sociais, culturais e de outras ordens que abraçam os elementos da pesquisa e assinalam suas particularidades, assim também despertando conscientizações e transformações.

Na realidade dessa investigação, vemos no fazer metodológico a importância da participação, da colaboração e o potencial de mudança. Revela-se então a mediação que acontece através da mídia, da tecnologia que dá suporte ao registro, ao armazenamento e ao acesso, mas também do fator humano, idealizando possibilidades de aproximação entre leitura e leitor, entre informação e usuário. Visto isso, organizamos o seguinte quadro de aplicações metodológicas a guiar nosso objetivo principal:

Quadro 3 – Aplicações metodológicas

Objetivos específicos	Métodos e técnicas de coleta de dados
Refletir sobre mudanças na forma como o leitor interage com a leitura em suportes tradicionais e digitais	Pesquisa bibliográfica
Pesquisar como se dá a relação entre o leitor e a leitura em meios digitais	Pesquisa bibliográfica
Explorar os contextos socioculturais, informacionais e de memória que suscitam a mediação da leitura em ambientes digitais	Pesquisa bibliográfica
Analisar a disseminação do conhecimento e a preservação da memória cultural a partir de obras históricas disponíveis no dossiê “França no Brasil”	Pesquisa-ação Oficina Grupo focal Questionário

Verificar a construção social da leitura e de suas práticas inerentes ao acesso a conteúdos digitais no dossiê "França no Brasil"	Pesquisa-ação Oficina Grupo focal Questionário
---	---

Fonte: elaborado pela autora.

Seguindo o caminho de uma pesquisa do tipo qualitativa, analisamos o objeto de estudo pelo viés descritivo-exploratório. Adotamos então uma pesquisa bibliográfica para melhor entender concepções e seu estado da arte, bem como a pesquisa-ação para esclarecer e vislumbrar soluções ao problema do cenário que se apresenta, utilizando práticas de mediação com os indivíduos. Adiante, explanaremos os instrumentos a serem empregados e a realização da pesquisa empírica.

5.1 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

Demonstrado o aporte teórico, as informações geradas das ações com o grupo participante da pesquisa serão analisadas estabelecendo associações com os conceitos apresentados como referências. Para isso, descreveremos os recursos técnicos empregados no processo de coleta de dados. Como salienta Severino (2007), ao descrever uma pesquisa de caráter exploratório, o levantamento de informações será sobre um objeto, delimitando campos e condições de manifestação.

A presente pesquisa, ao tratar de mediação de leitura no ambiente das bibliotecas digitais, se dispõe a analisar e refletir tal objeto entreposto através da BNDigital, mais especificamente nas relações dos usuários leitores com o dossiê “França no Brasil”. Garantindo uma postura ética na pesquisa, foi explicitado aos participantes acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como requisitamos que eles assinassem o referido documento, sempre respeitando o sigilo de identidade e a liberdade de participação de cada um deles.

O termo convida para participação na pesquisa, explicando do que se trata, o objetivo, procedimentos metodológicos, igualmente identificando a pesquisadora e programa de pós-graduação. Os participantes ao assinarem declaram estar esclarecidos após sua leitura, podendo receber explicações verbais para elucidar dúvidas. O uso das informações coletadas

contribuirá para o desenvolvimento da pesquisa, dando abertura a recusa dos participantes sem que isso lhes traga prejuízo. Após assinatura do participante e pesquisador, cada um fica com a posse de uma via.

No contato com o público-alvo, buscamos realizar discussões através de grupos focais com o intuito de coletar as opiniões desses usuários. Flick (2009, p. 182) identifica que “as discussões em grupo [...] correspondem à maneira pela qual as opiniões são produzidas, manifestadas e trocadas na vida cotidiana.” Pretendemos nessa perspectiva criar condições para que os participantes do grupo se sintam à vontade para expressar seus pensamentos e que sejam estimulados a discutir o tema proposto, gerando uma coleta de dados relevante ao nos ajudar a atingir os objetivos.

A aplicação de grupos focais na pesquisa corresponde ao nosso interesse de melhor entender a realidade da leitura por meio de uma biblioteca digital. “Grupos Focais são um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências.” (COSTA, 2001, p. 181). Assim, tanto na produção quanto na interpretação dos dados, buscamos considerar os vieses múltiplos que permeiam o cotidiano dos sujeitos e a construção de imaginários coletivos.

Além disso, colhendo dados para obter informações do grupo sobre os temas abordados, recorreremos aos questionários. Gil (1989, p. 124) os define como “questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas etc.”. Por sua vez, Richardson (2012) apresenta como vantagem a liberdade dos entrevistados em se expressarem no caso de questionários anônimos e de ter tempo suficiente para refletir sobre suas respostas.

No questionário utilizado estão previstas inicialmente questões para identificação geral do público, sendo elas:

- Idade;
- Escolaridade;
- Nível de estudo na língua francesa;
- Principal meio de acesso à internet;

- Principais atividades que buscam com a internet;
- Conhecia a existência de bibliotecas digitais;
- Visita o ambiente das bibliotecas digitais;

Determinadas tais características, fazemos uso da escala Likert para reconhecer variações de ideias e concepções sobre bibliotecas digitais:

- O acesso aos conteúdos das bibliotecas digitais é fácil e agradável;
- As bibliotecas digitais oferecem um ambiente favorável ao desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens;
- Os documentos disponibilizados nas bibliotecas digitais promovem a valorização da memória e patrimônio cultural;
- Pretendo continuar visitando bibliotecas digitais;

Por fim, em tal questionário, exploramos também perguntas abertas ao coletar opiniões que tratam da leitura e o meio digital. Pensamos que isso agregará à pesquisa maior riqueza em relação às particularidades de entendimentos dos leitores, aprofundando informações sobre o que foi abordado durante as oficinas discursivas.

- Você se considera um leitor? Por quê?
- Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?
- Como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais após a oficina?
- Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?

Ambas as técnicas foram efetuadas na ocasião da realização de oficinas com estudantes, professores e/ou outros interessados na língua francesa que possuem envolvimento com a Casa de Cultura Francesa, para a descoberta e acesso aos documentos disponíveis na BNDigital e na coleção “França no Brasil”, propondo a participação coletiva.

As dinâmicas das oficinas como ferramentas metodológicas criam espaços de socialização do conhecimento, em que há na pesquisa, além da coleta, a produção de informações que nasce da reflexão, comunicação e sensibilização sobre os temas tratados que,

[...] propiciam a criação de espaços dialógicos de trocas simbólicas e a coconstrução de outras possibilidades de sentidos acerca das temáticas discutidas, cujos efeitos não se limitam aos usos que os pesquisadores possam fazer desse material, mas também alertam para potenciais transformações nas práticas discursivas geradas naquele contexto, numa fusão inseparável entre o que se convencionou chamar de "coleta de informações e produção de informações". (SPINK; MENEGON; MEDRADO, 2014, p. 33)

Dessa forma, na preparação e execução das oficinas, se permite incorporar outros instrumentos metodológicos para auxiliar na investigação. No convite à interação e compartilhamento de saberes, os indivíduos podem construir participando do grupo reunido na oficina, a partir do diálogo, sentidos e conhecimentos de maneira coletiva, assim com o potencial de promover transformações ao entrar em contato com novas possibilidades de leitura e conhecimentos.

5.2 Cenário da pesquisa

Apresentando o cenário da pesquisa, temos as presenças de duas grandes bibliotecas digitais que através de parceria, formularam em conjunto uma coleção de documentos intitulada “França no Brasil”, promovendo o acesso a documentos valiosos e relevantes para a história, cultura e memória concernentes às trajetórias em comum entre esses dois países.

Nesta pesquisa, exploramos a mediação da leitura de tais obras para desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens, entendendo que, na abrangência dos contextos que envolvem esse processo é importante considerar aspectos sociais, culturais e informacionais. Em pesquisas que se voltam ao ambiente da internet, Fragoso, Recuero e Amaral (2015, p. 42, grifo do autor) apontam sua característica cultural, que aproximam o digital às práticas cotidianas.

A perspectiva da internet como **artefato cultural** observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte [...] A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso.

Utilizando o acesso ao dossiê “França no Brasil”, partindo do portal da BNDigital, apresentamos essa atividade em oficinas que evidenciaram do que se trata a pesquisa e as obras disponibilizadas nesse meio e, assim, a valorização do patrimônio e memória que esses documentos representam. O passo seguinte foi selecionar amostras para a

formação de grupos de participantes das oficinas. Em se tratando de uma pesquisa qualitativa a entender comportamentos e dinâmicas sociais relacionadas a leitura, buscamos trabalhar com um grupo que julgamos propício o interesse pelo cenário que se apresenta.

Nesse sentido, Fragoso, Recuero e Amaral (2015, p. 68) veem que “as amostragens qualitativas buscam selecionar os elementos mais significativos para o problema de pesquisa. [...] as amostras qualitativas são, portanto, tipicamente intencionais”. Nesta pesquisa, observamos a mediação em um ambiente diverso e complexo que entrelaça tecnologias, comunicação, cultura e informação. Fixando o recorte do dossiê “França no Brasil” esperamos a participação de interessados que possuam envolvimento com os cursos de língua francesa da CCF/UFC (sendo a autora também uma ex-aluna da Casa, o que contribuiu no interesse pela escolha) para a apreensão de opiniões e percepção de valores que acompanham as práticas realizadas e resultados compreendidos nas dinâmicas das oficinas orientadas em um espaço aberto para trocas de experiências e diálogos.

Planejamos que as oficinas tivessem em média a duração de uma hora, realizadas no Laboratório de Informática do Bloco de Letras noturno/UFC, localizado próximo à Casa de Cultura Francesa.

A oficina foi dividida em três tempos, no primeiro, explicitamos para os participantes no que consistia a pesquisa, expressando objetivos e a biblioteca digital a ser estudada, além de ser solicitada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O segundo momento constituiu-se da apresentação da coleção “França no Brasil”, explicando melhor sobre o desenvolvimento do projeto, o acervo e a parceria entre bibliotecas. Após, os participantes ficaram livres para explorar o portal e, em seguida, iniciamos um diálogo para que os participantes apontassem o que mais lhes havia interessado.

Nesse momento de trocas de experiências, atentamos para a construção de conhecimentos e leituras em conjunto. Finalizando a oficina, em um terceiro momento, aplicamos o questionário exposto para analisar opiniões e ideias sobre práticas de leitura e presença das bibliotecas em ambiente digital, sobre significados da mediação nesse contexto e pensamentos acerca do acesso aos documentos apresentados.

5.3 Coleta de dados

Ao iniciar a fase empírica do estudo com o processo de coleta de dados, consideramos o planejamento feito para a realização das oficinas, o qual prevê a metodologia da pesquisa-ação e a incorporação de outros instrumentos como grupo focal e aplicação de questionário. Como primeira etapa, entramos em contato com a professora coordenadora da Casa de Cultura Francesa/UFC para apresentar a pesquisa e discutirmos estratégias para sua prática.

A primeira oficina aconteceu por ocasião da *Semaine de la Culture Française*, entre os dias 16 a 20 de setembro, realizada pela Casa de Cultura Francesa da UFC, aproveitando a disposição de atividades culturais com temáticas francesas. Sendo esta pesquisa de mestrado incluída na programação com a seguinte chamada: “França no Brasil – oficina de mediação de leitura em bibliotecas digitais”.

A oficina teve então como objetivo pesquisar a mediação da leitura de documentos histórico-culturais disponibilizados em meio digital para desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens, bem como a valorização do patrimônio e memória cultural que esses documentos representam, a fim de melhor compreender como a leitura se comporta no âmbito das bibliotecas digitais.

Reservado um Laboratório de Informática no Bloco de Letras noturno da UFC, o que permitiria o recurso de infraestrutura com o uso de computadores para a prática da oficina, a capacidade aproximada do local comportaria 20 pessoas. A divulgação da oficina foi feita, predominantemente, através das redes sociais e agendada para o dia 20 de setembro de 2019, durante a semana do evento citado.

Entretanto, apenas duas pessoas comparecerem nesse dia, o que não seria um número suficiente para o estudo do que buscávamos como objetivo da pesquisa, mesmo tratando-se de pesquisa de cunho qualitativo. Dessa forma, constatou-se a necessidade de realização de mais uma oficina. Esse segundo planejamento envolveu reunião com os professores da Casa de Cultura Francesa, na qual me foi permitido apresentar do que se tratava a pesquisa e pedir o apoio para a realização de uma nova oficina.

Com isso, um professor se dispôs a chamar uma turma para participar, o que ficou acertado para acontecer no dia 2 de outubro. A referida turma era formada de alunos em nível iniciante na língua francesa e para o maior êxito da oficina, combinamos que o horário de realização dessa nova oficina seria o mais propício aos participantes. Além disso, reunimos alguns outros contatos em uma lista de inscrição e, através de comunicação via e-mail, informamos sobre o objetivo da oficina, data e horário.

Novamente foi feita a reserva do Laboratório de Informática, dessa vez contabilizou-se 17 pessoas presentes, totalizando 19 participantes nas oficinas, o que acreditamos satisfatório para análise qualitativa dos dados da pesquisa, haja vista particularidades de opiniões e pontos de vistas.

Das dificuldades encontradas na pesquisa, salientamos as limitações de tempo e o desafio de reunir a presença de participantes assim como motivar interações durante o andamento da oficina. Isto posto, as oficinas transcorreram como explanado anteriormente, tendo um primeiro momento para apresentação da pesquisa, acolhida dos participantes e preenchimento do TCLE. Realçamos que foi explicado aos participantes que se tratava de um momento de coleta de dados em que as informações obtidas teriam caráter científico, respeitando o anonimato e deixando claro que eles poderiam se recusar a participar.

Um segundo momento envolveu a discussão dos assuntos abordados e práticas de acesso e leitura à biblioteca digital e ao dossiê selecionados como material de estudo. Formulamos quatro perguntas associadas a experiências de leitura que incitasse os participantes a colaborarem de forma discursiva nesse momento de mediação com o acervo digital, sendo estas as indagações: qual leitura já buscou em meio digital?; qual leitura imaginam que esses documentos abordam?; como veem a importância da preservação desses documentos?; conseguem relacionar a leitura desses documentos com alguma experiência ou vivência pessoal?

Ao final, houve um momento de resposta ao questionário elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa, no qual também se delineou o perfil dos participantes e se ofereceu a oportunidade deles se expressarem sobre os temas apresentados na oficina, fazendo uma avaliação desta. Apresentamos na próxima seção a análise dos resultados alcançados.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentados os contextos de planejamento e a realização das oficinas, ao encerramento do procedimento de coleta de dados obtivemos no total 19 participantes e respondentes do questionário. Mantendo sigilo da identidade dos indivíduos, iremos identificá-los nessa análise pelas denominações genéricas P1, P2, P3, P4...P19, quando se tratar das informações preenchidas nos questionários. Indicaremos como “participante da oficina”, quando for referente a comentários expressos de modo verbal durante as oficinas.

Inicialmente, discernindo alguns traços da amostra, percebemos que esta englobou um público em sua maioria de jovens, entre 15-25 anos, correspondendo a 47,4% da amostra; seguido por 26-35 anos, representando 10,5%; e outros acima de 36 anos de idade (faixas etárias 36-45 anos e 46-55 anos), somando 42,2% da amostra. Em relação à escolaridade, identificamos indivíduos com cursos de nível superior completos ou incompletos, assim buscando reconhecer características de experiências acadêmicas dos sujeitos. No presente caso, apenas 5,3% selecionou ter ensino médio completo ou incompleto. A maioria selecionou a opção da pós-graduação (68,4%) e ensino superior (26,3%), evidenciando que a maior parte dos participantes possui familiaridade com a vivência na universidade.

Em relação ao nível de aprendizado da língua francesa, como esperado, em virtude de a pesquisa ser realizada com integrantes da Casa de Cultura Francesa, 16 dos participantes eram de estudantes de nível iniciante, apenas um de nível intermediário e dois professores participantes. Assim, em relação às características da amostra, por um lado é revelado variações de faixa etária, mas por outro, há uma acentuada padronização em níveis de aprendizado.

Sobre a temática das tecnologias digitais concebida no âmbito das bibliotecas digitais, a princípio indagamos aos participantes como e para que eles utilizam e acessam a internet. Evidentemente, compreendemos que o recorte deste estudo não retrata de forma abrangente a realidade de acesso da população à internet. Entretanto, diante da amostra que reunimos, estabelecemos como dados que nenhum dos participantes alegou não ter o costume de acessar a internet, demonstrando forte vínculo com o meio on-line. No tocante ao uso das ferramentas e recursos tecnológicos digitais, buscamos conferir os principais meios e atividades com os quais se relaciona nosso público-alvo.

Dos meios de acesso, os dispositivos móveis, a exemplo de celulares e tablets, são os mais utilizados, somando-se 84,2%, seguido de computadores de uso pessoal com 73,7% e computadores de uso coletivo, 52,6%. Das atividades em que empregam o tempo on-line, as pesquisas científicas foram as mais citadas, concentrando 84,2% das respostas da amostra, enquanto 68,4% apontaram o uso dos e-mails e aplicativos de conversa.

Ainda respondendo à questão que indagava sobre as principais atividades buscadas na internet, vemos que para as três opções eles incluíam: o uso voltado às redes sociais, para entretenimento e a utilização de serviços em geral, representando a porcentagem de 57,9% em cada. Por fim, 42,1% da amostra elegeram como ferramenta de trabalho. Nesses questionamentos, ao permitir selecionar mais de uma das alternativas, percebemos certa homogeneidade na variação das respostas, os quais os resultados nos fizeram ver que os participantes desfrutavam do alcance e possuíam domínio dos suportes com acesso à internet.

Em alusão aos tipos de leitores enunciados por Santaella (2014), na evolução das tecnologias ao longo do tempo, recentemente, identificamos com o leitor ubíquo a característica de preencher ambos os espaços, físicos e digitais, ativamente. Vemos com isso, a aplicação do digital em meio às práticas cotidianas, envolvendo também contextos pessoais, de trabalho e estudo, dentre outros.

Desse modo, os sujeitos movimentam-se e participam simultaneamente de diversos ambientes, tornando o uso das tecnologias digitais amplo em relação aos meios e suas finalidades. Por sua vez, enquanto acompanham os fluxos informacionais no cotidiano, o alcance é facilitado por instrumentos cada vez mais potentes em capacidade de armazenamento, portabilidade e velocidade.

Considerando o referencial teórico apresentado nesta pesquisa, voltemos ao Quadro 1, elaborado na etapa de levantamento bibliográfico. Adaptamos este quadro ao relacioná-lo à lista de perguntas da pesquisa empírica. Sendo assim, apontamos as temáticas principais e subtemas abordados com os questionamentos direcionados à amostra na ocasião da aplicação dos procedimentos metodológicos, o que nos conduz aos objetivos da pesquisa.

Quadro 4 - Questões da coleta de dados relacionadas à temática da pesquisa

Tema principal	Subtemas	Questões da coleta de dados
Leitura	<p>Concepções Práticas</p> <p>Relações leitor, leitura e mundo Suportes de registro da leitura Leitura em ambiente digital</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário: Você se considera um leitor? Por quê? Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital? • Oficina: Qual leitura você já buscou em meio digital? Qual assunto imaginam que esses documentos abordam?
Mediação	<p>Leitura e memória: conceitos e relações Mediação: múltiplos entendimentos Preservação da memória Fontes de informação histórica Contextos mediacionais Mediação na era digital</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário: Você conhecia a existência de bibliotecas digitais? Você costuma acessar sites de bibliotecas digitais? Como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais após a oficina? Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa? • Oficina: Como veem a importância da preservação desses documentos? Conseguem relacionar a leitura desses documentos com alguma experiência ou vivência pessoal?

Bibliotecas digitais	A informação no meio digital Conceitos biblioteca digital Acervos digitais Preservação e acesso Bibliotecas nacionais Bibliotecas digitais	<ul style="list-style-type: none"> • Questionário: O acesso aos conteúdos das bibliotecas digitais é fácil e agradável? As bibliotecas digitais oferecem um ambiente favorável ao desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens? Os documentos disponibilizados nas bibliotecas digitais promovem a valorização da memória e patrimônio cultural? Após a oficina, pretende continuar visitando bibliotecas digitais?
----------------------	---	--

Fonte: elaborado pela autora.

Isto posto, pautaremos a análise partindo dos três temas principais apresentados, organizando nas subseções: entendimentos sobre leitura; contextos de mediações; e informação e biblioteca digital. Assim distinguindo compreensões, opiniões e comentários vistos no estudo empírico de forma a perceber relações e aproximações com as discussões teóricas.

6.1 Entendimentos sobre a leitura

Quando aprofundamos as abordagens sobre leitura no segundo capítulo, nos ocupamos em enxergá-la como algo complexo, em constante construção e que se expande em variadas possibilidades. Nessa perspectiva, os leitores adquirem vínculo íntimo com o que leem, criando sentidos apoiados em experiências e no subjetivo.

Quando perguntado aos participantes da pesquisa “Você se considera um leitor? Por quê?”, vemos que apenas uma pessoa respondeu que não, mas em sua justificativa diz que lê artigos voltados à pesquisa científica, o que está ligado aos seus estudos. Os demais participantes responderam afirmativamente e, neste ínterim, vemos a associação da leitura a diferentes naturezas, gêneros e propósitos nas experiências do cotidiano de cada indivíduo.

Dentre as respostas colhidas, podemos destacar sobre essa questão:

Quadro 5 – Análise (A) da questão “Você se considera um leitor? Por quê?”

Respondente	Respostas
P8	“Porque tenho o hábito de leitura contínua. Não há como pesquisar sem ler.”
P9	“Sim, pois a leitura faz parte do meu cotidiano, de modo que leio diariamente.”
P10	“Sim. Em grande parte do meu cotidiano estou lendo alguma coisa, seja por prazer ou por necessidade (estudo, trabalho, etc)”
P17	“Sim. [...] a leitura faz parte do meu dia a dia. Mesmo em um transporte coletivo gosto de prestar atenção nos letreiros da rua e ler o mundo.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Verificamos que a leitura está presente na realidade pessoal e social dos participantes, que a reconhecem a princípio em caráter formal de aprendizado, mas que também se desenvolve para além do texto. Nessas argumentações podemos lembrar Freire (2006) quando se fala em uma leitura que não se limita, mas se desenvolve em leituras das palavras e leituras de mundo. E nesse fenômeno, ambas têm sua importância em contribuir na formação do leitor.

Dos suportes de leitura, nos quais se registram informações e ademais influenciam modos de ler, nos empenhamos em observar as práticas e compreensões que os participantes associam ao ato de ler ainda na razão de se enxergarem como leitores, entre eles:

Quadro 6 – Análise (B) da questão “Você se considera um leitor? Por quê?”

Respondente	Respostas
P2	“Sim. Estou em contato constante com textos de naturezas diversas como vídeos, e-mails, artigos, postagens em redes sociais, livros, etc.”
P11	“Sim, pois costumo ler bastante. Leio diariamente: livros acadêmicos, artigos científicos, histórias em quadrinho, livros de histórias fictícias, entre outros.”
P15	“Sim, porque estou sempre procurando ler livros, revistas, sites com diversos tipos de informações, seja como passatempo ou como conhecimento.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos nas respostas de alguns participantes a pluralidade de meios, combinada com diversas intenções, destacando os livros na relação com as práticas de leitura. Chartier (1994, 1999) já apontava as ordenações que existiam em torno do livro e por conseguinte, moldavam a leitura. Assim, podemos notar nas diferentes formas de registro do que é lido, contextos que impactam, transformam, ressignificam modos de ler. Esse panorama

é demonstrado por Manguel (2006) e Lyons (2011) ao apresentarem na trajetória da história do livro da leitura, pontos que relacionam os suportes com as práticas de leitura.

Nessa questão “Você se considera um leitor? Por que?”, ser leitor e utilizar a leitura como um caminho na aproximação com outras culturas destacamos a resposta de P18 ao afirmar: “Sim, pois adoro conhecer novas culturas e saber um pouco mais de cada assunto.”. Dessa forma, através da leitura, inclusive feita em outras línguas, se ampara a construção de imaginários que perpassam os contextos informacionais, sociais e culturais.

Inseridos em uma sociedade letrada, notamos a leitura integrada ao nosso redor, adquirindo assim diferentes formas, tipos e, da mesma maneira, requerendo diferentes abordagens e modos de ler. Destarte, ante o grande volume e pluralidade de fontes de informação, ao partir das necessidades e desejos dos leitores, a leitura acolhe sentidos, objetivos e fluxos ligados a suas interpretações e vivências. Com essa acepção, refletimos sobre as mudanças na relação dos leitores ante a leitura em meio digital.

A tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (SOARES, 2002 p. 152)

Quando perguntamos “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?” a fim de entender como os participantes veem, interagem e se relacionam com tais tipos de leitura, primeiramente, nos detemos nos sentimentos de afetividade que guiam acentuadamente as preferências dos leitores.

Diante das transformações dos suportes de leitura, a percepção das suas práticas de leitura se pauta na dimensão humana do emocional e em histórias de vida, o que pode ser exemplificada pelas respostas apresentadas a seguir:

Quadro 7 – Análise (A) da questão “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?”

Respondente	Respostas
P1	“Gosto de manusear [...]”
P13	“[...] acho que é muito da preferência de quem lê”
P15	“Ainda sinto, muitas vezes, a necessidade de tocar e ter os livros físicos [...]”

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo essa questão que versa sobre afetividade e preferências dos leitores, lembramos das faixas etárias em que os participantes da pesquisa estão incluídos. Assim, se infere que as primeiras experiências de leitura desses indivíduos talvez tenham acontecido por meio de suportes tradicionais e, ao longo da vida, passaram pelo processo de descobrir e se adaptar às tecnologias digitais, como destaca P2 ao afirmar: “Acredito que para a minha geração a leitura em meio físico é uma experiência mais afetiva, o contato (a experiência tátil) para mim é mais agradável. A leitura em meio digital, por outro lado é mais democrática na medida em que permite maior acesso”.

Também observamos na resposta de P7 que a leitura em ambiente virtual é processual e exige certo nível de adaptação: “Ainda não me acostumei com a leitura digital, mas estou me adaptando aos poucos. Ainda gosto muito do meio impresso.”

Com tal repertório de experiências, destacamos o modo como os leitores salientam as mudanças em virtude da leitura através de suportes físicos e digitais:

Quadro 8 – Análise (B) da questão “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?”

Respondente	Respostas
P6	“O meio físico é mais confortável para a visão.”
P10	“Geralmente ler por meios digitais tem a vantagem de ser algo prático, tanto pelo tamanho do aparelho como pela possibilidade de ter vários documentos num só objeto. Porém, a leitura por meio físico é mais agradável devido ao material.”
P12	“Como uso muito o celular e computador, não vejo tanta diferença entre ler através desses dois meios. Mas a principal diferença talvez seja a originalidade que um livro físico tem.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Contemplando as diferenças entre particularidades desses meios, a maioria das respostas se volta para a dualidade entre o material e o imaterial, e como essas características provocam variações nos processos de leitura e de aproximação com os objetos informacionais, transformando tanto sua produção quanto seus usos, como salienta P11: “O meio digital é muito mais prático: mais barato, acesso bem mais fácil e não é necessário ter espaço para guardar os livros físicos. Além disso, podemos realizar anotações em cópias de livros digitais [...] sem a preocupação em "prejudicar" o livro [...]”.

Para o respondente P19, “[...] A leitura física, apesar de estar muito difundida, atualmente é um pouco mais restrita do que a digital, visto que, com apenas um celular ou computador pode-se ter diversos livros, tornando-se algo mais prático.”

Dessa forma, entre os participantes, ainda que as maneiras de ler tenham a tendência de serem marcadas intimamente por suportes físicos, e representem um “lugar” de conforto, no desenvolvimento de ambientes digitais para registro da escrita e práticas de leitura, compreende-se novas utilidades, proveitos e assim novos modos de se obter conhecimentos. Para eles, a leitura digital favorece o viés democrático, ampliando possibilidades de contato e acesso a uma grande quantidade de informações. Vejamos o que dizem os participantes da pesquisa a esse respeito:

Quadro 9 – Análise (C) da questão “Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?”

Respondente	Respostas
P14	“o meio físico permite a experiência de contato com o livro ou material de leitura que estimula uma maior relação de afeto do leitor e contém essa relação com a ideia de criar seu acervo num espaço físico, como bibliotecas. Já os meios digitais de leitura, muitas vezes, são mais dinâmicos, baratos e fáceis de transportar, devido ao peso de um kindle ou smartphone ser bem menor que de um livro. é interessante a perspectiva de leitura em formato hipertexto. são abertas novas possibilidades de leitura e de experiência de conhecimento”
P16	“o meio virtual, atualmente, é um meio mais prático e de mais fácil acesso para pessoas que se consideram leitoras ou não e costuma ser acessado pelas duas classes; já o meio físico está mais ligado as pessoas que já possuem o hábito da leitura e que buscam e compram o documento físico mais por uma questão de "afeto".”
P17	“O físico proporciona um contato, por vezes, mais íntimo, tendo em vista que comprar ou ganhar um livro é uma espécie de ritual que envolve procura, escolha e contato, mesclando sentidos que vão além da visão. Há quem seja apaixonado pelo cheiro de livro novo, por exemplo! Já o meio digital proporciona a praticidade e a economia.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Nas oficinas, ao pensar na leitura “de mundo”, fazemos a associação da leitura com o cotidiano. Desse modo, abordando a leitura para além da materialidade, mas trazendo à tona as práticas no meio digital, formulamos a pergunta “Qual leitura você já buscou em meio

digital?”. Obtivemos respostas as quais interpretamos que, à medida que os participantes se veem como leitores, isto define seus comportamentos na busca por informação.

Em conjunto com os aspectos já apresentados, que envolvem as percepções dos participantes com a leitura, vemos com o auxílio das tecnologias, a continuidade de costumes e práticas leitoras presentes através dos usos de suportes digitais. Na relação com a universidade, inferimos nas respostas dos participantes que em virtude dos seus estudos e do exercício da pesquisa, a leitura de artigos, jornais e demais textos científicos são realizados com o intuito deles se manterem sempre informados e atualizados.

Durante a realização das oficinas, apresentamos e discutimos com os participantes sobre diversas características das bibliotecas digitais, incluindo conceitos, objetivos e missão. Nesses momentos, com esses acervos também são descobertos documentos históricos que representam a memória cultural. Presentes no meio digital, essas instituições de memória, que historicamente se ocupam da salvaguarda e difusão da informação, são identificadas como fontes valiosas e confiáveis de informação e para a pesquisa.

Apontando a preservação digital e a disponibilização on-line dessas obras em diversos formatos, nas oficinas, questionamos “Qual assunto imaginam que esses documentos abordam?”. Percebemos que são mencionados assuntos que se referem a viagens, à ciência, à arte, à literatura e outros; coincidindo com o que exploramos na coleção de documentos estudada nessa pesquisa. Observamos dessa forma, temáticas que se constroem no imaginário e entendimentos dos participantes.

No diálogo que se cria entre o leitor e a leitura, as interpretações que daí surgem perpassam experiências, vivências e o que envolve a cultura na qual estamos inseridos. Como declarado por Certeau (2014), independentemente do tipo de leitura, são os leitores que irão criar sentidos. Dessa forma, trata-se de uma ação em constante movimento e renovações que acompanham os aspectos culturais.

Os suportes digitais vêm se revelando como uma nova tecnologia a causar transformações e influências em como se percebe a leitura e o ato de ler. Lévy (1993, 1999) visionava com a cibercultura e o ciberespaço os impactos que as tecnologias causariam à sociedade, retratando evoluções ligadas ao conhecimento e à comunicação. Assim, adquirindo

características que abrangem fluxos de informações maiores, mais velozes e globais, novas possibilidades provocadas pelas tecnologias se refletem ao conhecer e explorar no acesso às bibliotecas digitais “Um mundo que se descortina” (Participante da oficina).

6.2 Contextos de mediações

Na aproximação entre leitura e leitor, vimos que os elementos ou recursos envolvidos transcendem vieses técnicos ou formais, mas abrangem o caráter humano, social e cultural. Falando sobre a mediação da leitura, abordamos então a complexidade (FEITOSA, 2016) que percebemos com esses conceitos e processos.

Observamos, com os participantes da pesquisa, como eles se manifestam em suas realidades e contextos quando tratam de lidar com a informação, com práticas de leitura e aprendizagens, compreendidas ante os meios digitais. No que tange às bibliotecas digitais, apresentamos no questionário duas perguntas com características amplas para investigar: primeiro, se os participantes conheciam a existência de tais bibliotecas e, segundo, se tinham costume de acessar conteúdos provenientes de sites de bibliotecas digitais, ajudando a traçar de maneira geral o perfil do leitor.

Notamos que apesar de 78,9% responderem que sim, conheciam a existência de bibliotecas digitais; por outro lado, 78,9%, a mesma porcentagem, responderam que não possuem o costume de acessar os sites de bibliotecas digitais. Esse cenário nos faz refletir sobre o nível de superficialidade em que se “conhece” tal recurso, em quais sentidos isso marca presença no cotidiano dos indivíduos e em como se pode abrir caminhos ao descobrimento dessa fonte de informação e documentos que compõem um rico patrimônio cultural digital.

Na perspectiva das práticas de leitura em que se atribuem significados e sentidos, diversos deles são construídos a partir das vivências dos indivíduos, visto que, na busca por informações os usuários se voltam para o que é interessante ou necessário a eles. Em vista disso, diante do grande volume de informações ao qual dispomos no dia a dia, o processo de mediação contempla a aproximação com os objetos informacionais, apontando múltiplas possibilidades de interações entre sujeitos, objetos e meios.

As oficinas permitiram a participação colaborativa na coleta e produção de dados para a pesquisa, também conscientizando e sensibilizando para os temas apresentados. Vislumbrando noções de preservação e memória, atribui-se importância ao assunto quando se fala na construção e disseminação de conhecimentos, pois o passado pode revelar identidades sociais, culturais e de reinterpretações, esboçar desenvolvimentos do futuro. (LE GOFF, 2003).

Nas oficinas, esse pensamento se reflete na questão “Como veem a importância da preservação desses documentos?” o que, de modo geral, foi considerado muito relevante e visto com seriedade ao lembrar dos numerosos riscos a que os documentos físicos estão sujeitos e das alternativas e possibilidades que se apresentam no meio digital, pensando processos de salvaguarda e acesso.

Os participantes trouxeram à tona preocupações em relação à conservação e preservação de obras históricas e culturais do país. Isto, ao evocarem a gravidade de casos recentes em que documentos foram danificados ou se perderam devido a incêndios ou outras causalidades em instituições.

Já em outro momento, após a parte prática da oficina, quando foi proposto aos participantes livremente conhecer e desvendar o acervo digital apresentado, quanto a isso, os indagamos: vocês “conseguem relacionar a leitura desses documentos com alguma experiência ou vivência pessoal?”, pensando na mediação dos objetos informacionais com os sujeitos leitores.

Na busca por informações, vemos a leitura associada às vivências de pesquisas com teor acadêmico de áreas diversas, o que espelha a ligação do público da amostra com a universidade. Foi uma oportunidade de ver em algumas respostas o interesse que surge a partir da realidade e o costume do leitor correlacionado aos conteúdos disponíveis na coleção de documentos digitais, vista como material de estudo na presente pesquisa.

Citando como exemplo, chamaram a atenção relatos de viagens escritos por mulheres e a criação de mapas em diferentes períodos históricos. Outra característica apontada por uma participante da oficina, é a fluidez da leitura no meio digital, que marcada por ligações em *hiperlinks*, estrutura informações que se combinam entre si, em que um texto leva outro, e outro, sucessivamente.

Ao final desse momento, por meio do questionário indagamos aos participantes “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”, interligando os conceitos de preservação e acesso sob a ótica da mediação cultural da informação e da mediação da leitura em ambientes digitais.

Percebemos uma inquietação com a possível perda de documentos em suportes físicos, significando a perda das informações registradas neles. A preservação digital é encarada, então, como uma forma de ampliar condições de durabilidade desses documentos. Mencionando a grande quantidade de documentos integrados a acervos de instituições informacionais, Cavalcante (2012) evoca os desafios e critérios que existem para a digitalização. Com esse procedimento, limitações de diversas categorias tornam necessário definições de estratégias que, ao transportar os documentos para o meio digital, acabam elegendo coleções específicas significativas como um fato ou tempo histórico.

Dodebei (2011), por sua vez, traz à tona questões sobre a preservação no próprio meio digital. Elevando as informações e suas significações para os sujeitos além da materialidade dos objetos, é interessante pensar nas demandas e adversidades geradas em um espaço que é intangível, e que se encontra progressivamente em crescimento e atualização.

Quadro 10 – Análise (A) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”

Respondente	Respostas
P7	“Muito importante a preservação em meio digital, pois há o risco de perdemos o acervo físico.”
P2	“É de suma importância esta preservação, pois documentos impressos são vulneráveis a todo tipo de dano como incêndios, por exemplo. A digitalização desses documentos permite que sejam preservados em condições muito mais adequadas e duradouras.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Outro ponto assinalado é o da importância da preservação para assegurar o acesso de forma facilitada e com maior alcance, e em virtude disso, ressaltando a continuidade das informações nesses documentos ao longo do tempo.

Quadro 11 – Análise (B) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”

Respondente	Respostas
P12	“Super importante. Preservar esses documentos permite um acervo maior e menos perda de material por intempéries ou episódios catastróficos, além de facilitar o acesso à leitura de onde o leitor estiver.”
P14	“fundamentais para evitar danificação de documentos e materiais que remontam a trajetória intelectual do ser humano. são uma maneira de garantir o acesso à posteriore.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora houvesse desconhecimento acerca dos acervos disponíveis em ambientes virtuais, vê-se que nas possibilidades de preservação de documentos físicos em meio digital e no acesso a esses conteúdos informacionais, preza-se pela história e memória coletiva inerente a eles, como expressa uma participante: “Fico mais esperançosa. Não tinha conhecimento de que existiam movimentações para a digitalização e manutenção desses documentos, que são de extrema importância para a história.” (P13)

Na manifestação de tais conceitos e nas propostas das bibliotecas digitais, alguns efeitos sentidos pelos participantes perpassam o compartilhamento e a disseminação de conhecimentos.

Quadro 12 – Análise (C) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”

Respondente	Respostas
P1	“Compreendi que tal iniciativa tem uma importância ímpar na divulgação do conhecimento para as gerações.”
P10	“É extremamente importante essa preservação e divulgação desse instrumento para que seja compartilhada a importância desses documentos”
P16	“muito importante, principalmente pela difusão e democratização do conhecimento.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa perspectiva, se reconhece nos assuntos e natureza dessas obras sua caracterização histórica e cultural. E dos significados que a memória cultural coletiva adquire diante da sociedade, observa-se a relevância da atenção com que esses documentos precisam ser tratados.

Quadro 13 – Análise (D) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”

Respondente	Respostas
P8	“Como fundamental para que a memória coletiva não se apague e a vida humana se transforme em uma coisa rasa [...]”
P9	“Vejo como algo de grande importância, principalmente por questões históricas e de pesquisa.”
P18	“Vejo a preservação com bastante expectativa, pois tais documentos devem ser registrados em meio digital para a valorização do patrimônio histórico e cultural.”

Fonte: Dados da pesquisa.

O acesso à informação através de suportes digitais revela-se como democrático em razão de superar limites materiais e temporais. Esse caráter democrático é realçado por Cavalcante (2007) ao refletir sobre o patrimônio digital, no qual documentos históricos são disponibilizados em acervos com acesso por meio de museus, bibliotecas ou arquivos digitais. Dessa forma, ampliadas abrangências físicas e temporais, diversidades de documentos e suas origens culturais, também se amplia o alcance, se estendendo a variados usuários.

Quadro 14 – Análise (E) da questão “Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?”

Respondente	Respostas
P17	“[...] É um investimento necessário que dialoga com a contemporaneidade e propicia o compartilhamento de ideias e saberes. Nesse âmbito, não se pode esquecer da busca por conteúdos acessíveis a pessoas com deficiência também.”
P11	“De suma importância para o desenvolvimento da sociedade.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Acompanhando os avanços tecnológicos, percebemos que se amplia formas de difusão, meios e práticas, contribuindo para gerar novas concepções. Em termos de disseminação da informação e construção do conhecimento, investigamos os contextos em que se provocam mediações de leitura entre sujeitos, recursos tecnológicos e informação. Desse modo, no que concerne a obtenção de conhecimento e aprendizagem, ao selecionar o dossiê digital “França no Brasil” vislumbramos com os participantes se eles “consideram importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”

Unanimemente, as respostas foram sim. Com o acesso aos documentos digitais revelou-se uma nova fonte de informação e leitura, até então desconhecida pelos participantes da pesquisa, permitindo o acesso a documentos que por meio físico talvez não fosse possível. No meio digital observa-se a amplitude e complexidade com as quais se compreende as práticas de leitura da língua.

Quadro 15 – Análise (A) da questão “Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”

Respondente	Respostas
P8	“Indubitavelmente. Para termos acesso às obras que não estão disponíveis em nosso território e às quais dificilmente teríamos acesso.”
P12	“Sim. Pode ser considerado como uma das fontes de contato com a língua.”
P17	“Sim, aliás, compila materiais que podem auxiliar o aprendizado da língua. Deste modo, a divulgação do acervo é necessária para que mais pessoas conheçam o portal e abram as portas do saber.”
P18	“Considero bastante importante a existência desse acervo para o aprendizado e difusão da língua francesa.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Por representarem trocas culturais mútuas e estarem disponíveis nas duas línguas, português e francês, o portal e as obras desse dossiê despertaram nos participantes o apelo de buscar novos saberes com as informações que se apresentavam e de compartilhar esses saberes.

Entretanto, o aprendizado da língua não se revela por si só, mas reflete os contextos em que os documentos foram criados e perpetuados, alimentando o que se conhece de outras e da própria cultura.

Quadro 16 – Análise (B) da questão “Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”

Respondente	Respostas
P11	“Sim. Pude testar meus conhecimentos em língua francesa tentando ler alguns dos documentos em língua francesa. Além disso, é uma maneira de conhecer outra cultura.”
P13	“Sim. Torna o aprendizado mais complexo do que somente aprender uma língua. Você pode fazer conexões culturais e expandir o conhecimento sobre a língua. E pode praticar a leitura também.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Evidenciam-se também os intercâmbios culturais que despertam o interesse em conhecer a história, costumes, sociedade, ou seja, uma diversidade de informações e conhecimentos característicos desses documentos.

Quadro 17 – Análise (C) da questão “Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?”

Respondente	Respostas
P2	“Sim. O acervo traz um suporte cultural bastante importante.”
P19	“Sim, pois auxilia na compreensão da cultura francesa e, para se aprender uma nova língua de forma eficaz, deve-se conhecer as suas particularidades, as quais advêm diretamente da cultura.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao tratar de contextos de mediação e dos seus múltiplos desdobramentos, consideramos marcante o ato de aproximação com esses acervos. Aproximam-se leituras e informações, memórias do passado com o tempo presente, indivíduos e técnicas, o social e o cultural.

Essa situação permite uma produção conjunta, em que às práticas cotidianas dos sujeitos, se associam aos ambientes, realidades e vivências. Assim, na dinâmica complexa da mediação entre esses elementos, vemos surgir novas possibilidades de compreensão de conhecimentos e criação de saberes. “A mediação tecnológica do ciberespaço condiciona a emergência de novas práticas culturais. [...] Os espaços eletrônicos estão firmemente situados na experiência vivida, motivados por ela e tomam forma em resposta às suas demandas.” (SANTAELLA, 2010, p. 136)

Dessa forma, visto como o leitor encara e se relaciona com a leitura em meios digitais, dos significados que nascem com as experiências cotidianas e vivências ao longo da vida. Buscamos, também, entender os símbolos e processos mediacionais que aproximam os leitores das informações em ambientes virtuais. A seguir, destacaremos as impressões que os participantes obtiveram a partir do acesso ao acervo apresentado.

6.3 Informação e biblioteca digital

Na apresentação das bibliotecas digitais assim como seus acervos nas oficinas, evidenciando suas características e importância para a memória cultural, procuramos ainda absorver qual a opinião geral dos participantes frente ao exposto e explorado na prática. Para isso, adotamos no questionário quatro perguntas com respostas através da escala Likert, em que gradualmente se seguia uma ordem crescente, na qual o 1 significava discordar totalmente, o 2 discordar parcialmente, o 3 representava uma resposta neutra, o 4 concordar parcialmente e o 5 concordar totalmente.

Percebemos com a amostra, um resultado com respostas particularmente positivas. Primeiro, em relação ao acesso aos conteúdos das bibliotecas digitais ser considerado fácil e agradável. As opiniões dividiram-se entre 42,1% dos participantes concordarem parcialmente e 57,9% concordarem totalmente.

Por outro lado, se as bibliotecas digitais oferecem um ambiente favorável ao desenvolvimento de conhecimento e aprendizagem, com exceção de um dos respondentes, os participantes afirmam concordar totalmente. Para nós, demonstrou a potencialidade dos recursos tecnológicos na mediação de aprendizados, sendo um ponto que vimos destacar-se no decorrer da pesquisa.

Igualmente se vê uniformidade nas respostas. Com exceção de um dos respondentes, os demais participantes concordam totalmente em relação ao fato de que os documentos disponibilizados nas bibliotecas digitais promovem a valorização da memória e do patrimônio cultural. Acentuamos com isso, a importância atribuída à digitalização de obras históricas para o alcance maior dos usuários e da valorização referida à cultura representada nessas obras. Nesse sentido, se vê o reconhecimento das bibliotecas digitais como incentivadoras e mediadoras nesse processo.

Por fim, após a prática de acesso ao dossiê nas oficinas por meio dos ambientes digitais de bibliotecas, indagamos no questionário se os participantes pretendem continuar visitando bibliotecas digitais. Nisso as respostas variaram da seguinte forma: 5,3% mantendo neutralidade, 31,6% concordando parcialmente e 63,2% concordando totalmente.

Entrevendo alguma inquietação que essa seção do questionário poderia causar, tendo em vista as perguntas estarem na escala Likert e esta ser de um caráter eminentemente fechado, colocamos também a opção de um espaço não obrigatório para comentários livres

sobre as questões anteriormente abordadas, caso os participantes desejassem. Assim, algumas considerações foram feitas.

Desses comentários, vimos que os participantes reforçaram que é importante conhecer esses ambientes digitais, demonstrando até surpresa em saber da existência da disponibilização de documentos tão ricos para o patrimônio cultural de forma acessível.

Quadro 18 – Análise (A) dos comentários realizados na seção do questionário com perguntas em escala Likert

Respondente	Respostas
P7	“Não conhecia a biblioteca digital do Brasil, muito menos da França. Foi surpreendente saber que existe essa parceria entre os 2 países e que o acesso ao acervo é gratuito e fácil.”
P12	“Achei interessante a existência de um acesso fácil dentro dessas bibliotecas para facilitar o uso por diversos tipos de grupos.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Das respostas dos participantes, alegou-se ainda haver certo desconhecimento desses recursos. Conjecturamos que, diante da grande quantidade de informações disponíveis em meio digital e da distância que talvez esses assuntos se encontrem no cotidiano dos sujeitos, são fatores que podem ser considerados ao pensarmos em condições favoráveis para o acesso e nas contribuições de processos de mediação frente à disponibilização de objetos digitais.

Quadro 19 – Análise (B) dos comentários realizados na seção do questionário com perguntas em escala Likert

Respondente	Respostas
P10	“Utilizar os sites das bibliotecas digitais foi fácil e agradável, mas para chegar até esses sites não é tão fácil assim. Existe pouca divulgação desse tipo de instrumento.”
P18	“As bibliotecas digitais deveriam ser mais agradáveis na hora do acesso.”

Fonte: Dados da pesquisa.

Desse modo, entende-se que conhecer a existência de acervos digitais não garante a apropriação das informações contidas neles. Observando as transformações dos suportes e modos de leitura, procuramos saber as percepções dos leitores assim como explorar noções de preservação e acesso aos documentos que passam a agregar múltiplas possibilidades e características imateriais em meio virtual.

Entretanto, dos registros de informação em objetos físicos e das atuais técnicas de digitalização de documentos, compreendemos que cada qual terá suas especificidades e, portanto, necessidades próprias para guarda, conservação e transmissão de informações. “Contemporaneamente, os meios digitais podem ser aliados, em vez de inimigos. Deste modo, em vez de insistir em discussões que ponderam se o livro vai ter fim por causa da internet, é mais proveitoso agregar conhecimentos para reverberar saberes além das fronteiras.” (P17)

Com a adoção das oficinas como metodologia para a coleta de dados, foi relatado que “a oficina foi muito importante para lembrar a importância da disponibilidade do conteúdo digital [...]” (P14). As tecnologias digitais são consideradas, então uma ferramenta de grande auxílio à diminuição de barreiras e na democratização do acesso à informação. Todavia, são os usuários que lhe atribuem sentidos. Assim, pensar na complexidade da mediação envolvendo variados elementos do cotidiano, pode ser um caminho ao desenvolvimento de conhecimentos.

Seguindo esse pensamento, refletimos sobre o fenômeno da cultura presente nos processos de mediação envolvendo leitura, informação e tecnologias. Referenciando novamente Feitosa (2016), a cultura está no cerne da mediação ao considerar a complexidade e os contextos em que são realizados esses processos. Nós vivemos e criamos no mundo ao mesmo tempo em que adquirimos experiências e consumimos informações, ou seja, somos influenciados e contribuimos em nossa realidade sociocultural. Através da cultura vemos, conhecemos e nos relacionamos com o mundo.

Diante disso, ao pensarmos a informação, atentamos para dinâmicas ativas que vão além da fisicalidade, de espaços determinados e de técnicas. Abrangendo a mediação da leitura, sujeitos e tecnologias, a concebemos como partes da cultura e, dessa forma, percebe-se a diversidades de interpretações que nascem dos sentidos que são produzidos pelos sujeitos, e práticas que são engendradas a partir de seus cotidianos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos desvendar conceitos e práticas relacionadas a três temáticas principais e suas interpelações: a leitura, a mediação e as bibliotecas digitais. Com isso, nos deparamos com múltiplos olhares, em entendimentos que envolvem variados contextos, sendo eles históricos, sociais, culturais ou mesmo educacionais.

Visando contemplar uma elucidação para a problemática apresentada, norteamos este estudo mediante cinco objetivos específicos, os quais nos direcionou durante toda a investigação científica. Esses objetivos são: refletir sobre mudanças na forma como o leitor interage com a leitura em suportes tradicionais e digitais; verificar como se dá a relação entre o leitor e a leitura em meios digitais; explorar os contextos socioculturais, informacionais e de memória que suscitam a mediação da leitura em ambientes digitais; analisar a disseminação do conhecimento e a preservação da memória cultural a partir do acesso às obras históricas disponíveis no dossiê "França no Brasil"; e verificar a construção social da leitura e de suas práticas inerentes ao acesso a conteúdos digitais no dossiê "França no Brasil".

Na perspectiva da Ciência da Informação, inicialmente, partimos de um levantamento bibliográfico, no qual embasamos noções e percepções para assim observamos a aplicação empírica da pesquisa. Analisando a BNDigital e o dossiê "França no Brasil" como material de estudo, sob a metodologia descritiva-exploratória e pesquisa-ação, realizamos oficinas com professores e alunos envolvidos com a Casa de Cultura Francesa/UFC para colher ideias, opiniões e entendimentos sobre os assuntos abordados.

Constatamos com a avaliação dos instrumentos metodológicos de coleta de dados respostas notavelmente positivas. Em nossa apresentação das temáticas e material de estudo, os participantes da amostra manifestaram interesse e expressaram com os questionários suas percepções do que foi abordado durante as oficinas.

Ao atingir nossos objetivos de pesquisa, tratamos de esclarecer nosso objeto de estudo à luz do campo científico em que nos encontramos. No princípio da consolidação da Ciência da Informação, predominava uma inclinação para modelos que concebiam características físicas e técnicas da informação. Entretanto, para o entendimento do que é

informação, o olhar sob esse viés não é suficiente para descrevê-lo, o que tornou necessário recorrer a interpretações de outros paradigmas.

Paralelamente, vivemos hoje com o avanço progressivo das tecnologias digitais e se por um lado, as próprias técnicas, dispositivos e usos são acolhidos com prestígio, por outro, considera-se um olhar que vai além das tecnologias envolvidas no ciberespaço, voltado para compreensões dos sujeitos. Com essa tendência, a informação disponibilizada e acessada em ambientes digitais se desprende de ideias de materialidade.

Assimilamos que os suportes para registro da informação influenciam e adaptam modos e práticas de leitura. Isto posto, vivemos uma época em que suportes tradicionais e digitais convivem lado a lado e desse modo observamos nas ponderações dos leitores os ajustes e adaptações nas interações e relações com a leitura.

Dessa forma, nos ambientes digitais transportam-se dados e informações e igualmente, expressões subjetivas e culturais, o que abre caminhos para a construção de conhecimentos e práticas. Presenciamos a utilização das tecnologias digitais orientando modos de comunicação, costumes, serviços, e assim se internalizando em comportamentos e atividades de cunho pessoal, social, profissional e outros ligados à nossa vivência.

Abordando a leitura e suas interações acerca de suportes tradicionais e digitais, foi interessante observar como os participantes se perceberem leitores e os diferentes tipos e naturezas de leitura citados. Das mudanças advindas pelo meio digital, vemos as práticas de leitura associadas às necessidades cotidianas, mas também à afetividade e subjetividade dos leitores. Dessa forma, ainda se reconhecem as novas possibilidades que se delineiam com as tecnologias promovendo novas utilidades e proveitos.

Observando os contextos que incluem sujeitos, informações e tecnologias, salta aos nossos olhos não as interações e métodos estáticos ou concretos, mas as dinâmicas e processos nas quais se cria e se compartilha sentidos, em que se ressignificam meios e concepções. No entendimento da mediação nessa conjuntura, perpassamos por experiências e vivências dos leitores, descobrindo diversidade de elementos e modos diferentes de espaços, onde se integram à realidade dos sujeitos. Com isso, no andamento das discussões, visualizamos leituras que se permitiam ser mais abrangentes e aproximações, mais ativas.

Entendemos que no grande volume e fluxos informacionais que circulam ao nosso redor, os interesses se direcionam a cotidianos e se relacionam a experiências vividas, mas a informação estar disponível não denota que será acessada ou compreendida. Com a mediação, em noções de estabelecer encontros entre atores, recursos e objetos, é possível a elaboração de sentidos em conjunto, fazendo leituras que levem ao desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens.

Na transcendência do ponto de vista focado na fisicalidade, vislumbramos, além do objeto material limitado a espaço e tempo, as possibilidades de acervos digitais em potencializar aproximações e compartilhamentos, tanto com os usuários quanto com as bibliotecas. Nessa colaboração, apoiado pelas tecnologias que evoluem em ritmo acelerado, os sujeitos atuam como os criadores de significados, imaginários e práticas.

Indo ao encontro da proposta de digitalização de documentos de cunho histórico, raros ou frágeis, representativos do patrimônio e memória cultural, entendemos com a preservação digital a oportunidade de proporcionar o acesso de forma democrática, auxiliando na difusão de conhecimentos. Para os participantes, percebemos em algumas declarações uma maior conscientização e valorização da importância que esses documentos simbolizam para a cultura e a sociedade. Isto posto, compreende-se a leitura e a informação como condutores ao desenvolvimento e aquisição de conhecimentos e as bibliotecas digitais como ambientes que possibilitam a preservação e o acesso, visibilizando saberes.

Das características de fluidez, crescimento, rapidez e transformações das tecnologias digitais, pudemos percebê-las no próprio andamento da pesquisa. Na ocasião em que começamos este estudo, o dossiê “França no Brasil” se encontrava diretamente ambientado em uma seção da BNDigital, entretanto agora no seu acesso somos levados ao site “França-Brasil” editado pela Biblioteca Nacional da França e integrado a coleção Patrimônios Compartilhados.

Sobre as bibliotecas digitais, percebemos também a superação de contornos materiais e a complexidade da mediação em ambiente digital. Dessa forma, outras concepções são incorporadas a essa realidade, e não apenas transferida entre espaços. Na oportunidade de oferecer novas condições de acesso aos usuários, se coloca em destaque a participação deles,

em um movimento que envolve pluralidade de elementos e contextos, como suas vivências e meios sociais e culturais.

Para os tempos atuais, marcados pela disposição e desenvolvimento de tecnologias que rapidamente transformam percepções e práticas dos indivíduos, além de redefinir processos informacionais e comunicacionais. Consideramos a importância de abordar o aspecto humano, social e cultural diante das relações e interações com suportes de leitura em ambiente digital. Este estudo teve por intuito entender a mediação de leitura nesse âmbito, identificando que este é um processo que se fortalece em aproximações e em percepções de contextos e sentidos atribuídos e fabricados pelos sujeitos.

Nessa pesquisa, reconhecemos a característica interdisciplinar da Ciência da Informação, tornando-se claro para nós a necessidade de entender conceitos e práticas de informação partindo de olhares em conjunto. Oferecemos com essa investigação um recorte do momento em que nos encontramos, observando trajetórias e conceitos que nos auxiliam a analisar nosso presente e assim pensar compreensões e percursos científicos futuros.

Dos constantes movimentos e transformações próprios da leitura e da cultura percebidos em nossos cotidianos e que se refletem em concepções, práticas e técnicas, percebe-se oportunidades no desenvolvimento de novos modos de interpretação do mundo. Adotando um olhar atencioso para a problemática que identificamos inicialmente, esperamos que este trabalho possa contribuir na construção de entendimentos sobre os assuntos que propomos discorrer.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. **Mediação da Informação e da Leitura**. In: II Seminário em Ciência da Informação - UEL, Londrina, 2007. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/13269/>. Acesso em: 9 nov. 2019.
- ANDRADE, Rosane Maria Nunes. Bibliotecas: lugar de memória e de preservação - o caso da Biblioteca Nacional do Brasil. **Patrimônio e memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 17-34, jun. 2009. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/41/499>. Acesso em: 6 maio 2019.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. Metamorfoses da cultura: do impresso ao digital, criando novos formatos e papéis em ambiente de informação. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 33, n. 2, dez. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1042>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto de Ávila. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.20, n.3, p. 95-105, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/6951/4808>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Distrito Federal: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRAINFO, 2014.
- BARBIER, René. **Pesquisa-ação**. Brasília, DF: Liber Livro, 2007.
- BARRETO, Angela Maria. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 111-122, maio/ago., 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2728>. Acesso em: 25 abr. 2019
- BARRETO, Angela Maria. **Memória e leitura: as categorias da produção de sentidos**. Salvador, BA: EDUFBA, 2006.
- BELEZA, Flávia Tavares. **A mediação social como instrumento de participação para a realização da cidadania**. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8176>. Acessado em: 12 maio 2019.
- BENTES PINTO, Virginia; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. Pesquisa Bibliográfica e Documental: o fazer científico em construção. In: BENTES PINTO, Virginia; Vidotti, Silvana Aparecida Borsetti Gregório; CAVALCANTE, Lidia Eugênia. **Aplicabilidades Metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 15-34
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 4. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. 2019. Disponível em: <https://www.wdl.org/pt/>. Acesso em: 12 maio 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: o projeto. 2018a. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/o-projeto-artigo>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: a coleção Patrimônios Compartilhados. 2018b. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/colecao-patrimonios-compartilhados>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil. 2018c. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/homepage>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: momentos chave. 2018d. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/momentos-chave-artigo>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: correntes transatlânticas. 2018e. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/correntes-transatlanticas-artigo>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: literatura e circulação de ideias. 2018f. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/litteratura-e-circulacao-das-ideias-artigo>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: artes, ciências e técnicas. 2018g. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/artes-ciencias-tecnicas-artigo>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. Patrimônios compartilhados: França-Brasil: quadro de conteúdos. 2018h. Disponível em: <https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/quadro-de-conteudos>. Acesso em 17 nov. 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL. **Guia da Biblioteca Nacional: sesquicentenário - 1810- 1960. 1960.** Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg621953.pdf. Acesso em: 06 maio 2019.

BORTOLIN, Sueli. **O mediador de leitura.** 2007. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em: 9 nov. 2019.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. O leitor: co-enunciador do texto. *In: Polifonia*. n. 1, Cuiabá: Editora da UFMT, 1994, p. 85-90.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: Lições americana. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e ciência da informação**. Encontro Nacional de pesquisa em ciência da Informação (ENANCIB). Belo Horizonte, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enan-cib_p.htm. Acesso em 19 abr. 2019.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 12 maio 2019.

CASA DE CULTURA ESTRANGEIRA: Casa de Cultura Francesa. Apresentação e histórico, 2019. Disponível em: <http://www.casasdeculturaestrangeira.ufc.br/casa-de-cultura-francesa/apresentacao-e-historico/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Espaços de mediações de leitura na internet. *In*: SANTANA, José Rogério et al. (Org.). **Inovações, Cibercultura e Educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p.236-25

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Memória, patrimônio e fontes digitais. *In*: VASCONCELOS, José Gerardo et al. (Org.). **História da educação**: real e virtual em debate. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Patrimônio digital e informação: política, cultura e diversidade. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 12, n. 23, p. 152-170, dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2007v12n23p152>. Acesso em: 27 set. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1994

CONARQ. **Carta para preservação do patrimônio arquivístico digital**. 2005. Disponível em: http://conarq.gov.br/images/publicacoes_textos/Carta_preservacao.pdf. Acesso em: 12 maio 2019.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8118/5807>. Acesso em: 25 abr. 2019.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 180-192.

CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 2-17, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a02.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo?. **Prisma.com**. [s.l.], n. 4, p. 4-37, 2007. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2100>. Acesso em: 21 abr. 2019.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. 3.ed. São Paulo, SP: Iluminuras, 2005.

DODEBEI, Vera. Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. **Aurora**, revista de arte, mídia e política, [s.l.], n. 10, p. 36-50, jan. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614>. Acesso em 12 maio 2019.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 98-117, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3064/2695>. Acesso em: 26 abr. 2019.

FEITOSA, Tadeu. Leitura e Cultura. *In*: CURSO formação de mediadores de leitura. Fascículo 4. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019. p. 49-64.

FERREZ, Marc. **Bibliotheca Nacional**. [S.l.]: Marc Ferrez & Filhos, [1910?]. 1 reprodução fotomecânica., colotipia, p&b, 64,4 x 99,6 cm. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=80770. Acesso em: 29 out. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, Bookman, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL: Políticas de digitalização. Rio de Janeiro, 2019a. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/politicas-de-digitalizacao/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL: Missão. Rio de Janeiro, 2019b. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/sobre-a-bndigital/missao/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL: Biblioteca Nacional Digital (Brasil). Rio de Janeiro, 2019c. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em: 16 set. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GREENWOOD, Davydd J.; LEVIN, Morten. Reconstruindo as relações entre as universidades e a sociedade por meio da pesquisa-ação. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, Bookman, 2006. p. 91-113.

GRINGS, Luciana; DODEBEI, Vera. **Bibliotecas nacionais: história, memória, conceitos**. XVI ENANCIB: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43961>. Acesso em: 18 out. 2018.

HOPPE, Marcia Cristina; COSTA-HÜBES, T da C. Concepções de leitura na Educação Básica e a sua relação com a Prova Brasil. *In*: **XI Jornada do HISTEDBR. Anais da XI Jornada do HISTEDBR**. Cascavel – PR: Edunioeste, 2013. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/7/artigo_simposio_7_1036_inter_marcia@hotmail.com.pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3. ed. São Paulo, SP: Ática, 1997.

LARA, Sílvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.17-39, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7953/4740>. Acesso: 19. abr. 2019

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIÉGEARD, Stéphen. **A bord**: Sonnet Improvisé Par S. M. Dom Pedro II, Empereur du Brésil. A Bord de la Gironde (Traduction). Cannes, França: [s.n.], 1888. 1f. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1255458/mss1255458.pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-47, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

LYONS, Martyn. **Livro: uma história viva**. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. 2009. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

MARTINS, Vinicius Pontes. **BNDigital – 10 anos**: retrospectiva e perspectivas para os próximos 10 anos. Seminário Serviços de Informação em Museus. 2016. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/publicacoes/index.php/sim/article/view/104/109>. Acesso em 8 maio 2019.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A ciência da informação, memória e esquecimento. **DataGramaZero**, [s.l.], v. 9, n. 6, 2008. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/45116>. Acesso em: 7 abr. 2019

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 19 abr. 2019.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Mediação da informação em bibliotecas universitárias brasileiras e francesas**. 2015. 219 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18642>. Acesso em: 9 nov. 2019.

PORTELLA, Célia Maria. Releitura da Biblioteca Nacional. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 24, n. 69, p. 247-264, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10524/12266>. Acesso em: 06 maio 2019.

PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeus da (Org.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: Edufba, 2008. p. 51-68.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamritam. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. *In*: TORRES, Patrícia Lupion (org.). **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: SENAR-PR. 2014. p. 27-44. Disponível em: https://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf. Acesso em: 31 mar. 2019.

SAYÃO, Luis Fernando. Afinal, o que é biblioteca digital?. **Revista USP**, São Paulo, n. 80, p. 6-17, dez./fev., 2008-2009. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/14675/1/biblioteca-digital.pdf>. Acesso em: 01 maio 2019.

SCHOLLES, Robert. **Protocolos de leitura**. Lisboa: Edições 70, [c1991].

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Maria Costa e. Mediação e(m) educação: discursos e práticas. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 6, n. 12, p.249-265, jul/dez 2011. Disponível em: <https://uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/41/25>. Acesso em: 21. abr. 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & realidade brasileira**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf> Acesso em: 7 abr. 2019.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p.143-160, dez 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>. Acesso em: 19 mar. 2019.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 32-43, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/05.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. **A biblioteca digital**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UNESCO. Programa Memória do Mundo. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/digital-transformation-and-innovation/memory-of-the-world-programme/>. Acesso em: 05 maio 2019.

UNESCO. **Declaração UNESCO/UBC Vancouver:** A memória do mundo na era digital: digitalização e preservação. Vancouver, 2012. Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/images/mow/unesco_abc_vancouver_declaration_pt.pdf. Acesso em: 12 maio 2019.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7.ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

WEINBERGER, David. **A nova desordem digital:** os novos princípios que estão reinventando os negócios, a educação, a política, a ciência e a cultura. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. *In:* MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 170-180.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o(a) senhor(a) para participar na pesquisa da dissertação intitulada: “A MEDIAÇÃO DA LEITURA NO ÂMBITO DAS BIBLIOTECAS DIGITAIS”, do Mestrado em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Ceará. O objetivo principal da pesquisa é investigar a mediação da leitura de obras históricas e culturais a partir do acesso ao dossiê "França no Brasil" na BNDigital no que tange ao desenvolvimento de conhecimentos, aprendizagens e valorização do patrimônio documental digital. Para isso, realizaremos grupo focal, oficina e questionário com os alunos e professores de língua francesa na Casa de Cultura Francesa/UFC. Peço que leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

TÍTULO DA PESQUISA: A mediação da leitura no âmbito das bibliotecas digitais

PESQUISADOR(A): Raquel da Silva Nascimento

ORIENTADOR(A): Prof.^a Dr^a Lidia Eugenia Cavalcante

CURSO: Mestrado Acadêmico em Ciência da Informação – PPGCI/UFC

PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS: Pesquisa-ação, realização de grupo focal, oficina e aplicação de questionário.

Destacamos, que a qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá se recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantimos que as informações aqui fornecidas serão de uso exclusivo para o desenvolvimento desta pesquisa, respeitando o anonimato do participante.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Raquel da Silva Nascimento

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua dos Sabiás, 691, apto 6 – Passaré, Fortaleza - CE.

Telefone para contato: (85) 3393-8712

Eu _____, _____ anos,

telefone: _____, declaro que é de livre e espontânea vontade que participo da pesquisa identificada acima. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DA OFICINA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA EM BIBLIOTECAS DIGITAIS

Aceite os termos e condições para participar da pesquisa

() Fui devidamente esclarecido sobre a pesquisa e estou ciente que os dados coletados serão utilizados somente para fins científicos, portanto dou meu consentimento em participar.

- Dados gerais

Selecione sua faixa etária

() 15 - 25 anos

() 26 - 35 anos

() 36 - 45 anos

() 46 - 55 anos

() Mais de 55 anos

Selecione sua escolaridade

() Ensino fundamental (completo ou incompleto)

() Ensino médio (completo ou incompleto)

() Ensino superior (completo ou incompleto)

() Pós-graduação (completo ou incompleto)

Em relação à língua francesa eu sou....

() Estudante de nível iniciante

() Estudante de nível intermediário

() Estudante de nível avançado

() Professor

() Nenhuma das alternativas

Principais meios de acesso à internet

[] Dispositivos móveis (celulares ou tablets)

[] Computadores de uso pessoal

Computadores de uso coletivo (faculdade, trabalho, outros)

Não costumo acessar a internet

Outros

Principais atividades que buscam na internet

E-mails ou aplicativos de conversa

Redes sociais

Pesquisa científicas

Entretenimento (jogos, vídeos, outros)

Utilização de serviços em geral

Ferramenta de trabalho

Não costumo acessar a internet

Outros

Conhecia a existência de bibliotecas digitais

Sim

Não

Costuma acessar sites de bibliotecas digitais

Sim

Não

- Para os enunciados seguintes selecione um número de 1 a 5, significando:

1 - Discordo totalmente

2 - Discordo parcialmente

3 - Neutro

4 - Concordo parcialmente

5 - Concordo totalmente

O acesso aos conteúdos das bibliotecas digitais é fácil e agradável

1 2 3 4 5

As bibliotecas digitais oferecem um ambiente favorável ao desenvolvimento de conhecimentos e aprendizagens

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Os documentos disponibilizados nas bibliotecas digitais promovem a valorização da memória e patrimônio cultural

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Pretendo continuar visitando bibliotecas digitais

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Utilize esse espaço caso queira comentar sobre alguma resposta dessa seção

- Aprofundando o que foi abordado na oficina

Você se considera um leitor? Por quê?

Como você percebe as particularidades da leitura em meio físico e em meio digital?

Após a oficina, como você vê a preservação e o acesso à leitura de documentos históricos e culturais?

Você considera importante a existência desse acervo virtual para o aprendizado da língua francesa?

- Avaliação da pesquisa

Obrigado por chegar até aqui, diga-nos o que achou da oficina e deste questionário.
